

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

OS JOVENS EM SEU BAIRRO

Efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no município de Águas Lindas de
Goiás

Autor: Yacine Guellati

Dissertação apresentada ao Departamento
de Sociologia da Universidade de Brasília
como parte dos requisitos para obtenção do
título acadêmico de Mestre em Sociologia.

Brasília, outubro de 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

OS JOVENS EM SEU BAIRRO

Efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no município de Águas Lindas de
Goiás

Autor: Yacine Guellati

Orientador: Arthur Trindade Maranhão Costa

Banca examinadora:

Prof. Dr. Arthur Trindade Maranhão Costa (SOL/UnB – Presidente)

Profa. Dra. Cristina Zackseski (FDD/UNB – Membro)

Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes (SOL/UnB - Membro)

Profa. Dra. Haydée Glória Caruso (SOL/UnB - Suplente)

AGRADECIMENTOS

Muitos fizeram parte do processo de construção desta dissertação, eu esperava com impaciência a oportunidade de poder agradecer e homenagear com muito carinho a todos que participaram de alguma forma desta concretização.

Aos meus pais, Gláucia e Hassen, a base de tudo que eu sou ou tento ser. Obrigado por sempre terem me apoiado incondicionalmente em todos os momentos. Foi ao conversar com vocês, nos momentos de ócio que surgiram meus primeiros questionamentos e foram se desvendando também os enigmas. Amo vocês!

A minha companheira Karine, pelo apoio e compreensão, pelo carinho e pelos conselhos bem colocados.

Aos meus amigos-irmãos: Thierry, Fred, Patrick, Miojo, Mariana, Carol, Júnior, Paulinho e Gabu. Obrigado pela presença e pela amizade! Prometo agora me dedicar mais assiduamente a essas velhas e grandes amizades!

Aos meus amigos-sociólogos, atuais e, espero futuros colegas de jornada, que muito me apoiaram e suportaram minhas angústias e inúmeras dúvidas: Fernanda, Janete Araújo, Janete Rodrigues, Luciana, Cláudio. Agradeço em especial ao André e ao Rafael, que de noções de informática a sociologia, passando pelo vegetarianismo, me ensinaram muito e me suportaram, não sei como!

Aos mestres com carinho: ao professor Benjamin Honorat por ter me dado o primeiro gostinho pela sociologia, ainda aos 15 anos e por hoje ainda fazer parte deste percurso. A Constance de Gourcy, professora de graduação e de início de Mestrado na França, apesar de ter perdido o contato me sinto hoje extremamente grato a ela por ter me encorajado a continuar e acreditar na minha capacidade de fazer bem o que escolhi fazer. Aos professores da UnB, a começar pelo professor Brasilmar Nunes, primeiro contato com o Departamento de Sociologia, pelo ouvido sempre atento e pelos conselhos ricos. A professora Christiane Girard, por ter sido sempre prestativa, pelo apoio moral e conversas pelos corredores do Departamento. Aos demais professores que fizeram parte deste percurso: Astrid Kuchmann, Haydée Caruso, Christiane Coelho, Maria Stela Grossi Porto e, Marcelo Rosa. Aos professores que formaram a banca de qualificação, Analia Batista e

Brasilmar, pelos conselhos, críticas e indicações que tentei levar adiante. A professora Cristina Zackseski por sua leitura minuciosa e participação na banca de defesa final. A professora e amiga Carla Coelho de Andrade, que me inspirou e ajudou muito na fase final de construção desse trabalho, o meu agradecimento e homenagem.

Ao meu orientador, professor Arthur Costa, o meu sincero obrigado, pela dedicação, pelo apoio e paciência, mini-aulas em sua sala, releituras e, sobretudo por ter feito brotar em minha cabeça um dos pilares desse trabalho, como você disse Arthur, eu tinha o tema – “a estante” -, a metodologia e faltava o local, onde “estacionar o carro”.

Ao conjunto da equipe do Departamento de Sociologia da Unb, e principalmente a Paula e a Patrícia, por terem me suportado com tanta simpatia e bom humor.

A equipe do Ipea: Almir, Helder, Andréia, Tatiana, Pedro, pela oportunidade de estar vivendo uma experiência tão rica, muito obrigado pela compreensão e apoio de todos vocês!

Ao conjunto da comunidade de Águas Lindas de Goiás, pelo acolhimento caloroso, e por ter me feito me sentir em casa. A tia Maria por ter aberto as portas de sua casa para mim e ter me tratado como um verdadeiro “sobrinho”.

A equipe do Colégio PF, professores e demais funcionários que me receberam e apoiaram a minha estadia. Agradeço em especial a três grandes mestres, Michelle, Cleide e Sérgio, que me fizeram ter admiração e muito respeito pela “arte de ser professor”. Aos demais apoiadores logísticos, informantes e hoje ainda amigos águas-lindenses. Agradeço claro, aos alunos, todos, que muito contribuíram para realização desse trabalho, contando suas histórias de vida e sonhos para mim, e me dando a oportunidade de tentar transmitir algo para eles. Ainda sei o nome de quase todos 120 alunos que tive de cor, mas não poderei citar todos aqui. Muito obrigado!

Quase três anos se passaram... O Alzheimer consumiu a minha avó, mas ter apertado minha mão aquele dia me deu muita força vó! Me nutri de muita coragem pensando na *petite vieille mignonne*, e dez anos de saudade foram fonte de muita inspiração.

Tudo valeu a pena!

Resumo

Este trabalho traz reflexões sobre como compreender a juventude residente nos territórios “na margem”, com a intenção de ir além dos dados estatísticos e questionar qualquer visão muito homogênea dessas localidades. A temática é relevante, frente ao crescimento massivo das metrópoles brasileiras que tem por consequência a formação de novas “periferias nas periferias”.

Considera-se que para uma observação mais aprofundada dos espaços urbanos, o bairro pode ser considerado como uma unidade territorial de observação e como uma escala de análise dos vínculos que se criam entre o espaço físico e as práticas sociais. Buscou-se, por meio de uma análise etnográfica realizada em um processo de imersão total, mostrar a complexidade interna dessas localidades. Surgiram assim diversos atores, diferentes estruturas familiares e mostraram-se formas diversas de sociabilidade e os diferentes “mundos” juvenis presentes neste território e resultantes dos “efeitos de bairro”.

Foram observadas as diferentes dimensões do “ser jovem” na localidade, dissipando estigmas e preconceitos sobre a experiência dos jovens do Entorno do Distrito Federal.

Palavras-chaves: Entorno do Distrito Federal; efeitos de bairro; sociabilidades juvenis; trajetórias de vida

Abstract

This work brings reflexions on how to understand the youth living in territories “at the border”, with the intention of going beyond statistic data and questioning any very homogeneous vision of these places. The subject is relevant, given the massive growth of Brazilian metropolises that sees, as a consequence, new “outskirts at the outskirts”.

For a deeper observation of urban spaces, the neighborhood can be considered as an observation territorial unity. Also it can be an analytical level of the links that are created between the physical space and the social practice. The aim is to show, through an ethnographic analysis performed in a process of total immersion, these places internal complexity. Various actors and different family structures appeared, showing different forms of sociability and the varied juvenile “worlds” present in this territory and resulting from the “neighborhood effects”.

The different dimensions of “being young” were observed in the area, removing stigmas and preconceived ideas about the experience of the young population at the borders of the Federal District of Brasília.

Key Words: borders of Federal District of Brasilia; neighborhood effects; juvenile sociability; life path

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Taxa média geométrica de crescimento anual da população (%) no DF e no Brasil, entre 1960 e 2010.....	46
Tabela 2 - Crescimento Populacional do Distrito Federal de 1960 a 2010.....	47
Tabela 3 - Proporção da evolução demográfica da Periferia Metropolitana em relação ao Distrito Federal, entre 1980 e 2013 (em %)	48
Tabela 4 - Evolução demográfica dos municípios da Periferia Metropolitana da AMB, entre 1980 e 2013 (números absolutos)	49
Tabela 5 - Taxa geométrica de Crescimento médio populacional anual na Periferia Metropolitana da AMB de 1991 a 2013	50
Tabela 6 - População, seguindo a naturalidade, por município da AMB	51
Tabela 7 - População urbana da PMB, por local de trabalho – PMAD - 2013.....	57
Tabela 8 - Fluxo de passageiros entre o DF e oito municípios da AMB - 2010.....	57
Tabela 9 - Taxas de homicídios em oito municípios da AMB – 2010.....	59
Tabela 10 - Proporção de jovens na população total do município de Águas Lindas de Goiás (em 2013)	62

Lista de Mapas e croquis

Mapa 1 - Municípios da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE/DF) _____	41
Mapa 2 - Municípios que integram a Área Metropolitana de Brasília (AMB), inseridos na RIDE/DF _____	43
Mapa 3 - Fragmentação territorial na região do Entorno do Distrito Federal 1940-2005 _____	44
Mapa 4 - Desmembramentos do município de Luziânia (Entorno-sul) _____	45
Mapa 5 - Localização de Águas Lindas no estado de Goiás _____	61
Mapa 6 - Crescimento urbano e adensamento populacional em Águas Lindas entre 1995 e 2000 _____	63
Croqui 1 - Planta de situação do bairro Cidade do Entorno _____	67

Lista de Figuras

Figura 1 - Entrada do bairro Cidade do Entorno	68
Figura 2 - Perspectivas comparativas entre a rua comercial do setor Cidade do Entorno (ao lado) e rua comercial do Jardim Brasília	69
Figura 3 - Feira do Entorno - domingo pela manhã.....	71
Figura 4 – Lixo a céu aberto.....	99
Figura 5 - Outdoor instalado na entrada de Águas Lindas por grevistas do Sinpol/GO, em 2012	105
Figura 6 - Espaço investido. Point das galerias	126
Figura 7 - Fachada de entrada do CEPF	134
Figura 8 - Vista interna do CEPF. Pichações nos muros	134

Lista de abreviaturas e siglas

AMB – Área Metropolitana de Brasília

APA – Área de Proteção Ambiental

CEPF – Colégio Estadual Paulo Freire

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

DF – Distrito Federal

GDF – Governo do Distrito Federal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PD – Plano Diretor

PEA – População Economicamente Ativa

PIB – Produto Interno Bruto

PMAD – Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios

PM da AMB – Periferia Metropolitana da Área Metropolitana de Brasília

PPA – Plano Plurianual

RAs - Regiões Administrativas do DF

RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico

Sumário

Introdução	10
Considerações metodológicas	16
Percursos da pesquisa	21
Reflexões sobre a posição em campo.....	25
Plano da dissertação	30
Capítulo I – Águas Lindas e o Entorno do Distrito Federal -----	33
1 - O “Período pioneiro” - 1956 a 1973.....	34
2 - O “Período de consolidação de Brasília”- 1974 a 1990	37
3 - O “período contemporâneo” – de 1990 até os dias atuais	39
4- O que é ser “Entorno” e suas problemáticas principais	42
5 – Águas Lindas ou a “periferia da periferia”	60
6 - O bairro “Cidade do Entorno”	66
Capítulo II – Por uma sociologia na escala do bairro-----	73
1 – Estudos pioneiros: por uma sociologia na escala do bairro.....	75
2 – “Efeitos de bairro” e mobilidade urbana	78
3 – Estudos de bairro no Brasil – violência urbana e manifestações culturais	86
4 – Juventude(s)	89
Capítulo III – Cidade do Entorno: um espaço estigmatizado -----	94
1 – A estigmatização territorial	96
2 - Narrativas violentas como pano de fundo.....	104
3 – Neutralizando o estigma.....	111
4 – Mobilidade e proporção do efeito de bairro.....	116
Capítulo IV - Territorialização e defesa do espaço -----	119
1 – Construção simbólica do espaço social	121

2- Cultura de rua e <i>ethos</i> adolescente	126
3 – Entre afinidades e rivalidades: música e religião	130
Capitulo V – Mundos e sociabilidades juvenis	133
1 – O mundo da escola.....	133
2 - Valores do Trabalho	140
3 - Percepções sobre a família.....	144
4 - <i>Ethos</i> religioso.....	147
Considerações finais.....	151
Bibliografia.....	153

Introdução

Domingo, 10h da manhã, estou em meu carro acompanhado por Marina, moradora de Águas Lindas a quem dei carona, pois ela se encontrava em Brasília. No meio da BR-070 - sentido Goiânia - cruço a pista à direita para entrar no bairro Jardim Brasília, após o balão sigo pela Avenida JK. O comércio aqui é efervescente, mesmo sendo domingo pela manhã, todas as lojas estão abertas. A avenida é pavimentada, bem sinalizada, duas pistas de cada lado, postes de luz modernos, passagens de pedestre a cada 100 ou 200 metros, alguns semáforos e comércios de todas as sortes: lojas de departamento, vestuário, concessionárias automobilísticas, camelôs, lojas de varejo e atacado, diversas agências bancárias e lojas de eletrodomésticos. Vários carros transitam, param em fila dupla, estacionam em ambos os lados. Carros de grande e de médio porte, inclusive grandes carros. Há também muitos pedestres transitando pela avenida, entre esses, muitos jovens. Ao final desta avenida, que tem cerca de um quilômetro e meio, Marina me mostra a esquerda um prédio de foi interditado pela defesa civil *“você está vendo que ele está torto? Planejaram mal, foi interditado e vai ser demolido”*, diz ela. À direita tem um grande posto de gasolina e o asfalto acaba... *“vá com cuidado ouvi dizer que choveu muito por aqui ontem à noite, e está tudo esburacado”*. Já na estrada de terra, desviando dos inúmeros buracos que mais pareciam crateras, à direita percebo algumas instalações que parecem um parque infantil, *“não traria nunca um filho meu aqui”*, diz Marina. Seguimos mais lentamente, pneu na lama, muitas casas de diversos padrões, em sua maioria pequenas casas, alguns barracos, alguns comércios também, pequenos mercados, lojas de construção. Mais adiante um espaço cercado destinado a uma feira, camelôs junto às lojas edificadas oferecem preços que desafiam toda concorrência, mas as notas fiscais são inexistentes. Muitos jovens circulam em torno da feira, conversam entre si, jogam bola, vigiam carros dos frequentadores em troca de alguns centavos. O som ambiente é *“Negro Drama”* dos Racionais. Saímos de lá, após darmos uma volta pegamos novamente o carro. Tráfego mais alguns metros, desviando dos buracos, vejo duas igrejas evangélicas e alguns botecos, à direita uma escola que leciona do 6º ano ao último ano do Ensino Médio, *“escola particular evangélica”*, me diz Marina, à esquerda uma escola estadual, que segundo a moradora responde pela fama de *“Carandiru I”*, pois *“lá só tem bandido, drogado, traficante”*. Mais adiante, *“ali a esquerda foi improvisado um postinho de saúde”*, em uma casa da vizinhança, aluguel da prefeitura *“faz anos que prometem um de verdade e 24h”*. *“Vire à direita, aqui está minha rua”*, jogaram lixo para tapar os buracos resultantes da chuva forte da véspera, reconhecemos lixo orgânico, sacolas plásticas, e até uma boneca infantil... mas Marina está feliz: *“o novo prefeito prometeu que vai asfaltar e instalar o esgoto no bairro Cidade do Entorno o quanto antes!”* Novo horizonte adiante? Marina é moradora do bairro Cidade do Entorno desde 1994:

“e olha que muito já melhorou viu? Antes aqui não tinha nada, era só mato! Nem eletricidade tinha ainda era tudo na lamparina, já pensou? O problema daqui é que tem muita gente que escolhe o caminho errado... Os jovens aqui são sem ambição, sabe? Traficantes, drogado... alguns poucos foram fazer faculdade e trabalhar em Brasília, mas a maioria não... fica aqui bando de desocupados, de vagabundos, se envolvendo com o crime, depois são esses que acabam morrendo em acertos de conta”. (trechos do diário de campo, março 2013).

A opinião enunciada por Marina confirma a que é veiculada pela mídia e opinião pública em geral, sobretudo fora do município de Águas Lindas. Existem aparentemente duas categorias dicotômicas de jovens na localidade, os que “seguiram o mau caminho”,

traficantes, meliantes, drogados, sem ambição (usando os próprios termos utilizados pela população local ao falar dessa categoria) e os jovens “de bem”, trabalhadores em Brasília, estudiosos, religiosos, que querem encontrar alternativas a sua condição social.

A desvalorização do bairro é percebida nos discursos, que muitas vezes não revelam as múltiplas e complexas causas, mas somente as suas consequências. É certo que a violência, uma das principais questões apontadas no bairro, provoca insegurança e resistência, porém, o que vem ocorrendo no bairro não pode estar desvinculado dos problemas estruturais, pobreza, desemprego, falta de saneamento básico, falta de espaços de lazer, higiene e qualidade da educação.

Objeto de estudo

Se este estudo objetiva focalizar principalmente na situação do bairro “Cidade do Entorno”, ele também pretende se centrar na observação do cotidiano dos jovens desta localidade.

Reconhece-se a dificuldade de definição e delimitação do conceito “juventude”, e ciente das limitações do recorte etário, em um primeiro tempo, este estudo utilizou-se da definição conceitual do Mapa da Violência dos Jovens, publicado em 2006, que se baseou no definido pela Organização Pan-Americana de Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS). A juventude inclui-se na faixa etária transitória entre a infância e preparação a vida adulta, tanto profissional quanto familiar. No entanto, quando se deu o desenvolvimento da pesquisa, tal recorte foi por muitas vezes questionado, mostrando-se demasiadamente “fechado” e linear, e conseqüentemente limitando a compreensão do universo juvenil.

Os limites entre ser criança, adolescente, adulto são muito sutis e diferentes em função de cada contexto e história de vida. Empiricamente, foram considerados como “jovens”, indivíduos entre 12 e 20 anos. Na realidade observada, são estes que compartilham os mesmos espaços de socialização, e que passam por questionamentos semelhantes entre “o ser criança e ser adulto”.

A escolha deste foco – os jovens - se construiu a partir da ideia que, se o conjunto da população do município de Águas Lindas já vive em um contexto de vulnerabilidade

social, devido à quase inexistência da ação estatal, em quesitos essenciais de desenvolvimento humano como: a Saúde, a Educação e a Segurança Pública, os jovens e os moradores do bairro Cidade do Entorno, encontram-se, ainda mais, em estado de vulnerabilidade.

Esta constatação tem como origem um levantamento de dados feito no momento da pesquisa exploratória, nas Secretarias de Educação Municipal e Estadual da cidade de Águas Lindas, assim como, em algumas entrevistas realizadas com diretores de escolas municipais e estaduais do município. Evidentemente, que estas são mais hipóteses do que afirmações conclusivas, porém servem de pista de trabalho ao que se pretende ser observado e analisado neste estudo.

Analisando os dados divulgados pela Secretaria de Educação Municipal, percebe-se uma forte atuação da municipalidade na educação básica e fundamental. Com um número elevado de escolas municipais e um bom efetivo de professores, bem como, diversos programas em andamento que favorecem a qualidade do ensino, do 1º ao 5º ano.

A maioria destes programas educacionais é financiada pela municipalidade e Governo Federal. Segundo os coordenadores pedagógicos, da Secretaria da Educação e de estabelecimentos escolares municipais visitados, houve uma melhoria significativa nos últimos dez anos, possibilitando fornecer um ensino básico de qualidade aos habitantes do município.

São 44 escolas municipais com cerca de 21.600 alunos matriculados, com uma média de 27 alunos por turma¹. O sistema de escola integral foi implantado em 50% dos estabelecimentos escolares e pretende atingir o conjunto de toda rede escolar futuramente. Os alunos da rede pública beneficiam-se de transporte escolar gratuito e merenda e são elaborados programas para a aproximação entre as famílias e a escola, em parceria com o CRAS – Centro de Referência em Assistência Social - do município.

Em comparação, a situação das escolas estaduais, que lecionam do 6ºano ao último ano do ensino médio, continua precária. Os programas educacionais voltados para este universo estudantil foram extintos ao final do último governo municipal e até início de 2013, não havia uma representação da Secretaria de Educação Estadual no município,

¹ Dados de 2012, obtidos junto a Secretaria Municipal de Educação do município de Águas Lindas de Goiás.

estando a mais próxima situada em Planaltina de Goiás, dificultando o já lento processo de melhorias.

Entre os vários problemas existentes, destacam-se o baixo número de colégios estaduais (17 para toda a população²); a carência de professores e o constante *turn-over* (rotatividade) destes, que segundo a vice-diretora de um dos colégios visitados, “não costumam ficar por muito tempo no cargo, devido à dura rotina de trabalho”; e o elevado número de alunos por sala de aula.

Como consequência desses problemas, os colégios existentes, não suportam a demanda de matrículas e são obrigados a funcionar em turnos exíguos, dificultando a oferta de um ensino de qualidade. Assim, a taxa de reprovação e de evasão escolar é consideravelmente elevada, girando em torno dos 20% cada uma.

Mais uma vez, as principais vítimas das vulnerabilidades sociais relacionadas ao município, são os jovens os mesmos que convivem com todos os preconceitos, estigmas e a quem são atribuídos muitas vezes todos os problemas da região no que diz respeito à violência e a desorganização social.

Para concluir, a segunda “variável” deste estudo se concentra nos “jovens”, buscando identificar como estes “negociam” com as condições sociais que lhe são particulares: a escola, a família, o mercado de trabalho, a rua e o grupo.

Analisando para este fim, as interações e relações no cotidiano destes jovens com a família, com os outros jovens, com os professores, com os outros moradores, bem como, a relação que mantêm com o mundo externo, sobretudo, com o Distrito Federal.

O objetivo final desta dissertação consistiu em elaborar uma análise dos territórios “na margem”. Ir além dos dados estatísticos recolhidos e questionando uma visão por vezes muito homogênea dessas localidades.

Apenas uma etnografia permite mostrar a complexidade interna desses bairros. Apresentando os diversos atores, as diferentes estruturas familiares, as formas de sociabilidade ou de fuga, e os tipos de “jovens” deste território, o espaço vivido e os “mundos” desta realidade.

² Em 2013.

Foi necessário para isto entrar no cotidiano dessa população, viver o contexto dessa juventude, entender como estes negociam cotidianamente com suas condições de vida, buscando entender as suas trajetórias, as suas vivências na escola, na família, na rua e entre seus pares.

A presente dissertação segue uma evidente inspiração nos estudos feitos sobre as populações imigrantes nos países europeus, sobretudo no contexto francês atual (BEAUD, 2003) e (LEPOUTRE, 2001). Acredita-se que a situação da juventude nos dois contextos, mesmo se bem diferentes, se assemelham quando se usam os conceitos de desvio, estigma, mobilidade e violência simbólica.

Este estudo tem como relevância científica, a aproximação, em termos de análise e de conceitos, de duas realidades sociais distintas, a das *banlieues* francesas e a do bairro Cidade do Entorno.

Problemática

Para uma observação mais aprofundada da complexidade dos espaços urbanos, o bairro pode ser considerado, uma unidade territorial de observação e uma escala de análise dos vínculos que se criam entre o espaço físico e as práticas sociais. Surgem vários questionamentos, como:

- Qual seria o papel do bairro e de sua vizinhança, no processo de socialização destes jovens e seus efeitos no destino social de seus habitantes?
- Em que a unidade territorial “bairro” condiciona os comportamentos de seus habitantes?
- Em que as características de um bairro influenciam as sociabilidades e a criação de identidades?

E a problemática principal: em que medida as configurações sociais e espaciais podem agir sobre as trajetórias e as condutas dos indivíduos?

Hipóteses/questionamentos condutores

A fim de encontrar uma resposta ampla a essa problemática sobressaíram ao princípio da pesquisa, três questionamentos, que pretendem ser respondidos nesta dissertação. Esses questionamentos hipotéticos serviram de fio condutor de como este estudo deveria ser desenvolvido.

Em uma primeira etapa da análise, a questão foi de: saber em que a unidade territorial “bairro” condiciona os comportamentos de seus habitantes? Para responder a esta pergunta observou-se, por meio de levantamento de dados etnográficos se existiam correlações entre as taxas de violência em determinados bairros do município de Águas Lindas mais do que em outros, para este fim, foi utilizada a recente pesquisa diagnóstico dos homicídios no Entorno (PNUD; SENASP; UNB, 2013). Um segundo eixo da pergunta acima, inspirou-se livremente na análise feita por Becker sobre o desvio e os desviantes (BECKER, 2010), e objetivou responder a indagação seguinte: qual o papel do bairro e da vizinhança no processo de socialização e seus efeitos sobre o destino social de seus habitantes? Por esta questão procurou-se fugir da descrição do bairro “cidade do entorno” por meio da noção de violência, mostrando que esta visão seria mais resultante “do produto da criação de normas” onde “o desviante é aquele a quem o rótulo foi aplicado com sucesso” (BECKER, 2010), e não da violência real. Ademais, a observação feita teve como enfoque principal a ideia de violência simbólica mais do que de violência física.

O segundo grande questionamento inspirou-se nos estudos realizados por diversos autores como Becker (2010), Goffman (2010), Wacquant (2005), Lepoutre (2001) e Beaud (2003). Qual o papel principal do bairro “cidade do entorno” na construção das trajetórias de vida desses jovens, seria ele: matriz protetora ou condição penalizante e depreciativa? Buscando assim compreender, por meio da análise de trajetórias de vida, a visão que eles constroem de si mesmo crescendo nesse contexto, o seu cotidiano, a sua posição social, os seus anseios, as suas perspectivas futuras. Na tentativa de entender a proporção do “efeito de bairro” sobre a questão da mobilidade urbana desses jovens. Seriam eles “livres” de ir e vir? Mostrando, não somente, o peso do estigma de morar em um bairro popular, mas também observando a construção identitária relacionada ao bairro, no sentido em que o bairro pode ser visto como um espaço de solidariedade, de interconhecimento e convivência, onde cresce um sentimento de pertencimento e de sociabilidade.

A possível resposta a esta segunda interrogação será mais desenvolvida na última parte do trabalho de campo, onde a questão será entender quais são as novas formas de sociabilidades do bairro de hoje e como os jovens da Cidade do Entorno “negociam” com as condições sociais que lhes são particulares. Será apresentada uma visão mais construtiva e analítica da vida nos bairros populares.

Considerações metodológicas

Este estudo teve como fonte de inspiração principal os procedimentos metodológicos empregados pelos autores da segunda geração da Escola de Chicago, os “Interacionistas Simbólicos”: William Foote Whyte (2005), Howard Saul Becker (2010) e Erving Goffman (2010), assim como, trabalhos de campo realizado no contexto francês pelos autores Stéphane Beaud (2003) e David Lepoutre (2001).

A construção da metodologia foi concebida como um processo dinâmico e por consequência, não adotou apenas uma forma de levantamento de dados. Os objetivos e as problemáticas da pesquisa foram passíveis de redefinições durante o percurso utilizando a melhor abordagem metodológica de acordo com a situação encontrada. De forma mais ampla, assim como defendia Blumer:

“O objetivo do estudo científico é levantar o “véu” que cobre a área do grupo social pesquisado. Os véus são levantados ao se aproximar à área estudada e pela sua escavação profunda através de um cuidadoso estudo “ (BLUMER, 1986, p. 39)

Em termos metodológicos, foi dada preferência a uma abordagem qualitativa caracterizada pela aproximação ao objeto de estudo: os jovens residentes no bairro Cidade do Entorno, e bairros vizinhos, no município de Águas Lindas de Goiás, no Entorno do Distrito Federal. Esta opção de metodologia foi a que melhor se adequou aos objetivos do presente estudo, sendo o foco, a compreensão das motivações e das intersubjetividades que dão sentido a ação dos indivíduos em seu contexto. Assim, defende-se a utilização da etnografia local como instrumento metodológico preponderante e de grande relevância para o presente estudo.

O valor principal da pesquisa etnográfica encontra-se na ideia de imersão total na situação a ser estudada, mantendo, no entanto, o olhar distanciado do etnólogo a fim de

distinguir comportamentos, práticas e lógicas que costumam ser silenciados pela mídia e pela opinião pública. Acredita-se que, instalar-se no local é uma forma de diminuir este distanciamento, sem, no entanto, perder a visão crítica da realidade (BEAUD e WEBER, 2003).

No presente estudo, a etnografia buscou mostrar a complexidade das práticas sociais mais cotidianas, que muitas vezes são naturalizadas pela ordem social e parecem evidentes. Evidentes, claro, para o mundo externo, que se contenta do que é retratado pela mídia, e transforma na maioria das vezes, a realidade em estigmas. A imersão, como pesquisador, na localidade estudada permitiu o cruzamento de diversos pontos de vista, e estes permitiram um melhor entendimento, mais aprofundado, esclarecendo a complexidade das práticas sociais e não satisfazendo categorias preexistentes de descrição do mundo social, carregadas pelo pensamento hegemônico.

A coleta de dados em campo se deu de três formas principais, no que podemos chamar de “triangulação de fontes de dados” (ANGROSINO, 2009). Por esse termo, supõe-se que sejam combinadas três técnicas distintas que se complementam e reforçam as conclusões finais: o levantamento de dados etnográficos; a etnografia; e por último, as entrevistas. Entremeando essas três grandes etapas do trabalho foram também inseridas outras técnicas que serão mais adiante explicitadas.

A primeira etapa passou por uma importante análise documental, onde foram estudados trabalhos já elaborados ou em curso de elaboração sobre processos sociais na região do Entorno e em especial em Águas Lindas, assim como vários relatórios de pesquisa de conteúdo mais técnico ou estatístico. Foram consultados também livros que tratavam sobre as peculiaridades do Entorno do DF de forma mais ampla.

Observa-se que de cinco anos para cá a região tornou-se bastante atrativa para realização de pesquisas diversas e com diferentes abordagens. No entanto, estas pesquisas na sua maioria foram realizadas principalmente por geógrafos (QUEIROZ, 2007) e (BORGES, 2013), e menos por cientistas sociais. Uma das ambições deste trabalho é a de fazer a conciliação entre essas duas disciplinas.

A observação, que se tornou “direta” no decorrer dessa segunda etapa, teve um peso consideravelmente importante, pois foi à etapa mais longa e rica em informações. A

inserção no meio escolar da localidade escolhida, o que será mais amplamente explicado adiante, foi de grande valia. A imersão em campo também foi preponderante, e ajudou ao processo de estranhamento das novas situações e ao reconhecimento de padrões de condutas e ações peculiares a comunidade observada. O objetivo dessa técnica sendo antes de tudo, oferecer uma “descrição densa” (GEERTZ, 1973) da localidade observada, e possibilitar a devolução do conhecimento produzido ao grupo pesquisado, como indica Brandão:

“Quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história” (BRANDÃO, 1999).

Na terceira e última fase do trabalho de campo, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas, dezesseis no total, com os jovens na faixa etária já definida e que moram no bairro de Cidade do Entorno ou nos bairros vizinhos. O objetivo foi construir trajetórias de vida e histórias orais, que se cruzam ou não, narrativas que ilustram e enriquece a visão da realidade observada, o espaço vivido.

Para a seleção dos entrevistados, foram utilizados “questionários etnográficos”, seguindo a metodologia utilizada por Soutrenon (2005) como forma de apoio e de reorientação da relação entre o pesquisador e os pesquisados. O modo de administração das entrevistas foi facilitado pela inserção no campo como professor, e serviu para reforçar a cumplicidade almejada no sentido de conhecê-los. Defendo a importância e escolha desse recurso para a pesquisa, pois desta forma pôde-se confirmar o que implicitamente sobressaia nos discursos pronunciados abertamente pelos alunos em sala de aula (em exposições e debates sobre a temática da juventude local). Estes questionários serviram também como facilitadores da negociação de futuras entrevistas, uma vez que eles tinham por objetivo fazer os futuros entrevistados se perceberem como os melhores informantes sobre a realidade a ser estudada, ou seja, um retrato do seu cotidiano. As respostas foram assim dadas por agentes diretamente implicados na situação. Certas respostas permitiram revelar “esquemas de percepção” potencialmente compartilhados com os outros pesquisados e serviram também para evidenciar “esquemas classificatórios” que foram reconhecidos posteriormente quando feita a releitura do diário de campo e o restante da

análise etnográfica, confirmando a significância de tais resultados no conjunto dos pesquisados.

As entrevistas tiveram um papel importante de verificação do que foi percebido durante a etnografia. Não foram realizadas outras entrevistas porque os testemunhos tinham chegado ao desejado ponto de “saturação” (BEAUD e WEBER, 2003) em que os discursos proferidos se tornavam redundantes e similares confirmando padrões observados anteriormente. O roteiro das entrevistas (anexo) foi elaborado seguindo um processo evolutivo, de entrevista em entrevista surgiam novas temáticas importantes a serem tratadas. Foram abordados temas mais amplos do que elaboradas perguntas fechadas, procurando deixar o entrevistado à vontade para falar livremente e “contar” sua história de vida (BERTAUX, 2010).

A transcrição das entrevistas foi feita pouco tempo após a realização destas, não sendo relatadas de forma mecânica, mas no tempo certo, enquanto os momentos, gestos, entonações, hesitações, sentimentos silenciados ainda estavam frescos na memória, seguindo a metodologia de *La Misère du Monde* (BOURDIEU e (ORG.), 2007).

Quanto à análise dos dados levantados, ela se apoiou nos referenciais teóricos anteriormente citados. A interpretação dos dados foi feita por meio do cruzamento de suas diversas fontes de recolhimento. Assim, a observação, direta ou não, e as entrevistas com os jovens representam suas falas e demais aspectos de suas trajetórias de vida. Pensa-se que os discursos proferidos partem de uma construção coletiva, de um saber construído e de dinâmicas de vida em um determinado espaço e tempo (BEAUD, 2003).

Além dos já mencionados, no decorrer da pesquisa de campo, demais trabalhos de campo foram utilizados como inspiração metodológica. Em *Parias Urbains*, Loïc Wacquant (2005) propõe uma sociologia comparada entre a marginalidade urbana no contexto francês e no americano, e que pode ser aplicada a outras realidades sociais, seguindo cinco princípios: uma ruptura com o senso comum, procurando desconstruir as categorias e discursos que contribuem a fabricar a percepção coletiva e tratamento político da marginalidade; a consideração e análise das transformações históricas da localidade observada, tentando entender qual foi o papel do Estado na “retradução espacial das diferenças econômicas e sociais” desta região; a utilização primordial da observação

etnográfica para levar em conta as relações e significações em situação; a importância de que seja estabelecida uma distinção entre a “condição social” característica da zona observada e os condicionamentos que esta implica, a sua posição na estrutura hierárquica do local e a função que ela cumpre no conjunto do sistema metropolitano; e por último, esta sociologia comparada teria de especificar o grau e a forma de intervenção estatal nesses bairros precarizados, esta relação sendo raramente uniforme e estática. Por este trabalho ter como fonte de inspiração pesquisas de campo realizadas junto a jovens no contexto das *banlieues* francesas, foi feito aqui uma tentativa de comparação de situações, mesmo não sendo a comparação o objeto central deste estudo.

Para Beaud e Weber (2003), são necessárias três condições para que funcione uma pesquisa de tipo etnográfica: o interconhecimento; a reflexividade e a autoanálise e; a estadia longa em campo.

Respondi a primeira condição – “o interconhecimento”, pois tinha desde o princípio, portas de entrada para inserir-me na realidade social do bairro que pretendia estudar. Águas Lindas e o setor Cidade do Entorno não eram locais totalmente estranhos, neles tinha e tenho ainda contatos, alguns mais próximos, amigos de longa data e aliados no campo educacional, que foram preciosas fontes de informação e de aproximação. Os pesquisados foram de um mesmo meio e não escolhidos de forma abstrata, eles tinham relações em comum. Quanto à segunda condição – “a reflexividade e a autoanálise” também creio tê-las preenchido, pois venho adquirindo uma bagagem teórica sobre os estudos de bairros e os estudos sobre a juventude. Houve também uma reflexão constante sobre o meu posicionamento em relação aos pesquisados, sobretudo quando assumi o papel de professor, e no que isso resultou. Procurei melhor sentir e entender minha posição enquanto “observador/observado” assim como compreender até que ponto o meu olhar, necessariamente em parte enviesado, implicaria na resultante da pesquisa. Quanto a terceira e última condição – a estadia longa em campo - pude preenchê-la pela mesma razão explicitada na primeira condição. Tendo contatos próximos no local a ser estudado, as visitas se tornaram mais frequentes, até que se deu a instalação, por exatos cinco meses, e assim foi possível “quebrar o gelo” entre o meu mundo de pesquisador e o mundo dos jovens do local que pretendia compreender.

A brasileira Lícia Valladares, inspirando-se da obra *Street Corner Society*, de William Foote Whyte, propõe aos leitores desavisados os “dez mandamentos da observação participante” (2007), os quais também foram grandes fontes de inspiração para o presente trabalho.

Este estudo, não tinha, no entanto a pretensão de ser totalizante, mas de cumprir a missão de tentar compreender os diferentes pontos de vista sobre uma realidade pouco entendida e de descrevê-la mostrando sua complexidade interna a partir do cruzamento de fontes de dados. Foi sumariamente importante, a utilização de diversas técnicas de pesquisa, não abraçando uma só metodologia, pois permitiu assim uma adequação às diferentes situações e contextos que surgiram em processo e *in situ*. Por exemplo, não se pretendia analisar o meio escolar, mas esta experiência se mostrou tão rica que não será deixada de lado na análise.

Para melhor ilustrar este trabalho, foram inseridos no corpo da dissertação alguns mapas para designar e melhor entender a área estudada. Algumas fotos/figuras também estão presentes, elas foram tiradas durante a pesquisa de campo, e com o auxílio dos próprios entrevistados e de mais alguns alunos do Colégio Estadual Paulo Freire - CEPF.

Os nomes dos entrevistados foram modificados no texto dissertativo como forma de respeito e para manter o seu anonimato. No corpo do texto o principal local de inserção, o Colégio Estadual Paulo Freire também será designado por meio da sigla CEPF ou simplesmente Colégio ou escola.

Percursos da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada no município de Águas Lindas de Goiás. Esta localidade não foi escolhida por mero acaso, mas por duas razões principais: a primeira, porque vem tornando-se um novo centro de atenção para pesquisas em sociologia urbana e da conflitualidade e a segunda e principal razão, pois já existiam portas de entrada para inserir-me nesse novo contexto.

Seu início ocorreu em março de 2013, por meio de uma pesquisa exploratória em que foram feitos os primeiros contatos em campo. Esta fase visava recolher dados interessantes a serem questionados e posteriormente analisados e cruzados. Foram entrevistados funcionários das Secretarias Municipais de Educação e da Subsecretaria

Estadual de Educação; diretores e vice-diretores de dois colégios do setor; coordenadores de um dos CRAS do Município e do CREAS; e foram feitas tentativas de contato junto à prefeitura de Águas Lindas de Goiás, embora em um primeiro tempo, poucos resultados foram obtidos. Nesta fase definiu-se o escopo principal da pesquisa a ser realizada, ou seja, a escolha do bairro Cidade do Entorno e a centralização nos jovens lá residentes.

As primeiras observações foram mais gerais, não procurando impor categorias de análise, mas tornando essa realidade mais compreensível, tentando dissipar o estigma que pretende impor um destino social negativo a todos jovens dessa localidade. Entender mais do que julgar ou apenas relatar.

Logo após esta primeira etapa de pesquisa exploratória as visitas a campo foram feitas de maneira ainda esporádica, e, sobretudo aos finais de semana. Estipulou-se a ideia de entrar em contato com os jovens a serem observados por meio de uma ONG, situada em outro bairro do município, mas que se supunha, acolhia, sobretudo, jovens do bairro Cidade do Entorno³. No entanto, após um mês, essa alternativa foi abandonada, pois o contato não foi aprofundado devido a pouca frequência de jovens oriundos do bairro Cidade do Entorno, a esta ONG, situada no bairro Jardim Guáira. Este local mostrou-se, no entanto muito rico para ser estudado, mesmo que não tenha sido feita esta opção aqui.

Optou-se então por uma reaproximação do próprio bairro a ser analisado. Para isto, no que podemos chamar de segunda fase do desenrolar da pesquisa de campo, ao invés de visitas pontuais e esporádicas, foi feita a instalação domiciliar no bairro escolhido. Residi por cinco meses no “coração” do bairro Cidade do Entorno, objetivando conviver com o ritmo e os costumes locais. Essa escolha se revelou determinante e muito enriquecedora para o conjunto dos resultados obtidos na pesquisa. A instalação se deu em agosto de 2013 e se estendeu até final de dezembro do mesmo ano. Tive a oportunidade de fazer parte da dinâmica social e da complexa organização social interna do bairro Cidade do Entorno.

Além de residir no bairro em questão, foi feita uma aproximação junto ao CEPF, situado na divisa com dois outros bairros limítrofes, o Jardim Brasília e o Jardim Barragem (ou Pinheiro II). Foi prontamente obtida a possibilidade de me inserir no Colégio como professor voluntário/colaborador. Fui então calorosamente acolhido tanto pela direção

³ A ONG- Ninho dos Artistas - é patrocinada pelo Governo Federal e pela Petrobrás e as informações sobre esta foram obtidas junto a informantes locais.

quanto pela equipe de professores, e a *posteriori* pelos alunos, uma vez que com frequência o colégio carecia de professores presentes em sala de aula, sobretudo devido às licenças médicas, falta de professores substitutos, salas de aula lotadas e turnos de aula excessivos dos professores presentes.

Lecionei como professor de Sociologia por quatro meses, principalmente no turno matutino, mas ocasionalmente também no turno noturno. Neste primeiro período foi dada menor atenção aos turnos intermediários, por motivo de faixa etária dos alunos que frequentavam este turno (11 a 14 anos, em sua maioria) e ao turno vespertino, desta vez porque este horário foi reservado para análise dos dados recolhidos e atualização cotidiana do diário de bordo, assim como demais leituras a serem feitas.

Assumir a posição de professor de Sociologia contribuiu para limitar minha aproximação que se concentrou principalmente então nos alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio, que em sua grande maioria se encontravam na faixa etária entre 15 e 19 anos. Nos dois últimos meses de presença na escola, tive acesso a alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental, e por consequência mais jovem (11 a 14 anos em média). Nesta etapa ficou clara a importância de aproximação de tal faixa etária, pois as práticas acabavam por se tornar bem diferentes das dos alunos mais velhos. Nas turmas mais novas, me posicionei não como professor de Sociologia, uma vez que não existe essa disciplina para tais turmas, mas como “um professor que iria realizar um trabalho interdisciplinar (entre o português e a história) e que valeria nota”. Na verdade, a esta etapa do ano os alunos passavam mais de 50% do dia sem aulas por falta de professores, e por este motivo me foi concedido este espaço, após negociação com os demais professores. Revelou-se interessante para o conjunto dos professores a elaboração de um trabalho de reflexão com os alunos sobre as suas posições sociais como categoria jovem na localidade. Passava metade do dia no Colégio, às vezes mais do que isso.

O meu trajeto de ida à escola e retorno a casa onde eu residia era feito diariamente a pé, acompanhado ou não pelos alunos e demais moradores. Frequentei os mesmos locais, mercados, farmácias e *lan houses* o que facilitou a aproximação posterior.

Quanto ao teor das aulas ministradas, viu-se que o programa escolar imposto pelo Estado de Goiás no que diz respeito à disciplina Sociologia, bem como o livro didático da

disciplina, era muito pouco utilizado pelos professores e pelos alunos. Confundia-se para muitos, sociologia e filosofia, mas sendo apenas um professor colaborador, e, não querendo me confrontar de maneira inoportuna frente à condução das aulas, contentei-me em seguir o conteúdo que estava sendo ministrado, além do que, me foi concedida ampla liberdade para ministrar as aulas como eu bem entendia. Foram elaborados então grupos de discussões, formados pelos alunos, que versavam sobre as diversas questões de seus interesses (cultura local, manifestações no Brasil de junho de 2013, juventude e violência). Por não ter uma estrutura fixa e por não seguir de forma explícita um rigor metodológico, não creio que este tipo de metodologia possa ser chamado de “intervenção sociológica” (DUBET, 2008), mesmo se semelhante, pois partindo de uma estruturação dialógica e em que o professor/pesquisador buscava recolher as diversas percepções dos atores sociais presentes, provocando suas reações.

Após o contato feito por meio das aulas e estabelecido maior “intimidade” e relação de confiança junto aos alunos, iniciou-se a fase de elaboração de entrevistas, com o trabalho de campo já em sua fase final. Quando feita a solicitação de entrevistas, poucos dias após a entrega dos “questionários etnográficos”, citados acima, a grande maioria foi aceita, às vezes mesmo com entusiasmo por parte dos alunos ou curiosidade por ter sido escolhido. Apenas um aluno escolhido recusou formalmente ser entrevistado, no entanto, de forma cordial, dizendo que “não gostava dessas coisas”. Questionei-me sobre o porquê dessa recusa que pode estar relacionado ao fato deste aluno ser mais velho (22 anos, bem que aparentando mais novo), do que os demais da turma e talvez não quisesse inserir-se na categoria “jovem”, uma vez que ao fazer o convite anunciava-se que estava realizando “um estudo sobre o perfil da juventude local”.

Algumas entrevistas foram realizadas dentro da escola, ou na frente desta, fora do horário de aulas e com a autorização da direção escolar. Outras foram realizadas na residência dos jovens. No entanto percebeu-se que muitos evitavam que fosse feita na própria casa, dizendo que estava bagunçada ou que os pais não gostariam. Outras entrevistas foram realizadas em comércios locais, principalmente em uma sorveteria que serve de ponto de referência para muitos e encontra-se na divisa entre o bairro Cidade do Entorno e o Jardim Brasília. Ainda ocorreram outras entrevistas em locais como, por exemplo, em uma “esquina” (local que será analisado posteriormente), frequentada pelos

jovens por sua proximidade da escola. As entrevistas duraram entre 1h e 2h20. Ademais, sobre os entrevistados, embora a escolha não se restringisse em uma faixa etária predeterminada, empiricamente, o contato ocorreu com jovens, que “se viam como tal”, e que tinham entre 12 e 23 anos de idade.

Quanto ao roteiro das entrevistas este foi elaborado de forma aberta, seguindo a ideia de construção de trajetórias de vida, tratando de diversos temas, mas com uma maioria de perguntas do tipo “me fala sobre um dia típico seu” ou ainda “me conte sobre sua família”. Como conhecia um pouco de cada um dos jovens entrevistados por ter convivido com eles por alguns meses em sala de aula, algumas perguntas foram mais pessoais. E quanto à presença do gravador, se para alguns foi motivo de intimidação no início da entrevista, para a maioria não foi questionado ou criticado o uso, e não provocou estranhamento algum.

Resumindo a pesquisa de campo passou por três fases principais:

1. A exploratória, mais breve que as demais, porém imprescindível para “calcular” a capacidade de inserção e instalação no campo.
2. A instalação residencial no campo estudado, por cinco meses ao todo, entre agosto e dezembro de 2013, a fase mais duradoura.
3. As visitas esporádicas e pontuais a campo, terceira e última fase, uma vez que já não mais residia lá. O contato foi menos próximo, porém não menos rico em qualidade de informações coletadas. Esta última fase serviu, sobretudo para confirmar alguns resultados constatados e ter acesso a dados que não foram possíveis serem levantados anteriormente, uma vez que não possuía tempo e principalmente contatos para ter acesso, por exemplo, aos dados das secretarias municipais e da prefeitura.

Reflexões sobre a posição em campo

Supondo que na etnografia os resultados de pesquisa são indissociáveis da análise e do seu desenvolvimento (MAUGER, 1991), cabe aqui uma reflexão sobre a evolução do posicionamento em campo.

A princípio foi adotado um posicionamento em “*profil bas*”, ou seja, discreto, quando procurei me ambientar ao modo de vida local e o quanto possível romper com o modo de vida de origem, “descendo do meu pedestal de pesquisador” (BOURDIEU e (ORG.), 2007). Experiência esta riquíssima e essencial para que o discurso analítico não saísse, involuntariamente, carregado de pressupostos. Para tanto, dei espaço a necessária “ruptura sociológica” (DURKHEIM, 2009). Omiti dos pesquisados a minha posição social (ou boa parte dela) e mostrei-me mais a escuta, não deixando de lado o rigor metodológico, mas buscando meios de compreender as diversas posições sociais dos pesquisados e a natureza dos recursos de que eles dispõem. Seguindo ainda orientações de Bourdieu (2007), na medida do possível, procurei falar a mesma língua do pesquisado, “deixando momentaneamente de lado o meu capital cultural” para assim “diminuir a violência simbólica” que seria exercida por meu modo de falar.

Ao longo da pesquisa questionei-me várias vezes sobre o meu posicionamento, chegando a cometer certas gafes em momentos inoportunos, como por exemplo, ao “provocar” sem querer, alunos do turno noturno, em sua maioria, adulto ou jovem adulto, sobre a validade da moral religiosa em um mundo moderno e racional. Olhares críticos e boquiabertos me serviram de alerta sobre a intervenção em uma questão delicada que deveria ser tratada de forma diferente.

Se a facilidade de contato foi presente junto aos alunos (mais novos), esta foi menos evidente frente aos seus pais ou parentes, de forma geral, mais desconfiados da minha presença e menos abertos para responder as minhas indagações. Assim, por exemplo, ao entrevistar um desses alunos em sua residência, quando o seu pai chegou, questionou de forma incisiva a minha presença e após eu me apresentar, mesmo sendo mais receptivo soltou um “mas você não é daqui, né?”, tipo de pergunta raramente feita pelos jovens, ou ainda reações do tipo “você tá louco de andar na rua de mochila? Assim você vai ser assaltado! Dá para ver que você não é daqui!”.

Passei também, por reações semelhantes por parte de pessoas do meu próprio meio social de convívio. Ao dizer que moraria em Águas Lindas e que a juventude de lá seria meu objeto de estudo, muitos me chamaram de “louco” e fizeram questão de me alertar que “Águas Lindas é uma das cidades mais perigosas do Brasil”. Mostrou-se mais uma vez, de forma evidente o preconceito que existe sobre a região e sua população e mais

ainda sobre seus jovens. De colegas de faculdade a familiares, passando por outras categorias sociais, ouvi com frequência se eu não tinha “medo” de lá estar, e para tomar cuidado, pois era “perigoso”.

Quanto ao “medo”, ele não se fez muito presente, até mesmo porque me inseri em uma comunidade que já tinha informantes e que indiretamente abriram muitas portas e apoiaram logisticamente. No entanto, certo receio e desconfiança se fizeram presentes, sobretudo antes de lá residir, pois necessariamente estamos imbricados de certos julgamentos. E como diz Bauman (2006), o medo seria então, em princípio, o nome que damos a nossas incertezas e inseguranças, a origem do medo é a ignorância. O autor fala também de “medo derivado”, que é o sentimento de ser suscetível, vulnerável ao perigo, típico da sensação de insegurança e de falta de confiança nas defesas disponíveis. Este último tem capacidade de “autopropulsão” e assim todos os dias novos medos são criados. Esses medos se produzem por “advertências globais” típicas do mundo líquido moderno (BAUMAN, 2006). Questionei-me então sobre como me aproximar de uma população que tem, *à priori*, como traço de comportamento o envolvimento com práticas transgressoras e desviantes. Qual estratégia utilizar para adentrar em uma comunidade reputada violenta sem “perder a face” e o respeito? Procurei adaptar-me, evitando situações de risco, mas não me deixando amedrontar por discursos exacerbados, até mesmo dos próprios moradores do local, sobre a violência. Em um único caso de confrontação direta com um aluno do Colégio, optei por uma resposta ambígua, *um blefe*, deixando no ar a sensação de que não me amedrontaria por conta de ameaças, pois eu também tinha meus “contatos protetores”.

Ser professor no Colégio foi de grande valia, porque ganhei “respeito” e visibilidade de forma rápida na localidade, o que facilitou muitos contatos, e serviu para criar as primeiras redes de informantes. Tornei-me assim uma figura conhecida dentro do bairro todo, tanto pelos jovens alunos, quanto pelos pais e familiares. O setor Cidade do Entorno sendo um bairro relativamente grande, porém onde as notícias circulam com certa rapidez, por meio do “boca a boca”, difícil tornou-se sair de casa sem ser reconhecido por ao menos uma pessoa. É interessante observar que nesta localidade, de forma semelhante as típicas cidades interioranas, o anonimato é inexistente, e o cumprimento na rua é bem comum. Tornei-me “o professor”.

Os primeiros aliados do campo (não vinculados ao Colégio) tornaram-se então menos presentes no decorrer da pesquisa, até mesmo por objetivos e rotinas diferentes. Passei a trilhar o campo de forma mais independente e junto a essa nova rede de contatos obtida no CEPF. Fase primordial, pois se revelou totalmente diferente observar e praticar o espaço, acompanhado por uma pessoa adulta (no caso principalmente a Marina) do que por um dos jovens da localidade. Práticas antes não percebidas em pontos estratégicos foram reveladas, caminhos novos foram traçados, lugares foram descobertos, regiões morais surgiram e representações ganharam sentido, como por exemplo, a interpretação dos grafites pelos muros do bairro e do Colégio, ou fogos de artifícios ao cair da noite. Trilhei pelos mesmos caminhos dos jovens pesquisados, inseri-me no universo deles.

As escolhas feitas resultaram em positivas e negativas, dependendo do ponto de vista. Diz-se isso, pois como já citado acima, ao optar pela inserção no mundo escolar dos jovens a quem eu estava querendo observar, acabei por tornar-me um professor aos olhos destes. Essa posição serviu ao mesmo tempo de porta de entrada para um mundo, mas também fechou possibilidades de vê-los sobre outras formas, como jovens fora do mundo escolar. Mesmo ao tentar me desvencilhar de tal criação de imagem ao meu respeito, ainda ficava com a imagem do “professor” e esta ao mesmo tempo permitia um espaço de confiança, mas enviesava necessariamente o discurso dos jovens em relação a mim, e necessariamente a subjetividade do investigador sempre interfere (BEAUD e WEBER, 2003). No entanto, senti que o fato da diferença etária não ser tão grande entre os alunos e eu, se comparado aos demais professores do quadro escolar, possibilitou a criação de redes de comunicação de forma mais natural, meu mundo não parecendo tão distanciado do mundo deles, o que me permitiu transitar pela cidade e sair com eles em algumas ocasiões.

No Colégio e pelas ruas, senti-me, no entanto, por vários momentos em um duplo posicionamento, entre observador e observado. Sobretudo no Colégio, minha posição como “novo professor” deu lugar a um processo de “observação recíproca” (YOHANA, 1995). Fizeram-me várias perguntas, alunos e demais professores, sobre a origem e significado do meu nome, sobre onde eu morava e com quem, se eu era casado e tinha filhos, minha idade, minha formação, onde estudei e sobre o porquê do meu trabalho lá. A minha apresentação de início como mestrando em sociologia na UnB, suscitou reações diversas: admiração por alguns alunos, como por exemplo, “nossa, o primeiro mestre como

professor na escola!”, e por professores que pediam ajuda para elaborar seus projetos acadêmicos; desconfiança da parte de outros que indagavam “e como você veio parar logo aqui?” ou que diziam “não gosto da UnB, faculdade de filhinho de papai” ou ainda “nada rico você!”, visivelmente em tom de deboche. A maioria, no entanto tentava se aproximar e melhor me conhecer.

Utilizei como já dito, a estratégia de falar o mínimo sobre minha vida pessoal e procurar saber mais sobre eles e participar de suas rotinas, fazendo-os o centro de atenção e não deixando o foco se concentrar em mim. Ser “visto” caminhando pelas ruas, frequentando os mesmos centros comerciais, saindo para as “baladas” da cidade, indo ao mercado ou a farmácia do bairro, e indo e voltando a pé para o Colégio todos os dias facilitou essa aproximação e aceitação por partes dos moradores locais. Anedotas e boatos não deixaram de correr e chegar aos meus ouvidos, jovens mulheres, vizinhas de rua questionavam a minha presença recente, procuravam saber quem eu era através da minha “tia” Marina ou junto a outras pessoas do Colégio ou do bairro.

Tive em campo vários tipos de aliados (informantes), alguns mais “protetores” e sempre presentes, querendo sempre me servir, ajudar e dando respostas prontas para minhas perguntas do tipo “posso resumir para você, aqui os jovens jogam bola ou não fazem nada da vida, não precisa nem pesquisar mais longe”. Estes mesmos me aconselharam a desconfiar de tudo e todos, “porque aqui ninguém quer ajudar ninguém”. Outros pareciam querer aparecer como porta-vozes ideais da situação local, destacando as conquistas nos estudos ou trabalho apesar de ter vindo “de baixo”. Estes últimos, em relação ao bairro encontram-se, em uma posição ambígua, entre a rejeição do modo de vida local e uma forte ligação afetiva ao bairro e sua população. Estes mesmos informantes agem de forma diferenciada frente a mim, demonstram interesse pelo meu trabalho e estudo, mas também impõe a sua maneira de ver, questionando a minha capacidade de entendimento dessa realidade bem deles e dizendo, por exemplo: “você fala diferente, dá para ver que você cresceu em outro berço e não é daqui” ou ainda “ser de Águas Lindas é pegar transporte todo dia de 2 a 3 horas até Brasília, ida e volta, se você não faz isso você nunca vai entender”. Por mais que eu tentasse me desvincular de tais situações, a minha posição social estava atrelada a minha identidade.

No entanto, acho interessante destacar que ao final das entrevistas, muitos se sentiram felizes por ter vivido tal experiência, saíam agradecidos, por terem sido escutados

e ter tido a oportunidade de refletir sobre seus percursos de vida, passado, presente e futuro. Alguns agradeceram com entusiasmo a oportunidade e se dispuseram a conversar mais em outras ocasiões, se necessárias. Este retorno foi visto com muita satisfação por mim como pesquisador.

Resumindo, criou-se então com mais facilidade e naturalidade, uma relação de confiança, por eu ser professor; de familiaridade, por conversar com os alunos em diversas ocasiões e até mesmo fora do ambiente escolar por vezes; e de proximidade social, por ser naquele presente momento morador do bairro Cidade do Entorno e circular no mesmo espaço físico que eles, o que creio os deixou mais confiantes e seguros para colaborar concedendo entrevistas e dedicando-se aos demais trabalhos desenvolvidos junto a eles em sala de aula.

Plano da dissertação

A presente dissertação está estruturada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, objetivando uma análise sócio histórica mais profunda da construção de Brasília e seus efeitos posteriores, foram consultados sociólogos e geógrafos especialistas nesse assunto: Paviani (1985) e (1987), Nunes (1997) e (2004), Peluso (1987), entre outros. Estes últimos mostraram que desde a época da construção de Brasília, surgiram os primórdios dos vários “problemas” que hoje colhemos em relação à região circundada. Com estes, desenvolveram-se os principais conceitos para analisar sociologicamente as problemáticas da região, como “segregação espacial”, “periferização urbana”, e “transbordamento populacional”. Apresenta-se, de forma voluntária, a situação do “Distrito Federal - DF” em uma perspectiva comparativa com a da “Área Metropolitana de Brasília - AMB”, de maneira a enfatizar as diferenças persistentes e a relativa dependência entre ambas as localidades.

A análise sócio histórica da região será complementada por uma observação mais atual, com base em estudos teóricos, empíricos, técnicos e em levantamentos de dados feitos durante o trabalho de campo. Visando responder a indagação “o que representa o Entorno do DF nos dias atuais?”. Apontando assim as peculiaridades em relação a outras regiões metropolitanas brasileiras, as disparidades sociais ali presentes, os principais

problemas atuais e, aliás, o porquê do entorno e de Águas Lindas serem vistos como “problema”.

O objetivo final deste primeiro capítulo é de fazer uma descrição aprofundada desse novo espaço, antes de totalmente destrinchá-lo, fechando o escopo da análise ao bairro nos capítulos dedicados ao campo analisado.

No segundo capítulo, são revisitadas as principais inspirações teóricas utilizadas, antes, durante, e após o trabalho de campo e a redação dessa dissertação. Os autores que lá se encontram foram estudados e revisitados, e foi partindo de tais considerações que surgiram os primeiros enigmas, mas também, as primeiras respostas, sobre a realidade observada em campo.

De forma a introduzir a pertinência de um estudo que toma como escopo principal de análise “o bairro”, serão apresentadas estudos sociológicos que tomaram o bairro como escala de análise.

Em uma segunda parte, serão introduzidos os múltiplos questionamentos relacionados à temática dos “efeitos de bairro”, ainda pouco utilizada nos estudos brasileiros, mas bem presente junto aos cientistas sociais norte americanos e europeus, sobretudo entre os franceses.

Para não reforçar mais ainda o eurocentrismo, embora não seja o principal objetivo desta dissertação, serão apresentados estudos brasileiros de análise do bairro, e da juventude, fugindo embora apresentando, a introdução ao bairro por meio da noção de violência urbana, essa que embora sendo uma realidade, tende a fechar-nos demasiadamente, no que se reproduz por meio do senso comum. Reconhecendo a categoria de análise “juventude” como demasiadamente ampla, contraditória, abstrata e paradoxalmente de extrema importância, será em uma quarta e última subparte, apresentados diversos estudos relativos a este assunto.

Os três capítulos seguintes serão dedicados mais exclusivamente à análise decorrente do trabalho de campo realizado em Águas Lindas de Goiás por cinco meses. São estes três capítulos que tentam responder a problemática principal lançada na

introdução desta dissertação. O espaço e a relação que a juventude local entretém com ele, serão destrinchados e analisados.

No terceiro capítulo da dissertação, o bairro Cidade do Entorno é representado como um espaço estigmatizado. Apoia-se a noção de estigma, sobretudo baseado nos trabalhos desenvolvidos por autores como Goffman, Becker e Wacquant.

No quarto capítulo, de forma quase oposta ao anterior, vê-se o espaço do bairro Cidade do Entorno, como um espaço de pertencimento, espaço simbólico, território conhecido. Aqui o espaço “ganha vida”, é o “espaço relacional”. Criam-se nele laços e histórias de vida, forma-se uma cultura local, e mesmo as rivalidades são feitas como forma de defesa de um espaço “ocupado”.

No quinto e último capítulo, tentou-se entender como essa juventude apropria-se, e, aprende a conviver com o espaço, com suas vantagens e desvantagens, frente às diversas condições oferecidas. Nesse capítulo serão apresentados os diferentes “mundos juvenis”, as “novas sociabilidades” e de forma sintética o “ser jovem” no bairro Cidade do Entorno de Águas Lindas de Goiás.

Capítulo I – Águas Lindas e o Entorno do Distrito Federal

O município de Águas Lindas de Goiás é uma localidade pouco conhecida nacionalmente. Recentemente, o município ganhou destaque na mídia nacional como “uma das cidades mais violentas do país”⁴.

Por esse motivo, é essencial um primeiro capítulo de descrição e contextualização, não somente do município de Águas Lindas em si, mas de toda região do Entorno do Distrito Federal, buscando responder as questões:

- Como ocorreu a distribuição desta população em nível do território?
- Como se teceu o crescimento urbano da região do Distrito Federal, geograficamente e historicamente?
- O que é o “Entorno do Distrito Federal”?
- Como e porque o “Entorno” surgiu como “problema social”?
- Qual a relação do Distrito Federal com os municípios do seu Entorno?

Para este fim, foram revisitados estudos multidisciplinares, passando da História para a Geografia, até chegar a Sociologia.

Dos diversos estudos teóricos e empíricos que foram realizados sobre a criação de Brasília, destacam-se os trabalhos de Nunes (1997) e (2004), Paviani (1985) e (1987) e Peluso (1987). Estes autores discorreram sobre o processo de formação das periferias e mostraram a evidente dinâmica de segregação espacial do Distrito Federal.

Em uma tentativa de demarcar os diferentes períodos da urbanização do DF e região, de forma sintética, Paviani (2007) vislumbrou a existência de três períodos históricos:

- 1) O “período pioneiro” – de 1956 a 1973 – marcado pela construção e transferência progressiva dos órgãos e funcionários para Brasília. Período que

⁴ Citamos por exemplo: o Mapa da Violência, publicado em 2012, que apontou a região do Entorno do DF como uma das mais violentas do Brasil e onde a criminalidade ainda está aumentando. A cidade mais violenta delas, em 2012, sendo Águas Lindas de Goiás, com uma taxa de 61,7 homicídios por 100 mil habitantes. E mais, uma reportagem do programa da Rede Globo, Fantástico que foi ao ar no dia 29 de maio de 2011, aponta que um alto índice de violência é encontrado em quatro cidades da periferia da capital do país (Águas Lindas de Goiás, Novo Gama, Luziânia e Valparaíso de Goiás) ganhando assim destaque nacional, como “terra sem lei”.

pode ser caracterizado por uma “dinâmica espacial segregacionista” associada a “seletivização dos espaços”, resultando na criação das primeiras “cidades satélites”.

- 2) O “período de consolidação de Brasília” – de 1974 a 1990 – no qual ocorreu a instalação dos órgãos e funções administrativas em Brasília e, paralelamente a explosão demográfica e expansão espacial no território do DF, para além do que era planejado. Período este caracterizado por uma acelerada “periferização urbana” associada a uma “lógica capitalista do uso da terra”.
- 3) O “período contemporâneo” – de 1990 até os dias atuais - fase da expansão da área de influência do Distrito Federal. Período caracterizado pelo crescente “transbordamento populacional” para além das fronteiras do DF, e marcado pelo surgimento de novos municípios, no que podemos denominar de “periferia da periferia”.

É com base nessa separação em “períodos históricos” que se dará a análise a seguir.

1 - O “Período pioneiro” - 1956 a 1973

A construção e o assentamento de Brasília - a partir do projeto de lei nº 2.874, votado em setembro de 1956, com inauguração em 21 de abril de 1960 – provocou, não somente a perda do território para os três municípios já existentes (Pirenópolis, Luziânia e Formosa), como também mudanças econômicas, sociais e espaciais na região.

O Estado, que se tornou detentor das terras públicas da região que circunda a nova capital federal, contribuiu e muito para transformar Brasília em um ponto de atração para migrantes vindos de todo país, em busca de trabalho e moradia. O que resultou na forte e rápida explosão demográfica na região. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP – criada em 1956, foi a responsável por assentar os migrantes de baixa renda – “candangos” - que trabalharam na construção da Capital, em cidades recém-criadas nas proximidades de Brasília. Assim surgiam as primeiras “cidades satélites”⁵.

⁵ Designa as cidades que se desenvolvem as margens de um grande centro urbano. Este termo era muito utilizado para designar os “bairros” que surgiram após a criação da Capital Federal Brasília, mas entrou, aos poucos, em desuso a partir de 1998 (proibição pelo decreto nº 19.040, de 18 de fevereiro de 1998), dando espaço, ao termo mais formal “regiões administrativas” ou RAs, pelo menos no âmbito da administração pública.

Antes do término de sua construção, a cidade já tinha problemas em abrigar o enorme contingente de imigrantes que vindo para trabalhar na construção civil queriam então se instalar definitivamente. Modificando a fisionomia da cidade planejada, que se tornou assim “vítima de seu sucesso e um reflexo da situação social do Brasil” (THÉRY, 2004).

Como aponta Peluso (1987), Brasília, à época de sua construção, precisava de mão de obra, mas não contava ter que abrigá-la após a inauguração da cidade. Foi este, segundo a autora, o “ponto de partida” para o processo de formação das periferias no Distrito Federal. As terras inseridas nas fronteiras do DF foram desapropriadas pelo Governo, repartidas em lotes e revendidas, adotando uma política habitacional caracterizada por um “misto de autoritarismo e mercado imobiliário” (p. 134), com o objetivo de evitar as “invasões” que ainda persistiam e persistiram. Segundo analisou Nunes (1997), “a retirada dos favelados, ocupantes de áreas próximas ao Plano Piloto foi uma constante, desde a criação de Taguatinga em 1958, de Sobradinho e do Gama, ambas em 1960” (p. 51), antes mesmo da inauguração da “cidade produto” (PELUSO, 1987, p. 130). Todavia a maior remoção ocorreu em 1971 com a criação de Ceilândia.

Em 1969, apesar da já importante expansão urbana na região, que resultou na criação de diversos núcleos urbanos não planejados como o Plano Piloto, persistia a proliferação de “favelas” no território. Visando solucionar o problema, foi criado neste ano um grupo de trabalho – Comissão de Erradicação de Favelas (CEI). Ceilândia, hoje é a Região Administrativa - RA mais populosa do DF e um importante exemplo de como se deu a formação das “cidades-satélites”.

Essas novas cidades tiveram como ponto comum, a transferência massiva de um forte contingente populacional, assentado primeiramente em áreas valorizadas da nova capital. Indesejados nessas áreas, por motivos de cunho político, foram alojados em territórios vizinhos, não preparados urbanisticamente para receber tamanho contingente populacional (NUNES e (ORG.), 1997).

Conclui-se que Brasília, nesse primeiro “período” surge como uma cidade peculiar, onde existe uma clara segregação propiciada pelo seu espaço físico e planejada em uma arquitetura que em nada favorece o pretendido ideal democrático e comunitário desejado

por Lúcio Costa. Paviani (2005) fala de Brasília como um “espaço que se estrutura e acomoda-se com segregação e exclusão, verdadeiro *apartheid* urbano”, uma vez que, o crescimento urbano, acelerado e desordenado, fez surgir de forma amplificada antigos problemas sociais e políticos que resultaram na procura de soluções para além da utopia fundadora. Brasília, apesar de ter sido uma cidade planejada que representaria um novo começo para o país, não fugiu a essa tendência da “lógica capitalista de uso da terra” (PAVIANI, 1987). Pelo contrário, pode ser vista como uma clara representação da “seletivização do território”, que reforça problemas já comuns em todo Brasil como a periferização urbana e todas suas consequências.

Embora o foco desse primeiro período histórico tenha sido a construção e assentamento da população em Brasília, notavam-se as premissas dos problemas que surgiriam nos anos a seguir, no que diz respeito ao Entorno do Distrito Federal e a sua ocupação desordenada. Essa região, ocupada, porém menos integrada nacionalmente em função do declínio da exploração do ouro e outros minérios no início do século XIX, voltou à cena assim que iniciada a construção de Brasília. No entanto, segundo denuncia Queiroz (2007), o projeto de construção da Nova Capital pecou pela falta de preocupação, por parte dos planejadores no que diz respeito a provável expansão urbana que ocorreria nesse território.

Essa falta de preocupação “com os aspectos regionais no ato da construção de Brasília”, é um dos motivos da “ineficiência histórica no combate à ocupação desorganizada do território do Distrito Federal e, conseqüentemente, dos municípios do Entorno” (QUEIROZ, p. 90-91), trazendo como impacto os velhos vícios administrativos e políticos. A expansão econômica ocorreu, mas permaneceram as diferenças regionais visíveis, sobretudo porque no projeto de Brasília, não incluía e planejava em termos urbanos e de desenvolvimento econômico e social, o que ocorreria com o entorno da cidade. Partindo dessa “lacuna histórica” (p. 91) colhemos hoje os problemas advindos da ocupação desordenada do solo e da migração intensiva para a região (BERTRAN, 1994).

2 - O “Período de consolidação de Brasília”- 1974 a 1990

O segundo período histórico da urbanização do DF foi marcado pelo aumento do valor da terra e a subsequente expansão da periferia. Tal processo resultou no surgimento de diversas novas “cidades satélites”, cada vez mais populosas, e chegando a extrapolar as fronteiras do quadrilátero.

Após a criação de Ceilândia, iniciaram-se outros assentamentos na região periférica da Capital Federal. Muitas dessas ocupações de terra, designadas como “invasões”, somente viriam a serem reconhecidas e regularizadas anos depois. Assim, entre 1970 e 1980 iniciaram-se os assentamentos que viriam a tornar-se, a Vila Varjão, na região próxima ao bairro de classe média Lago Norte. Em meados dos anos 1980, surgiram as bases da RA de Samambaia, regularizada em 1989 e vizinha a RA Ceilândia. E em 1990, tendo como origem uma política do governo da época, visando o assentamento de populações de baixa renda em moradias financiadas pela Caixa Econômica Federal, foi criada a RA de Santa Maria, antes vinculada a RA do Gama.

Se, o primeiro período caracterizou-se por uma “política segregacionista e seletivista” de instalação das populações migrantes nas terras do DF; o segundo período, prolongou, e estendeu a dinâmica de “periferização urbana” de forma poli nucleada no quadrilátero. Por periferização urbana, considera-se: primeiro, que o espaço periférico sofre de um desenvolvimento desigual em relação ao centro. A periferia é o espaço segregado, degradado e onde vive a camada mais carente da população; segundo, denuncia-se o fato que tais aglomerados urbanos se propagam, de forma circular nos arredores ou em bolsões de pobreza em meio à cidade, nos grandes centros urbanos. Assim, distâncias se criam, não somente físicas, mas também sociais.

O processo de periferização do espaço urbano também pode ser entendido por meio das “mobilidades centradas no trabalho” (BORGES e ROCHA, 2004), onde a mão de obra torna-se uma mercadoria submissa ao capital. Como define Paviani (1987) a “lógica capitalista de uso da terra” despoja esta mesma de seu valor social intrínseco, alijando da proximidade dos empregos, os mais necessitados, os operários e os assalariados de mais baixa renda (p. 37), é para o autor, este traço que caracteriza melhor a expansão da Capital Federal nos dias atuais. Por conseguinte, a configuração territorial do Distrito Federal e do Entorno é fruto de uma “periferização institucionalizada pelo Estado”, como denuncia

também Marta Romero (2005), para quem “a terra urbana passa a participar como um componente a mais no jogo do pauperismo em nossas cidades” (p. 38).

O crescimento rápido, desordenado e patrocinado pelos governantes do Distrito Federal, na criação de cidades satélites na periferia de Brasília, resultou a partir do final dos anos 1970 com o “transbordamento populacional” para além das fronteiras do Distrito, porém em sua área de influência.

Surgia o denominado “Entorno do DF”, que possuía terras mais baratas e acessíveis para uma população de migrantes de baixa renda, impossibilitados financeiramente de permanecer dentro do território da nova Capital. Nunes (1997) mostra que “enquanto no interior do DF os assentamentos são patrocinados pela esfera governamental, no chamado “entorno” as iniciativas brotam de empresas particulares e seguem o mesmo modelo pontual e de núcleos múltiplos” e já previa “o que acarretará enormes dificuldades aos gestores do território no futuro” (p. 57-58).

O desenfreado crescimento populacional no DF forçou os contingentes migratórios para as terras rurais do entorno da Capital Federal, ou o que também podemos chamar de forma figurativa de “periferia da periferia”. Tal fluxo de população obteve uma rápida resposta do comércio imobiliário, resultando no loteamento das fazendas locais, e na venda em lotes de baixos valores.

Destaca-se a transformação ocorrida em Luziânia. Antes da construção de Brasília, era uma zona rural, pouco habitada e com algumas chácaras de recreio. Em 1950, Luziânia contava com apenas 1.811 habitantes. No início dos anos 1970, começou a transformação da área de suas fazendas em lotes urbanos. A cidade contava ainda com somente 9.476 habitantes. No entanto, dez anos depois, 75.979 pessoas residiam no município. Além deste crescimento exponencial e desmedido, cabe destacar que a população instalou-se em um espaço urbano caótico, pois não planejado.

Surgiram os primeiros problemas relativos à atuação pouco eficiente do Estado na conduta da imigração, adicionado ao baixo investimento em infraestrutura social nessas regiões, e foram adotadas as primeiras providências visando uma ação conjunta e coordenada no Entorno.

Em 1975, o Governo Municipal procurou junto ao Governo Federal conter a expansão desses loteamentos abertos, com a criação de conjuntos habitacionais em parceria com o BNH, que teriam, ao contrário dos loteamentos abertos de Luziânia, uma infraestrutura urbana mínima. Assim começaram a erguerem-se os assentamentos dos futuros municípios de Cidade Ocidental, Novo Gama e Valparaíso, por desmembramento de Luziânia.

3 - O “período contemporâneo” – de 1990 até os dias atuais

Na década de 1990, embora a imigração em direção ao DF tenha diminuído consideravelmente e estagnado, continuaram as demarcações desordenadas de loteamentos para domicílios de baixa renda na região. A ocupação extensiva do território provocou a criação de novas Regiões Administrativa - RAs. Assim, em 1993, criaram-se as cidades satélites de Recanto das Emas e de Riacho Fundo. Depois vieram as de São Sebastião, Paranoá, Itapoã, Cidade Estrutural, citando as densamente povoadas.

Segundo o último Censo demográfico realizado pelo IBGE, em 2010, o Distrito Federal contava com uma população total de 2.570.160 habitantes, e uma taxa de crescimento anual da população de 1,94% ao ano. Destaca-se que esta taxa é superior a média nacional que, neste mesmo período, foi de 0,98% ao ano. A população da RA mais expressiva do DF é Ceilândia, que contava, em 2010 com 402.729 habitantes, enquanto a RA de Brasília⁶, que concentra os bairros mais centrais (Plano Piloto, Lago Sul e Norte) contava com 209.855 habitantes. Neste centro urbano concentram os empregos da “metrópole terciária” (PAVIANI, 2010), e é em direção a esta localidade que milhares de moradores da periferia e do Entorno se deslocam todos os dias.

⁶ O que é ao certo “Brasília”? Várias definições são aqui possíveis, segundo explica Hervé Théry (2004) (pareceu importante aqui ter o ponto de vista de um autor “estrangeiro”, bem que acostumado a trabalhar no contexto brasileiro, uma vez que os intelectuais brasileiros questionam mais ainda tais definições, cada um seguindo a sua própria ideologia e dificilmente encontrando um consenso).

- Administrativamente: Brasília é uma das RAs do Distrito Federal

- Brasília designa também a parte da cidade planejada por Lúcio Costa, ou seja, o Plano Piloto e, o Lago Sul e Lago Norte (vistos administrativamente como RAs distintas de Brasília)

- Para a maioria dos habitantes de Brasília, a cidade constitui-se destas últimas RAs adicionado das RAs: Cruzeiro, Sudoeste e Octogonal. Excluindo assim somente as denominadas “cidades satélites”.

- Fala-se de Brasília também para designar o Plano Piloto e o conjunto de suas RAs, incluindo as cidades satélites.

- Por último, como observa Théry, Brasília é uma aglomeração complexa, que deve ser pensada ainda além de suas fronteiras físicas e então incluindo oito demais municípios pertencentes ao Estado de Goiás.

Nos anos 1990, devido aos problemas já mencionados, relativos à imigração para fora de Brasília, disparidades entre os municípios do Entorno e o DF só fizeram crescer. Como principais problemas o imenso e contínuo fluxo migratório para região, o uso descontrolado do solo, que vem provocando problemas ao meio ambiente⁷, e o quase nulo (e somente recente) interesse dos governantes estaduais - diz-se isso, tanto do governo do Goiás quanto do governo do DF⁸ - pela região (QUEIROZ, 2007); (NÓBREGA, 2009) e (SILVA, 2006).

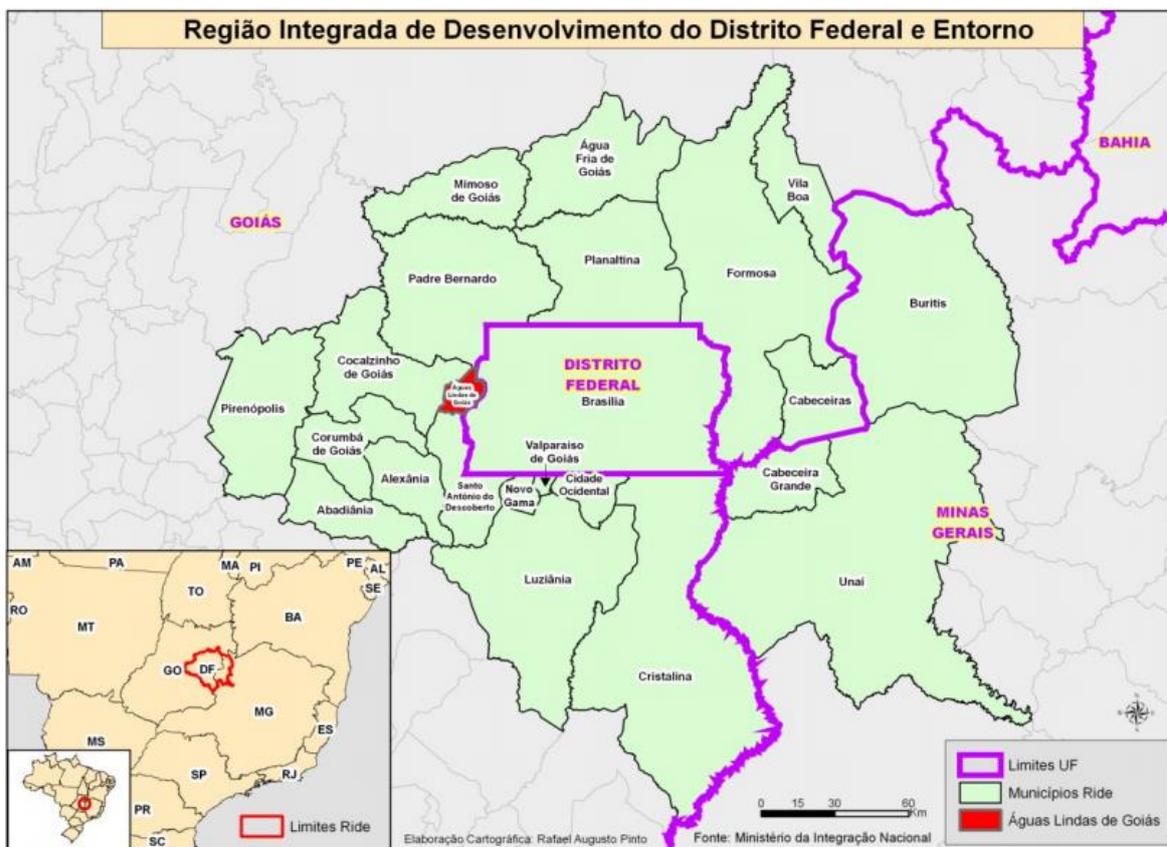
No final da década de 1990, criou-se a Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal e Entorno– (RIDE/DF) - Lei complementar nº 94 de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.710, de 04 de agosto de 1998, como sendo mais uma tentativa de articulação administrativa entre a União, os Estados do Goiás e de Minas Gerais e o Distrito Federal.

A RIDE/DF inclui o Distrito Federal e mais 22 municípios limítrofes (19 goianos e 3 mineiros): Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa, no estado de Goiás, e Unai, Buritis e Cabeceira Grande, no estado de Minas Gerais.

⁷ WADA, Satsuqui. Percepção ambiental e realidade local em Águas Lindas – Goiás. Brasília: UnB/GEA 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia).

⁸ Cabe ressaltar, de forma breve, que existe um evidente perfil político conflitivo na região, a saber, se os problemas regionais são de responsabilidade dos governantes do DF ou do Estado de Goiás (embora tal temática não tenha sido aprofundada no presente trabalho).

Mapa 1 - Municípios da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE/DF)



Fonte: Ministério da Integração Nacional, elaboração cartográfica Rafael Augusto Pinto, Junho/2008 (extraído de Dissertação de Mestrado em Geografia, Representações sociais da moradia e da natureza dos moradores de loteamentos de baixa renda em Águas Lindas de Goiás – GO, autora Maria das Dores Silva Nóbrega, Agosto de 2009)

Segundo o Ministério da Integração Nacional, consideram-se de interesse da RIDE/DF, os serviços públicos comuns ao Distrito Federal, aos estados de Goiás e de Minas Gerais e aos municípios que a integram: infraestrutura; geração de empregos e capacitação profissional; saneamento básico; uso, parcelamento e ocupação do solo; transportes e sistema viário; proteção ao meio ambiente e controle da poluição ambiental; aproveitamento de recursos hídricos e minerais; saúde e assistência social; educação e cultura; produção agropecuária e abastecimento alimentar; habitação popular; combate às causas de pobreza e aos fatores de marginalização; serviços de telecomunicação; turismo e segurança pública.

Em conclusão, sobre este terceiro período histórico, o crescimento populacional dos municípios da AMB ocorreu, principalmente, a partir da implantação e expansão de

Brasília, uma vez que grande parte da população não conseguia instalar-se na Capital, transbordando para seus limites geográficos, num claro processo de “transbordamento populacional”, que podemos de forma figurativa/caricatural, denominar de “periferia da periferia”. Ocorreram diversos desmembramentos e a então emancipação de novos municípios, contabilizou um total de 19 cidades, ao final da década de 2010.

4- O que é ser “Entorno” e suas problemáticas principais

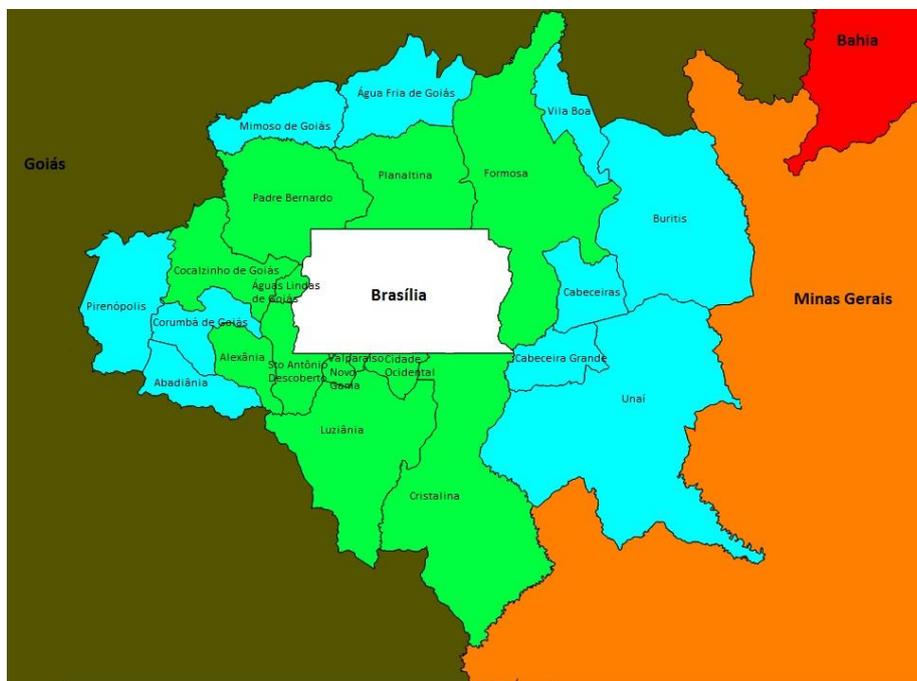
Após essa descrição, sócio histórica da região, podemos enfim proceder à análise do que é o “Entorno do Distrito Federal” e quais são as suas principais problemáticas.

Seguindo uma preocupação de delimitação, uma vez que existem várias definições possíveis em função do que se pretende observar, devemos delimitar o que neste estudo será considerado como “Entorno do Distrito Federal”.

Inserida na área urbano-regional (de influência) de Brasília, e na Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do DF (RIDE/DF), a AMB é constituída segundo a Nota Técnica (NT) nº0001/2013 da Codeplan, por 12 municípios goianos limítrofes ou próximos do Distrito Federal, além do município de Brasília. Todos esses 12 municípios são integrantes da RIDE, mas nessa escala de análise são excluídos os municípios que não possuem relações de natureza metropolitana com o DF, ou seja, relações socioeconômicas relevantes, como fluxos migratórios; acesso ao mercado de trabalho e aos serviços públicos de saúde e de educação.

Para fins de ilustração, no Mapa 2, em azul, os municípios pertencentes a RIDE/DF e em verde, os 12 municípios considerados como Área Metropolitana de Brasília – AMB.

Mapa 2 - Municípios que integram a Área Metropolitana de Brasília (AMB), inseridos na RIDE/DF



Fonte: IPEA- Data

Para classificar os municípios como metropolitanos ou não, foram utilizados indicadores universalmente adotados como, a densidade demográfica; a taxa de crescimento populacional; e a ocupação em atividades econômicas urbanas (UNODC, 2011).

Em consequência, vemos que dentro da escala de análise da RIDE/DF temos duas escalas diferentes: a metropolitana e a não metropolitana.

- A escala metropolitana agrega os municípios: Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.
- A escala não metropolitana (mas pertencentes a RIDE/DF) agrega os municípios: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Cabeceiras, Corumbá de Goiás, Mimoso de Goiás, Vila Boa, Buritis, Cabeceira Grande e Unai.

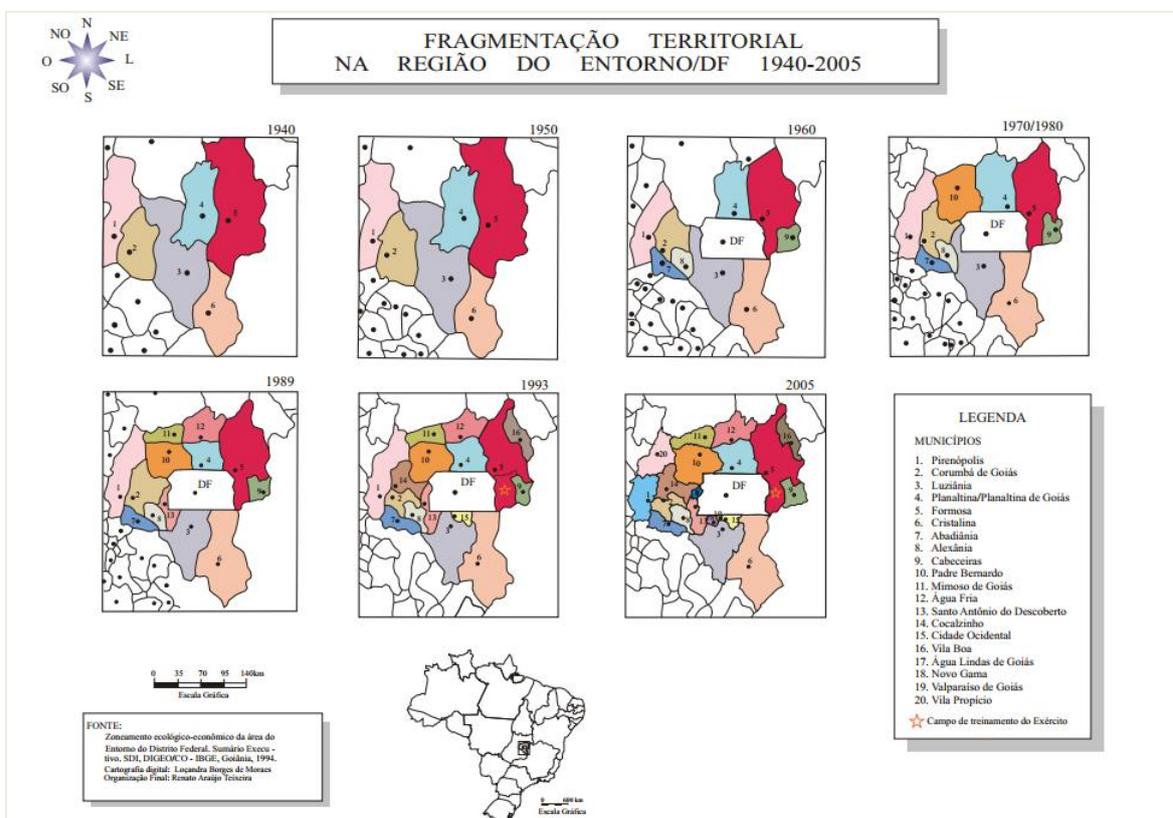
Na escala metropolitana, há municípios que mantêm fluxos econômicos e sociais mais densos com o Distrito Federal e outros com fluxos menos densos.

- Municípios com fluxos mais densos: Valparaíso de Goiás, Novo Gama, Cidade Ocidental, Luziânia, Águas Lindas de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Planaltina e Formosa.
- Municípios com fluxos menos densos: Padre Bernardo, Alexânia, Cristalina e Cocalzinho de Goiás.

No presente estudo, foram considerados os 12 municípios da AMB além do DF. No entanto, a análise dará mais ênfase aos oito municípios que mantêm fluxos econômicos e sociais mais densos em relação ao Distrito Federal.

Como forma de delimitação da área a ser estudada, torna-se interessante avaliar como surgiram esses municípios, pois eles resultaram de múltiplos desmembramentos territoriais, ocorridos ao longo do tempo, como vemos no mapa 3.

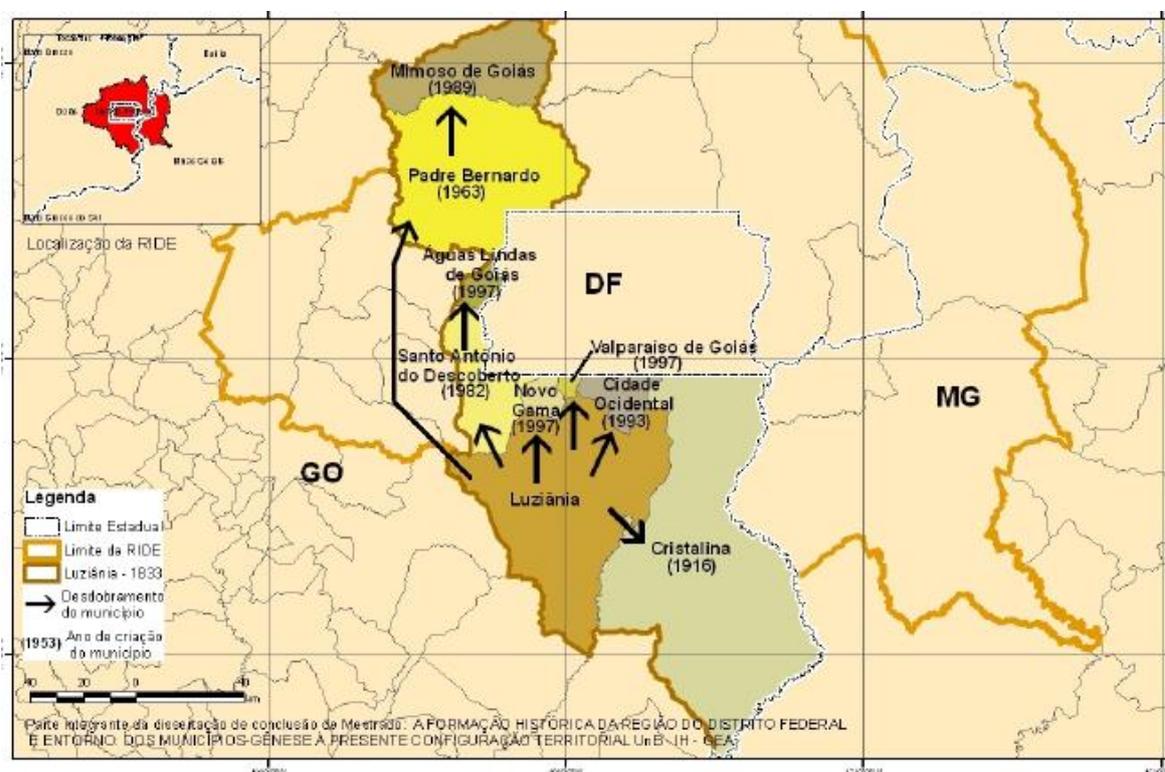
Mapa 3 - Fragmentação territorial na região do Entorno do Distrito Federal 1940-2005



Fonte: Observatório Geográfico do Goiás – UFG/IESA

Ao focar nossa observação somente ao que ocorreu com os desmembramentos dos municípios do “Entorno Sul”, vemos que em um espaço curto de tempo, quatro novos municípios foram emancipados e hoje representam uma parcela importante da população da AMB. São eles: Cidade Ocidental em 1993, desmembrando-se do município de Luziânia; e, em 1997, Aguas Lindas de Goiás, território emancipado de Santo Antônio do Descoberto; Novo Gama e Valparaíso, no mesmo ano, por desmembramento do município de Luziânia (mapa 4).

Mapa 4 - Desmembramentos do município de Luziânia (Entorno-sul)



Fonte: Observatório Geográfico do Goiás – UFG/IESA

A ideia desses desmembramentos era de facilitar a gestão e alocação de verbas governamentais e municipais para cada novo município. Entretanto, essa teoria ainda não surtiu um efeito positivo, pois persistem os velhos vícios administrativos e burocráticos. O Entorno e seus municípios ainda são locais problemáticos em busca de soluções.

Recentemente, um estudo da Codeplan, anunciou a possibilidade de criação de cinco novos municípios no Entorno do DF, por desmembramento de localidades já

existentes. Segundo o estudo esta criação “por si só, não equacionará a forte assimetria verificada com o núcleo metropolitano, mas para esses cinco distritos ou núcleos urbanos consolidados, a emancipação poderá representar a mitigação de uma ampla gama de problemas, em particular, o acesso precário a serviços públicos” (CODEPLAN, Agosto de 2013). Bem que em teoria o desmembramento parece ser uma solução adequada, caberia aos governantes melhor avaliar em que essa medida, já tomada, tem se mostrado como benéfica para o desenvolvimento econômico e social dos municípios que são emancipados.

4.1- Demografia e explosão urbana

A explosão demográfica dos municípios da AMB está intrinsecamente relacionada ao crescimento populacional que ocorreu desde a inauguração da Nova Capital Federal. Entre 1960 e 1980, a taxa média geométrica de crescimento anual da população manteve-se alta no Distrito Federal (10,9%). Entre as décadas 1960/1970 e 1970/1980, as taxas média anual foram de 14,4% e 8,2% ao ano, respectivamente. A título de comparação, nestes mesmos períodos essa taxa manteve-se abaixo dos 3% e 2,8% ao ano, no contexto nacional (CODEPLAN, Maio de 2013), como testemunha a tabela 1.

Tabela 1 - Taxa média geométrica de crescimento anual da população (%) no DF e no Brasil, entre 1960 e 2010

Período	DF	Brasil
1960/1970	14,4	2,9
1970/1980	8,2	2,5
1980/1991	2,8	1,9
1991/2000	2,8	1,6
2000/2010	2,3	1,2

Fonte: IBGE e Codeplan - Números arredondados

Em números absolutos, a tabela 2 demonstra que entre 1960 e 1970 a população brasileira mais que triplicou, passando de 140.164 habitantes na inauguração para 537.492 em dez anos. Entre 1970 e 1980, mais que duplicou, atingindo em 1991, 1.176.935 habitantes. Números que, embora não estagnados, mantiveram constância nas últimas décadas (CODEPLAN, Maio de 2013).

Tabela 2 - Crescimento Populacional do Distrito Federal de 1960 a 2010

Década	População do Distrito Federal	Taxa de crescimento (%)
1960	140.164	
1970	537.492	283,5
1980	1.176.935	119,0
1991	1.601.094	36,0
2000	2.051.146	28,1
2010	2.570.160	25,3

Fonte: IBGE (2010)

O Distrito Federal continua sendo um polo de atração de imigrantes de diferentes estados do país, mesmo se de forma menos expressiva e atingindo certa estabilidade a partir da década de 1990. Estima-se que a população brasiliense tenha atingido seus 2.789.761 habitantes em 2013⁹.

Ademais, o eixo Brasília-Goiânia é tido um dos principais polos de desenvolvimento econômico do Brasil (COSTA e SOUZA, 2012). Este fator contribui para intensificar os fluxos de imigrantes para a região, que hoje representa a terceira maior aglomeração populacional do Brasil, atrás apenas das Regiões Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, e abrigando em 2010, cerca de nove milhões de habitantes.

Assim como foi o caso no DF, o crescimento demográfico dos municípios da AMB deve-se principalmente aos expressivos contingentes migratórios para a região desde a década de 1960 e ainda hoje em dia. Embora, alguns destes municípios existissem, antes da construção de Brasília como Capital Federal do país, a forte explosão demográfica que neles ocorreu está relacionada com a não capacidade, ou a falta de políticas favoráveis a acolher esse grande contingente populacional migrante dentro do território do Distrito Federal.

Cabe então analisar (tabela 3 e 4) como ocorreu a evolução demográfica nos municípios da Periferia Metropolitana da AMB, entre 1980 e 2013, em comparação com o crescimento demográfico que ocorreu no Distrito Federal neste mesmo período. Tomou-se

⁹ IBGE - Cidades

em conta inicialmente o ano de 1980, porque foi a partir deste ano que ocorreu o maior número de desmembramentos e a consequente criação de novos municípios na região.

Tabela 3 - Proporção da evolução demográfica da Periferia Metropolitana em relação ao Distrito Federal, entre 1980 e 2013 (em %)

Localidade/ Ano	1980	%	1991	%	2000	%	2010	%	2013*	%
Periferia Metropolitana	0,2	14	0,4	20	0,8	27	1	28	1,2	30
Distrito Federal	1,2	86	1,6	80	2,1	73	2,6	72	2,8	70
AMB	1,4	100	2	100	2,8	100	3,6	100	4	100

Fonte: CODEPLAN – Estudos sobre novos municípios na AMB – 08/2013

Elaboração própria.

Notas: (*) Estimativa/PMAD 2013. Números arredondados.

Na tabela 3, vemos que entre a década de 1980 e o ano de 2013, a representatividade populacional dos municípios da Periferia Metropolitana, na AMB, em relação ao DF, simplesmente dobrou. Em 1980, 14,3% da população total da AMB, residia nos municípios da Periferia Metropolitana; já, em 2013, essa proporção populacional passou para 30%. Esta constatação não significa, no entanto, que o crescimento populacional do DF estagnou, mas sim que a evolução demográfica mostra-se cada vez mais expressiva no que diz respeito aos municípios da PM da AMB. Proporcionalmente, neste período, o crescimento demográfico da PM da AMB foi superior à evolução demográfica no Distrito Federal.

A partir dos anos 1980 a explosão demográfica concentrou-se, sobretudo, nos municípios da Periferia Metropolitana da AMB. Estes se tornaram uma “válvula de escape” dos contingentes migratórios que chegavam à região, consolidando-se como áreas receptoras de emigrantes.

Na tabela 4, são apresentados os números absolutos que testemunham essa constatação. Observa-se que no início da década de 1980, e até mesmo até meado da década de 1990, existiam em princípio sete municípios na região, ao passo que no final da década de 1990, cinco foram emancipados como resultado de desmembramentos territoriais. Embora o crescimento populacional mostra-se como uma observação global, vemos que alguns municípios ganham maior destaque, como por exemplo, Águas Lindas, Luziânia e Valparaíso.

Tabela 4 - Evolução demográfica dos municípios da Periferia Metropolitana da AMB, entre 1980 e 2013 (números absolutos)

Localidade/ Ano	1980	1991	2000	2010	2013***
Alexânia	12.116	16.472	20.047	23.814	25.468
Águas Lindas de Goiás	**	**	105.746	159.378	197.290
Cidade Ocidental	*	*	40.377	55.915	68.502
Cocalzinho de Goiás	x	x	14.626	17.407	18.623
Cristalina	15.977	24.937	34.116	46.580	51.149
Formosa	43.296	62.982	78.651	100.085	100.444
Luziânia	80.089	207.674	141.082	174.531	177.501
Novo Gama	*	*	74.380	95.018	101.902
Padre Bernardo	15.855	16.500	21.514	27.671	30.059
Planaltina	16.172	40.201	73.718	81.649	83.356
Sto. Antônio do Descoberto	12.725	35.509	51.897	63.248	66.583
Valparaíso	*	*	94.856	132.982	168.961
Periferia Metropolitana	196.240	404.275	751.298	978.266	1.128.313

Fonte: CODEPLAN – Estudos sobre novos municípios na AMB – 08/2013 Elaboração própria

Notas: (*) Incluído em Luziânia (**) Incluído em Santo Antônio do Descoberto (***) Estimativa/PMAD 2013

(x) Incluído em Corumbá de Goiás

Assim, ao analisarmos a evolução do saldo migratório¹⁰ na região entre a década de 1990 e 2010, observou-se que, em 1991, o saldo migratório do Estado de Goiás foi 2,4 vezes maior que o do DF; em 2010, o saldo migratório em Goiás foi 14,8 vezes superior ao do DF (CODEPLAN, fevereiro de 2013).

Contingente esse, oriundo não somente de outros estados brasileiros, mas em grande parte do DF. Ainda entre 1995 e 2000, Brasília “exportou” cerca de 80.000 pessoas para os municípios da AMB (CODEPLAN, fevereiro de 2013). E, entre 2005 e 2010, 60% dos que imigraram para os municípios da Periferia Metropolitana da AMB eram oriundos do Centro Oeste, excluindo as imigrações intra AMB, segundo o mesmo estudo da Codeplan, e 25% eram dos estados do Nordeste.

¹⁰ Saldo migratório é a diferença entre o número de entradas (imigração) e o número de saídas (emigração) de população, em um determinado país ou região, em um período de tempo determinado. Um saldo migratório positivo atesta que houve um crescimento efetivo da população.

Constatou-se, que o DF perdeu, não somente a sua força de atração, mas também sua capacidade de retenção da população. Embora problemas persistam nos municípios do Entorno, os preços são mais atrativos, o custo de vida é relativamente mais baixo, e existe uma abundância de lotes à venda, além do fato de que muitos para lá se mudam para acompanhar seus familiares.

Tabela 5 - Taxa geométrica de Crescimento médio populacional anual na Periferia Metropolitana da AMB de 1991 a 2013

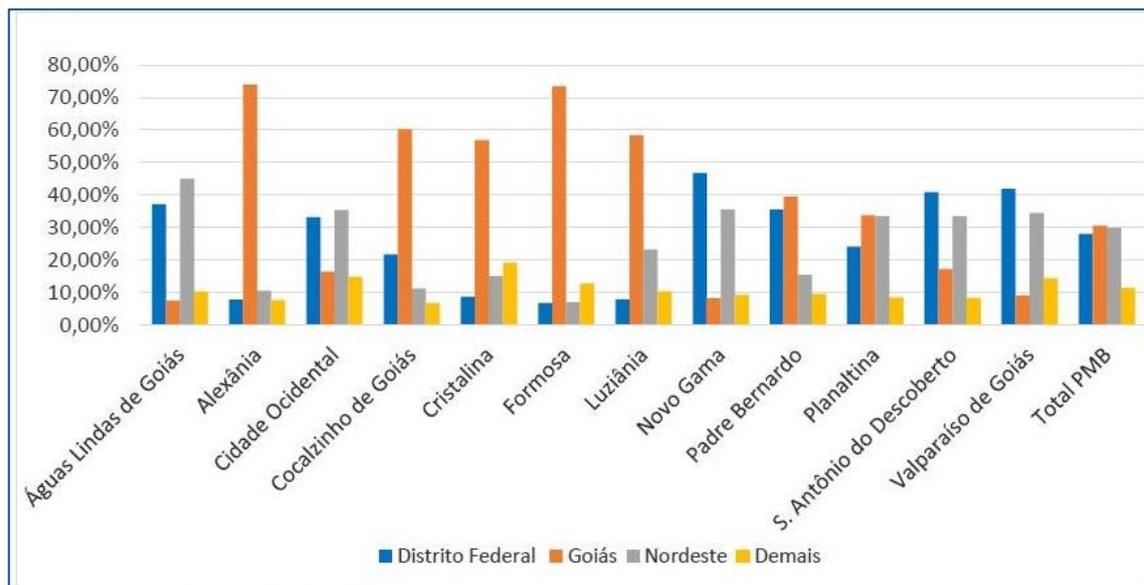
Década	População	Crescimento Médio Anual no período (1991 e 2013) em %
1991	404.275	
2000	751.298	8,58
2010	978.266	3,02
2013*	1.128.313	5,11

Fonte: Codeplan, PMAD-2013 **Notas:** (*) Baseado em uma estimativa.

Na tabela acima vemos que a taxa geométrica de crescimento médio anual na Periferia Metropolitana da AMB manteve-se constantemente mais alta do que a do DF, e mesmo do Brasil, neste mesmo período. Calcula-se que taxa geométrica média dos períodos (entre 1991 e 2013) foi de 5,09% ao ano.

No entanto, neste período os movimentos populacionais ocorreram de forma diferenciada, tanto por sua composição populacional, quanto pelo seu sentido e direção. Houve uma relativa baixa das imigrações originárias de zonas rurais e um aumento dos movimentos de origem urbana com destino a áreas urbanas, caracterizando uma nova forma de deslocamentos populacionais no país (CODEPLAN, Maio de 2013). Não sendo somente resultado do êxodo rural, mas de um fluxo populacional intra-metropolitano e inter-regional, como atesta a tabela 6.

Tabela 6 - População, seguindo a naturalidade, por município da AMB



Fonte: Codeplan, PMAD-2013.

Em resumo, se nas duas décadas seguintes a construção de Brasília, o que se viu foi à chegada à região de populações oriundas principalmente dos estados do Nordeste e do Norte do Brasil; nos tempos atuais observa-se que o movimento migratório para a região é composto, cada vez mais, por populações que emigram do próprio estado do Goiás, assim como do Distrito Federal. Com base nos dados da tabela 6, vemos, por exemplo, que cerca de 60% da população residente no município de Santo Antônio do Descoberto, tem como naturalidade o Distrito Federal ou o estado de Goiás; nos municípios de Novo Gama, Valparaíso, Cidade Ocidental e Águas Lindas essa taxa fica acima de 46% da população.

4.2 - Desigualdades e disparidades sociais

Existem fortes assimetrias entre os municípios da AMB, sobretudo no que diz respeito ao DF e a sua Área Metropolitana. Vários estudos apontam para essas diferenças (SILVA, 2006), (CODEPLAN, Janeiro de 2013), (CODEPLAN, Agosto de 2013), (CODEPLAN, Janeiro de 2013), (CODEPLAN, Outubro de 2011) e (PAVIANI, 2007).

Essas disparidades podem ser constatadas em diversos aspectos, tais como: o crescimento econômico e a distribuição de renda; a formação educacional e o acesso a bens culturais e; a infraestrutura urbana básica.

No que diz respeito ao crescimento econômico, ele é bastante diversificado e não acontece de maneira uniforme na região. Se alguns municípios possuem um setor industrial ou agrário forte, como por exemplo, Cristalina, Formosa e Luziânia, que concentram 50% de toda riqueza produzida no Entorno. Outros municípios dependem quase que exclusivamente do setor terciário, como em Valparaíso, Cidade Ocidental, Novo Gama e Águas Lindas. Isso se nos ativermos somente às diferenças existentes entre os municípios da Periferia Metropolitana da AMB.

Em relação ao DF as diferenças tornam-se bem mais amplas. Em termos de PIB, observa-se que o PIB/DF é 16 vezes maior que o dos municípios do Entorno (CODEPLAN, Janeiro de 2013). O PIB *per capita*, é outro dado que atesta essa enorme disparidade entre os municípios. O DF sendo a localidade brasileira em que melhor se remuneram os funcionários, provocando distância de níveis de renda. Assim, por exemplo, o PIB per capita no DF é R\$ 37.600 ao ano; R\$ 5.164 em média no Entorno; e, R\$ 2.327, em Águas Lindas município que possui o menor PIB *per capita* da região (CODEPLAN, Janeiro de 2013). Com relação à utilização dos benefícios sociais, 19,07% dos domicílios da PM da AMB declaram receber auxílio do *Programa Bolsa Família* (p. 50).

Mesmo considerando que na última década surgiu uma nova classe média, e que esta está cada vez maior, não podemos omitir a persistência de uma população ainda pobre ou até mesmo miserável em diversas regiões do país. Foi com este objetivo principal que foi realizada uma pesquisa da Codeplan (Janeiro de 2013), que visava “apontar os intervalos de renda das pessoas/famílias que melhor retratam a realidade socioeconômica das regiões administrativas do DF e dos municípios de sua periferia metropolitana”¹¹. Enquanto no conjunto do DF 61,52% da população pode ser considerada como pertencente às classes média ou alta; na periferia metropolitana somente 33,11% da população pertence a tais classes sociais. Ou seja, em crescimento a nível nacional, esta nova classe média ainda é minoria na periferia metropolitana e no Entorno do DF.

¹¹ Uma das principais inovações dessa pesquisa é de que os parâmetros de renda foram regionalizados, mostrando que o DF e sua região constam com a pior distribuição de renda do país.

Em 2014, o Distrito Federal foi considerado como “zona sem analfabetismo”, pois está realidade não é a mesma nos municípios do Entorno e na Periferia Metropolitana da AMB. Em algumas cidades, parcela da população não tem ou nunca teve um nível de escolaridade acima do ensino fundamental. O não acesso a educação, reforçado pela chegada de imigrantes das áreas mais pobres do país, repercute em taxas locais ainda relativamente altas de analfabetismo. No conjunto dos municípios da PM da AMB, 2,6% da população, com 15 anos ou mais, se declara “analfabeta”. Se observarmos essa taxa por município, destacam-se, Alexânia, com 4,9%, Cocalzinho de Goiás com 3,5% e Águas Lindas de Goiás com 3,1% (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 107).

No que diz respeito aos níveis médios de educação da população, sobressaíram dois níveis com maior número de pessoas: o “fundamental incompleto”, com 37,92% da população e; o “médio completo”, declarado por 21,15% das pessoas, isso na média da Periferia Metropolitana da AMB. Em certas localidades essas taxas são mais elevadas em função do nível de escolaridade considerado, assim, por exemplo, 48,5% da população de Santo Antônio do Descoberto; 46,2% da população de Águas Lindas de Goiás e 41,8% da população do Novo Gama declaram ter, como nível de escolaridade, “fundamental incompleto” (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 109).

É também elevada a taxa de evasão escolar e de abandono dos estudos, motivado, principalmente por “falta de interesse”. Assim, ao considerarmos o subtotal da população que “não estuda” e que mora na PM da AMB, em 33,6% dos casos o motivo declarado para não estudar é “porque não tem interesse” (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 106). Com destaque para os municípios de Águas Lindas, com 46,7%, Cidade Ocidental, com 39,5% e Luziânia, com 39,2% da população que declara “não ter interesse em estudar”. É, no entanto, importante precisar que dentro dessa taxa estão excluídos os que “não estudam, porque trabalham”. Podemos então concluir que em média um terço da população dos municípios da PM da AMB, e em alguns casos praticamente metade da população “nem estuda, nem trabalha”¹².

Quanto ao local de realização dos estudos verifica-se que quase 90% estudam no próprio município, e em sua grande maioria em estabelecimentos públicos de ensino.

¹² Embora tivesse sido interessante fazer uma análise mais aprofundada de tais dados, e correlacionar essa realidade com o fenômeno brasileiro da “*geração nem nem*”, não foi possível encontrar dados que abordavam somente a juventude desses municípios.

Mostra-se uma relativa pouca demanda por matrículas no DF, o que, no entanto, segundo a pesquisa, denota a pouca atratividade pelos estudos e uma acomodação em função da pouca expectativa de inserção no mercado de trabalho. Constatação reforçada se observarmos os dados relativos à busca e acesso a equipamentos culturais por estas populações. Assim, 95% da população da PM da AMB não costuma ir ao museu e ao teatro; 88% não frequentam bibliotecas e 67% não têm o hábito de leitura (p. 64).

Tal dado sobre o local de realização dos estudos contribui para refutar a imagem comumente veiculada e que tende a rotular o conjunto dos municípios da PM da AMB como “cidades dormitório”. Se atentarmos ao fato, que, uma parcela importante dessas populações é composta essencialmente por crianças e jovens em idade escolar, sabendo que 90% destes estudam no município em que residem, faz com que uma parcela majoritária da população esteja confinada a localidade e não necessariamente dependente dos serviços da Capital Federal.

Por terem sido criados seguindo iniciativas particulares do mercado imobiliário, tais territórios foram ocupados de forma irregular e sem planejamento urbano prévio. Essas localidades, por anos, e ainda hoje em dia, foram ignoradas pelos governos municipais, estaduais e federais e criaram-se como favelas, à margem de grandes rodovias resultando em áreas com pouca infraestrutura urbana básica (SILVA, 2006).

Atualmente, cerca de 90% dos domicílios das PM da AMB tem acesso a rede de água, no entanto, esse percentual cai para 70% nos domicílios de Luziânia (p. 74). Quanto ao esgotamento sanitário, o percentual segue consideravelmente baixo em toda região, em torno dos 31% em média. Porém, em alguns municípios essa cobertura é baixíssima, por exemplo, em Águas Lindas, somente 4% dos domicílios tem acesso à rede geral de esgoto sanitário, nessa localidade 90% dos domicílios utiliza-se de fossas sépticas rudimentares. Quanto ao abastecimento de energia elétrica, ele está praticamente universalizado na região (CODEPLAN, Janeiro de 2013).

O sistema viário, embora em desenvolvimento de dez anos para cá, continua precário mal desservido, sobretudo no que diz respeito ao transporte público, frente ao enorme movimento pendular diário intra-metropolitano.

Em conclusão, podemos adiantar que, frente a tamanhas desigualdades e disparidades entre regiões geograficamente próximas, tende-se a criar-se uma relação de dependência intra-regional, entre os municípios da PM da AMB e o DF, como veremos a seguir.

4.3 - Dependências em relação ao Distrito Federal e fluxo pendular

Segundo defende o geógrafo Queiroz (2006), nos tempos atuais, os municípios da PM da AMB encontram-se quase total dependência da dinâmica socioeconômica do Distrito Federal. O Entorno acabou tornando-se um “apêndice da capital federal”.

A dependência entre os municípios da PM da AMB e o DF, observa-se comumente sob três formas principais: quanto à relativa dependência de cunho econômico e político; quanto à dependência relacionada ao uso dos serviços públicos de saúde; e, sobretudo, quanto à dependência em relação ao mercado de trabalho. É essa última forma de dependência, que mais nos interessa, pois é a que provoca como desdobramento o imenso e constante “fluxo pendular” intra-metropolitano.

Por dependência de cunho político, considera-se, a presença de um perfil político conflitivo na região, sobretudo no que tange aos oito municípios que mantêm uma relação metropolitana com Brasília. Nessas localidades é complexa a relação entre o que é de responsabilidade do Governo de Goiás, do Governo do Distrito Federal e do Governo Federal. Falta uma coordenação conjunta e eficaz para elaboração de políticas públicas de desenvolvimento social na região. É também interessante destacar que, recentemente o Tribunal Superior Eleitoral – TSE¹³ - estimou que pelo menos 180 mil dos quase 1,9 milhões de eleitores do DF, são moradores dos municípios da AMB, ou seja, 9,5% do conjunto.

Fala-se também da dependência intra-metropolitana no que diz respeito ao uso dos serviços públicos de saúde pelas populações dos municípios da PM da AMB no DF. Esta constatação se explica uma vez que, a oferta nos municípios de origem é por muitas vezes escassa, tanto em relação aos médicos, quanto no que diz respeito aos equipamentos hospitalares. Paradoxalmente, em média 95% da população dependem do serviço público de saúde, sendo pouco o acesso aos planos de saúde por estas populações. No entanto,

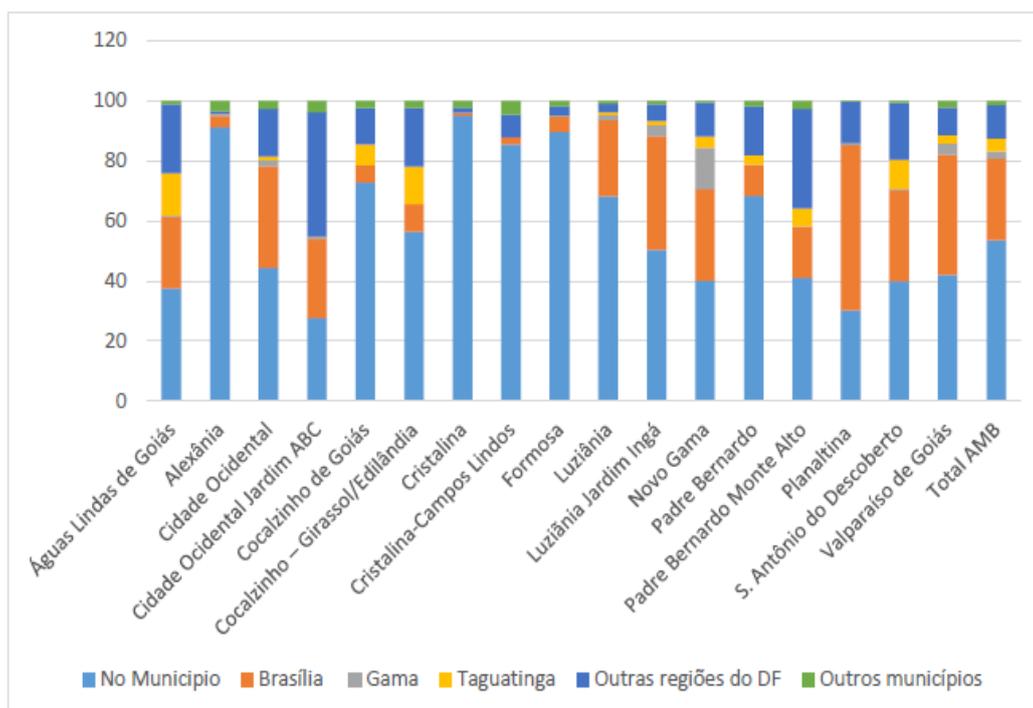
¹³ Reportagem do jornal *Correio Braziliense*, do dia 22 de setembro de 2014.

devemos relativizar a tendência a ver essa forma de dependência como uma das razões do intenso fluxo metropolitano intra-metropolitano, uma vez que se supõe que, diferentemente do ato de “ir ao trabalho” ou “ir à escola”, o ato de “ir ao hospital” não é tão frequente e rotineiro. Além do mais, dados da pesquisa da PMAD/2013, apontam que, em média, no conjunto dos municípios da PM da AMB, 66% da população utiliza-se dos hospitais e postos de saúde do próprio município (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 114).

Para Silva (2006) é principalmente a falta de empregos na PM da AMB que tem por consequência a movimentação intensa e diária em direção as diferentes RAs do DF. A taxa média de desemprego nesses municípios é de 8,5%. Persiste o número elevado de empregados sem carteira assinada, em torno de 17,0%, ou que trabalham como autônomos, em um total de 33.5% dos ocupados, revelando o alto índice de informalidade no mercado de trabalho na região (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 55).

Quanto ao local de trabalho, embora em média 53,5% das pessoas trabalham no município em que residem, 45,0% são empregados no Distrito Federal. Em seis dos municípios da PM da AMB, mais de 50,0% dos residentes trabalham no DF: Planaltina (69,5%); Águas Lindas de Goiás (61,3%); Santo Antônio do Descoberto (59,4%); Novo Gama (59,3%); Valparaíso (55,6%); e, Cidade Ocidental (52,9%) (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 55). Como constatamos na tabela a seguir.

Tabela 7 - População urbana da PMB, por local de trabalho – PMAD - 2013



Fonte: Codeplan, PMAD-2013.

Um enorme contingente de pessoas residentes nesses municípios se desloca diariamente para o DF (tabela 8) segundo dados da Agência Nacional de Transporte Terrestre - ANTT, com destaque para os municípios de Águas Lindas, Valparaíso, Planaltina e Novo Gama.

Tabela 8 - Fluxo de passageiros entre o DF e oito municípios da AMB - 2010

Municípios	Fluxo diário total	População em 2010
Águas Lindas de Goiás	65.761	159.378
Valparaíso de Goiás	52.210	132.982
Cidade Ocidental	19.857	55.915
Planaltina	26.903	81.649
Santo Antônio do Descoberto	19.477	63.248
Novo Gama	34.037	95.018
Luziânia	35.925	174.531
Formosa	2.947	100.085

Fonte: ANTT

Quanto às motivações para os deslocamentos, os dados (CODEPLAN, Agosto de 2013) apontam que de em média 160.000 habitantes do Entorno entram diariamente no DF, por motivos de trabalho (63,1%), saúde (3,8%) e educação (3.1%).

Concluindo, vemos que existe sim um intenso e cotidiano fluxo pendular entre a Periferia Metropolitana e o DF. No entanto, observa-se que tal fenômeno se exerce quase exclusivamente para o (ou em busca de) trabalho no centro econômico da Capital Federal, e relativamente pouco no que diz respeito à busca por saúde e educação. Invalida-se assim, mais uma vez, a tendência a considerar os municípios da PM da AMB somente na qualidade de “cidades dormitórios”.

4.4 - A violência no Entorno (e do entorno)

Seguindo uma tendência nacional de aumento da criminalidade violenta, destaca-se, como preocupante, a situação do Distrito Federal e do seu Entorno.

De acordo com os dados do Ministério da Saúde, nas últimas duas décadas, registrou-se no DF um forte aumento nas taxas de homicídio, passando de uma taxa de 12,3 por 100 mil habitantes em 1980, para uma taxa de 38,5 por 100 mil habitantes em 2009. O que equivale a um aumento de 213%, superior ao da taxa nacional no mesmo período (COSTA e SOUZA, 2012).

Se antes, o problema da violência por homicídio concentrava-se principalmente nos grandes centros urbanos do país, de duas décadas para cá houve uma “interiorização da violência”, com um grande aumento das taxas de homicídios nas cidades médias (acima de 200.000 habitantes) e nas regiões metropolitanas dos grandes centros urbanos.

A AMB chama a atenção pelo crescimento acentuado do número de homicídios, com um aumento de 59,3% nas taxas de homicídio entre 2000 e 2010. Tendo destaque o aumento ocorrido nos municípios de Valparaíso (168%) e de Águas Lindas de Goiás (137%) (COSTA e (ORG.), novembro de 2013). Por sinal, em 2010, três municípios da AMB ficaram entre os 200 mais violentos do país: Valparaíso, Luziânia e Águas Lindas de Goiás (p. 16).

Tabela 9 - Taxas de homicídios em oito municípios¹⁴ da AMB – 2010

Município	População	Homicídios	Distribuição em % por município	Taxa
Águas Lindas de Goiás	159.378	101	17,8	63,4
Cidade Ocidental	55.915	29	5,1	51,9
Formosa	100.085	38	6,7	38
Luziânia	174.531	145	25,6	83,1
Novo Gama	95.018	76	13,4	80
Planaltina de Goiás	81.649	33	5,8	40,4
Santo Antônio do Descoberto	63.248	30	5,3	47,4
Valparaíso	132.982	114	20,1	85,7
Total	862.806	566	100	65,60

Fonte: Relatório de Pesquisa. Avaliação dos homicídios do Entorno do Distrito Federal – SSP/GO

Outro dado interessante diz respeito ao perfil das vítimas de homicídios na Periferia Metropolitana da AMB, 94,0% das vítimas foram homens (em 2010), a maioria tinha entre 18 e 25 anos, além de uma prevalência de jovens negros¹⁵. O que atesta a vulnerabilidade dessa população e reforça o que já ocorre em nível nacional, uma vez que os jovens (entre 15 e 24 anos) representavam apenas 18,6% da população brasileira em 2007, mas foram 36,6% das vítimas por homicídio (COSTA e (ORG.), novembro de 2013, p. 6).

Um estudo diagnóstico dos homicídios na AMB do DF, publicado em 2013, mostrou, pontos relevantes a serem analisados (COSTA e (ORG.), novembro de 2013). Primeiro, a distribuição dos homicídios na PM da AMB concentrou-se (dados de 2010) nos municípios do Entorno Sul da região, com taxas de homicídios, por 100.000 habitantes, entre 41 e 86. Segundo, e o que mais interessa a este trabalho, foi constatado que a concentração de homicídios atinge territórios (bairros) específicos dentro desses municípios. Assim, por exemplo, em 2010, dos 566 homicídios que ocorreram nos municípios da AMB e 66,5% concentraram-se em três bairros, nos municípios de Luziânia, Valparaíso e Águas Lindas.

¹⁴ Foram aqui considerados os oito municípios (de um total de 12) que mantêm relação metropolitana mais densa com o Distrito Federal. Excluindo os municípios de Alexânia, Cocalzinho de Goiás, Cristalina e Padre Bernardo.

¹⁵ Dados recolhidos junto a Secretaria de Ação Social do Município de Águas Lindas de Goiás, em janeiro de 2014.

Além da mortalidade violenta na PM da AMB, pretende-se aqui focar a observação na violência simbólica “do” Entorno em relação a sua população, pois o desemprego, também é uma forma de violência, desta vez simbólica, e que atinge majoritariamente a população jovem dessa “periferia da periferia”. Tal violência aumenta o sentimento de exclusão social, de insegurança e de segregação espacial (PAVIANI, 2005). É principalmente destacando essa violência simbólica que este estudo será desenvolvido, não negando a existência de altos índices de criminalidade violenta, mas buscando um entendimento aprofundado e fugindo ao que já é ressentido pelo senso comum.

Em conclusão, vemos que apesar da AMB ter sido criada com o objetivo de minimizar as desigualdades e incrementar o desenvolvimento nas regiões geograficamente afins, os dados obtidos revelam grandes disparidades entre os municípios do Entorno e as regiões administrativas do DF.

5 – Águas Lindas ou a “periferia da periferia”

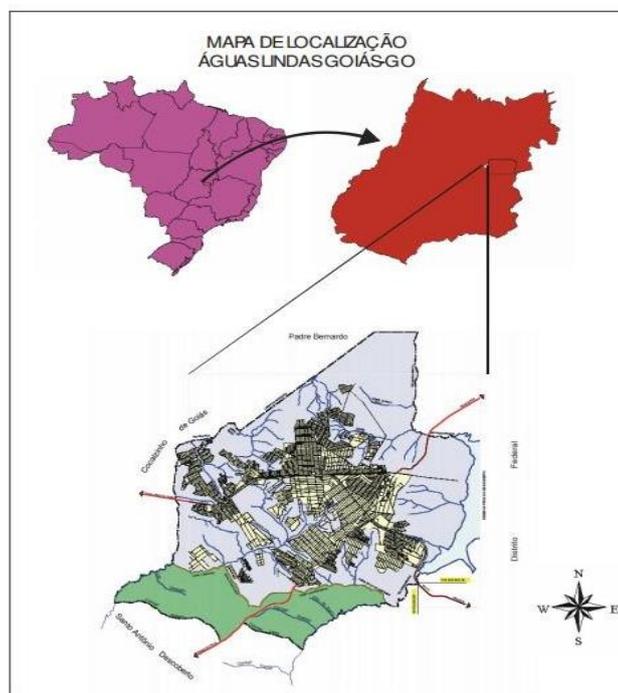
A localidade escolhida para esta pesquisa foi o município de Águas Lindas de Goiás, situado na AMB, a 50 km do centro de Brasília, 200 km da capital do Estado – Goiânia - e cerca de 8 km da cidade mais próxima do Distrito Federal – Ceilândia.

Esse município tem uma história recente, sua emancipação ocorreu após abaixo assinado conduzido por lideranças locais, culminando com o plebiscito do Parque da Barragem, realizado em 12 de outubro de 1995. A Barragem foi elevada a categoria de município com a denominação de Águas Lindas de Goiás, pela lei estadual nº12. 797, de 27/12/1997. O município tem uma área total de 188,38 km¹⁶.

Águas Lindas se originou de um loteamento de chácaras de lazer às margens da BR-070 e próximo à bacia do rio Descoberto, quando seu território ainda pertencia a Santo Antônio do Descoberto, que por sua vez foi desmembrado de Luziânia.

¹⁶ IBGE. Censo 2010.

Mapa 5 - Localização de Águas Lindas no estado de Goiás



Fonte: *IBGE: Malha Municipal 2005- Escala:500.000, customizados pelo programa ARCVIEW 3.2
** adaptado Plano Diretor de Águas Lindas de Goiás, 2002

Fonte: IBGE

Essas chácaras que se encontravam na área rural, foram compradas, à época, por famílias financeiramente favorecidas e por estrangeiros. Esses primeiros compradores das chácaras, localizadas no hoje município de Águas Lindas, em sua grande maioria não fixaram suas residências na região e, foi em parte por conta dessa não fixação do homem a terra, que equipamentos básicos de infraestrutura urbana não foram instalados (pois não requisitados) ou até mesmo planejados, pelo poder público, de forma similar ao ocorrido nos anos 1970 no município de Luziânia.

Segundo testemunham os pioneiros da cidade, no início havia apenas fazendas e chácaras em meio ao cerrado e perto de inúmeros córregos.

Nos anos 1990, devido ao ainda contínuo fluxo migratório para a região do Distrito Federal e a especulação imobiliária no quadrilátero, com o objetivo de melhor comercializar essas terras, as chácaras foram parceladas em lotes de dimensões urbanas e, vendidos a baixo custo às populações que fugiam do alto custo de vida da Capital Federal. Podemos concluir previamente que o explosivo adensamento populacional em Águas

Lindas é resultado de uma má gestão da imigração, assim como, uma ineficiente política habitacional do Governo do Distrito Federal para seu Entorno.

Águas Lindas é hoje o município mais populoso da Periferia Metropolitana da AMB, com uma estimativa de 197.200 habitantes em 2013 (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 30) o que representa 18,41% do total da população da AMB. A densidade demográfica do município também é elevada, são 846,03 habitantes/km².

É importante destacar a importância numérica de sua população jovem, ou seja, a que se situa na faixa etária entre os 15 e os 24 anos de idade, representando 21% da população total do município, segundo dados de 2013.

Tabela 10 - Proporção de jovens na população total do município de Águas Lindas de Goiás (em 2013)

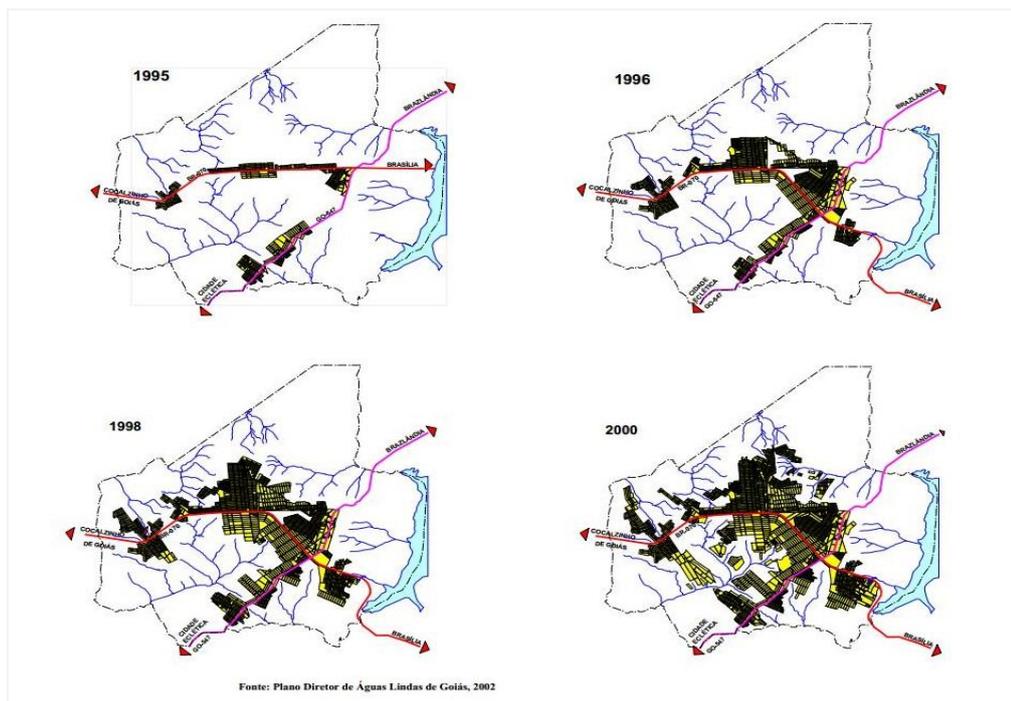
Grupo de idade	15 a 18	19 a 24	População entre 15 e 24 anos	Total da população
Valores absolutos	18.896	22.451	41.347	197.290
Valores relativos (%)	9,6	11,4	21	100

Fonte: Codeplan, PMAD/2013.

O crescimento populacional da região se deu principalmente por sua proximidade de Brasília. A existência da rodovia BR- 070, corredor de saída do Distrito Federal propiciou o fluxo de muitas famílias vindas de Brasília e outras cidades próximas, que foram se aglutinando às suas margens, gerando a explosão demográfica atual, como mostra o mapa a seguir Segundo dados da Secretaria de Ação Social em 2009, o município de Águas Lindas contava supostamente com 241 bairros, e segundo a administração local a criação de novos bairros continuou desde então¹⁷.

¹⁷ Tal dado pode, no entanto, ser questionado, pois a divisão em bairros se dá, por muitas vezes, não seguindo critério algum. É questionável um município relativamente pequeno com tantos “bairros” distintos.

Mapa 6 - Crescimento urbano e adensamento populacional em Águas Lindas entre 1995 e 2000



Fonte: Plano Diretor de Águas Lindas de Goiás, 2002.

Este forte crescimento populacional no município tem por origem dois fluxos migratórios distintos. Um primeiro contingente migratório é oriundo de outros Estados brasileiros, sobretudo do Maranhão, Piauí e Bahia. Um segundo, não menos importante, se origina do próprio DF. Assim, entre 2000 e 2007, 44,7 mil pessoas que moravam no DF se mudaram para a PM da AMB, e deste universo, 13,1 mil tiveram como destino Águas Lindas, ou seja, 29,3% do total (CODEPLAN, fevereiro de 2013).

Outro ponto que merece destaque é a forma atípica como a população de Águas Lindas se constrói em relação às RAs periféricas do Distrito Federal. Como já vimos anteriormente nas “cidades satélites” a migração se fez em um movimento “de fora para dentro”, ou seja, pessoas vindas de outros estados brasileiros. A formação populacional de Águas Lindas se fez em um movimento migratório “de dentro para as margens”, e esta é composta, pela segunda geração dos pioneiros de Brasília, que, não conseguindo seguir o padrão de vida brasiliense, optaram por criar e fixar residência na Cidade.

Águas Lindas de Goiás é além de tudo uma cidade com um grande potencial de atratividade, assim a migração entre Brasília e Águas Lindas, que inicialmente ocorria por

falta de condições financeiras de morar no Distrito Federal, seguindo um processo de periferização urbana típico das grandes metrópoles brasileiras, atualmente ocorre por escolha, uma vez que o custo de vida no município é mais baixo em relação à Brasília. Esta constatação é confirmada logo que se interroga aos moradores: Qual o principal motivo que os fez migrar de Brasília para o entorno de sua área metropolitana?

Considera-se que, 64,9% da população de Águas Lindas é nascida no DF, somando 125.845 pessoas (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 41). Este último dado deve, no entanto, ser relativizado, considerando que é alto o número de nascimentos de águas-lindenses, que ocorrem nos hospitais do DF, local onde os recém-nascidos são registrados, embora more em Águas Lindas, o que acaba por inflar este dado.

Há também uma constante expansão territorial na área de Águas Lindas, ora por iniciativas governamentais, com a criação de loteamentos para moradores de baixa renda, por meio do programa de governo *Minha casa, minha vida*; ora pelas contínuas ocupações indevidas e irregulares de terrenos, estes muitas vezes situados nas APAs (Áreas de Proteção Ambiental), que podem causar problemas ao meio ambiente em longo prazo. Nos últimos cinco anos, houve uma proliferação muito grande de novos bairros no município, ao longo da BR-070, mas também para “dentro das terras” já habitadas.

A cidade não possui indústrias, mas tem uma variedade de empresas comerciais de pequeno e médio porte. O setor de serviços e o comércio são fortemente desenvolvidos, como prova disso, a inauguração em 2013 de um Shopping Center de médio porte às margens da BR-070.

Por ser um município essencialmente dependente do setor terciário, as taxas de desemprego na região são relativamente altas, em comparação com os demais municípios da AMB. Assim, se a taxa de desemprego foi de 8,5% em média na PM da AMB, ela chegou a 11,4% em Águas Lindas (CODEPLAN, Janeiro de 2013, p. 54).

O PIB anual de Águas Lindas foi recentemente calculado em 374.375 milhões reais, ficando em 6º lugar no ranking da AMB, onde quatro municípios concentram 50% das riquezas produzidas no Entorno, são estes: Luziânia, Unaí, Formosa e Cristalina. O PIB per capita de Águas Lindas de R\$ 2.327 é o mais baixo do Entorno, quando comparado à média do PIB/Entorno de R\$ 5.164. Em 2012, 9,29% da população de Águas

Lindas de Goiás encontrava-se em situação de extrema pobreza, ou seja, com menos de ¼ do salário mínimo per capita (CODEPLAN, Janeiro de 2013).

O IDH do município de Águas Lindas em 2010 foi de 0,686, o 7º colocado no ranking da AMB, mas o 12º e último colocado se considerado somente o IDHM de renda. Contudo, Águas Lindas teve uma evolução de 77,26% do seu IDHM entre 1991 e 2010. A evolução mais forte se deu em relação ao IDHM da Educação com uma melhoria de 360% entre 1991 e 2010. Para fins de comparação, o IDH do DF apresenta o melhor índice entre as 27 unidades federativas, sendo o único classificado com o IDH “muito alto” (0,824, em 2010).

A presença do governo do Estado de Goiás na região é reduzida. Os serviços públicos são de qualidade precária no contexto de Saúde, da Educação e da Segurança Pública. O município possui uma grande carência de infraestrutura básica como: asfalto, transporte público, sistemas de coleta de águas pluviais, coleta de lixo, água tratada e rede de esgoto. Apenas 18,9% das residências do município dispunham de tratamento de esgoto adequado em 2010.

Existem até hoje irregularidades na ocupação de terras em Águas Lindas devido principalmente, a venda de lotes e construção em áreas destinadas a proteção ambiental. A área de proteção permanente do município foi loteada sem considerar a legislação ambiental, isto desde antes da emancipação do município, provocando um fervoroso conflito socioambiental na região.

A falta de planejamento regional e a ineficiente gestão urbana frente aos problemas do município provocam inúmeras consequências, como a violência urbana. Segundo dados do Mapa da violência, publicado em 2012, Águas Lindas de Goiás está entre os duzentos municípios mais violentos do país, na 79ª posição nacional. Com uma média de 61,7 homicídios por 100 mil habitantes, e na primeira colocação em relação ao Estado goiano (CODEPLAN, 2012).

Existe, porém, uma concentração dos homicídios em certas áreas específicas, territórios ou conjuntos de bairros. Assim, em um estudo feito com base em dados de homicídios em 2010 (COSTA e (ORG.), novembro de 2013) viu-se que sete bairros responderam por mais de metade das mortes violentas: o Jardim Barragem (26,7%); Jardim

Aguas Lindas II (5,9%); Camping Club (5%); Cidade do Entorno (5%); Setor Coimbra (4%); Girassol (3%) e Jardim América (3%). Tal constatação confirmou-se em dados recolhidos em 2013¹⁸, que apontam os homicídios ocorridos em Aguas Lindas entre agosto de 2012 e setembro de 2013 e mostram que mais uma vez, um terço dos homicídios ocorreu em dois bairros: o Jardim Barragem e o Cidade do Entorno.

Em conclusão vemos que a cidade de Águas Lindas é então o resultado da dinâmica populacional e de urbanização por expansão da periferia do Distrito Federal, com ausência de planejamento urbano preliminar, somado a ausência de legislação urbanística e de gestão ambiental, e promovida pela ação especuladora de agentes imobiliários. Conjunto de fatores que em muito contribuíram para todos os problemas de cunho social, econômico, e ambiental que o município ainda vivencia nos dias atuais. Além de ser uma localidade fortemente segregada em relação a sua vizinha Brasília.

Por todas as razões e constatações, o contexto social de Águas Lindas se oferece como um grande laboratório de pesquisa, ainda pouco explorado em estudos sociológicos. Este estudo pretende concentrar-se, principalmente na situação atual do bairro “Cidade do Entorno”.

6 - O bairro “Cidade do Entorno”

Situado a direita da BR-070, em direção a Alexânia, e abaixo do setor Jardim Brasília, o bairro Cidade do Entorno é um dos mais populosos e antigos do município de Águas Lindas de Goiás. Este setor¹⁹ é considerado como um parcelamento residencial de alta densidade e resultado do desmembramento do bairro Jardim Barragem.

¹⁸ Dados recolhidos junto a Secretaria de Ação Social do município de Águas Lindas, em janeiro de 2014, estes mesmos disponibilizados pelo CIOPS do município.

¹⁹ Para designar as localidades principais serão utilizados, como sinônimos, os termos “bairro” e “setor”.

Croqui 1 - Planta de situação do bairro Cidade do Entorno



O setor encontra-se entre os bairros Jardim Brasília, ao sul; Condomínio Embaixador ao noroeste; Pinheiro I ao nordeste; e Jardim Barragem (também conhecido como Pinheiro II) ao sudoeste. Ele é o resultado da ocupação de lotes relativamente padronizados, após o loteamento da fazenda pertencente à família de Rainer Weiprecht.

No início dos anos 1990, a fazenda foi loteada e deu-se a distribuição e venda dos lotes de forma não ordenada e não delimitada e em um espaço não urbanizado anteriormente, que acabou tornando-se o atual bairro de Cidade do Entorno. Este bairro não foi regularizado por inteiro, embora o processo de regularização dos lotes esteja em curso. A regularização, todavia, é protelada por diversos problemas, sobretudo sócio ambiental e políticos, incluindo um desacordo com relação à ocupação do território pelo Ministério do Meio Ambiente. Um segundo problema com relação à ocupação legal dos lotes deste bairro ocorre pelo fato de alguns loteamentos não terem sido adquiridos financeiramente a época, embora grande parcela de seus residentes more na região há mais de 15 anos.

Figura 1 - Entrada do bairro Cidade do Entorno



Segundo o Plano Diretor de Águas Lindas de 2002, existe certa regularidade no traçado do espaço embora este não siga o padrão regular dos demais bairros vizinhos, como é o caso dos bairros: Jardim Brasília, Jardim Barragem e Jardim Pinheiro. Todavia, muito dos equipamentos públicos projetados para existir no local, segundo este plano diretor, seguem ausentes até os dias atuais.

Observam-se similaridades com os bairros vizinhos, mas também fortes disparidades em relação, sobretudo ao Jardim Brasília. Essas diferenças se explicam a priori pela distância do bairro em relação à via principal de acesso a BR-070, pois quanto mais os setores afastam-se do eixo central, mas distantes dos equipamentos e serviços públicos eles estão.



Figura 2 - Perspectiva comparativa - rua comercial do setor Cidade do Entorno (ao lado) e rua comercial do Jardim Brasília (abaixo)



No bairro Cidade do Entorno, o sistema viário é pouco organizado. Enquanto as ruas principais do Jardim Brasília são todas pavimentadas e iluminadas, existem faixas de travessia, quebra-molas e sinalizações verticais e horizontais; na Cidade do Entorno, a pavimentação das ruas teve início em outubro de 2013, mas ainda não foi totalmente concluída (em agosto de 2014), a iluminação pública é quase inexistente e as calçadas, faixas de travessia ou quebra molas não existem. As vias arteriais constituem os limites físicos deste bairro e as vias locais não apresentam padrão de desenho e tem baixo fluxo viário.

Os ônibus não circulam nas ruas internas do bairro, fazendo com que seja necessária, por vezes, uma considerável caminhada até o ponto de ônibus situado na entrada do Jardim Brasília. Antes da pavimentação recente, até mesmo os caminhões de coleta de lixo tinham dificuldade de adentrar no bairro. Em dias chuvosos, com ruas não

pavimentadas, formavam-se grandes poças por todo bairro, que se tornava ainda mais impraticável o acesso. A título de exemplo, no período em que lecionei no Colégio local, em dias de chuva, dois terços dos alunos não vinha à escola, uma vez que a maioria ia a pé.

Quanto aos equipamentos de uso coletivo estes são ainda raros. Existem três campos de futebol improvisados no setor. O que se transforma em campo, são espaços vazios, de terra batida, onde se organizam cotidianamente partidas de pelada pelos moradores, sobretudo as crianças e os adolescentes do bairro. Não existem praças zoneadas ou equipadas para o uso dos moradores como pontos de lazer e encontro.

Demais equipamentos de uso coletivo são raros. Existe um posto de saúde, mas este atende somente em horário comercial e, segundo os moradores, carece de médicos para atender a grande demanda de pacientes. Durante a pesquisa, não foi raro encontrar o posto médico sem atendimento algum em plena luz do dia, ou saindo cedo pela manhã, avistar uma longa fila de espera em frente ao local. Ademais desses transtornos, cabe aqui salientar que o posto encontra-se em espaço alugado. Não há hospitais ou clínicas particulares no bairro. No entanto, existem duas farmácias no setor.

Quanto aos equipamentos escolares, existe um colégio estadual público de ensino médio, uma escola municipal de ensino básico e fundamental, uma creche municipal, um colégio particular de ensino médio e de orientação evangélica, e uma escola de ensino básico e fundamental particular. Não há bibliotecas, nem sala de espetáculos no setor.

Um posto policial começou a ser implantado no começo rua principal do setor Cidade do Entorno, beirando com a principal rua comercial e a poucos metros da Feira do Entorno (figura 3), palco de inúmeros delitos de todas as sortes, na semana e principalmente aos finais de semana. Nesta Feira, mencionada na introdução desta dissertação, encontra-se toda a sorte de comércios, verduras, frutas e legumes; animais para abate; vestuário, DVDs e CDs pirateados, equipamentos eletrônicos e de construção; medicamentos naturais, assim como também lanchonetes diversas.

Figura 3 - Feira do Entorno - domingo pela manhã



Áreas de comércio são diversas e poucas são zoneadas, distinguem-se, no entanto três principais ruas comerciais (em vermelho no croqui 3). Nestas se encontram desde bares, a oficinas mecânicas, lojas de revenda de móveis usados, salões de cabelereiros, mercados de médio e pequeno porte, algumas poucas lojas de construção ou elétricas, lojas de vestuário de pequeno porte, sorveterias, pecuárias e duas padarias. O comércio é realizado quase exclusivamente de dia, na semana e nos finais de semana. À noite, funcionam de forma discreta alguns bares e diversos centros religiosos, mas de forma geral o bairro fica relativamente vazio.

Por vazio, diz-se que, entretanto, no Jardim Brasília vê-se certa vida noturna: bares e pizzarias abertas; mercados; cursos e farmácias. No bairro Cidade do Entorno, a partir das 18 horas o comércio local fecha e a circulação, seja de pessoas ou de carros torna-se muita rara pelas ruas.

O comércio diferencia-se muito do que é encontrado no Jardim Brasília, pois no bairro Cidade do Entorno não encontramos as grandes marcas (ex: Lojas Americanas, Casas Bahia) ou redes comerciais. Também não existem na localidade agências bancárias, caixas eletrônicas, casas lotéricas, restaurantes, lanchonetes, e postos de abastecimento.

São diversos os locais de culto religioso no bairro. Estes locais também não são zoneados e encontram-se dispersos pelo setor, sobretudo em ruas residenciais. Foram repertoriadas cerca de dez igrejas protestantes/evangélicas, duas igrejas católicas e um local de culto de “Testemunha de Jeová”.

Vemos que, dentro do próprio município de Águas Lindas de Goiás, existem bairros e territórios com características bem distintas e desiguais. Os bairros, Jardim Brasília e Cidade do Entorno surgiram a mesma época, mas geograficamente o primeiro encontra-se nas margens da BR-070, o que aparentemente contribui para que os problemas sejam sanados e o desenvolvimento econômico e social seja mais rápido, deixando “à deriva” outros bairros da localidade.

Capítulo II – Por uma sociologia na escala do bairro

As sociedades humanas são conjuntos diferenciados e estruturados. A cidade representa a forma mais desenvolvida de configuração sócio espacial diferenciando as atividades e os indivíduos.

A sociedade industrial levou a novos modos de divisão técnica e social do trabalho e foi também um dos principais motores da urbanização moderna (PARK, 2004), por seus efeitos de concentração territorial e também por suas estruturas urbanas. Esses dois processos são historicamente associados e interdependentes, porém não devem ser confundidos, pois já existiam cidades antes da industrialização e porque esta última não explica por si só a urbanização, vide o caso de Águas Lindas de Goiás.

No início do século XX, os autores da Escola de Chicago muito contribuíram para a pesquisa em Sociologia Urbana, tanto pelo desenvolvimento de teorias e conceitos sobre o modo de vida urbana, quanto pela introdução na sociologia de novas formas de se fazer a pesquisa inspirando-se nas demais ciências sociais existentes. Fazendo assim, uma crítica implícita da sociologia “imóvel”, já que para eles a sociedade não é estável.

Eles procuravam entender o sentido que os atores davam as suas ações e tinham como preocupação principal, mostrar o caráter movimentado e instável da modernidade, de seus deslocamentos no espaço assim como da mobilidade social dos indivíduos. Nascia assim a ecologia urbana e os sociólogos assumiam abertamente suas influências multidisciplinares, inspirando-se não somente das outras ciências sociais, mas também de ciências exatas, com o intuito principal de “dissecar” a cidade.

Podemos falar igualmente de ecologia humana, interessada mais na comunidade do que no homem, nas interações entre os homens do que na relação dos homens com o território onde eles vivem (JOSEPH e GRAFMEYER, 2004).

A configuração urbana é um fenômeno amplamente estudado pelos sociólogos com o objetivo principal de entender como se dividem os grupos sociais no espaço urbano e como esses grupos se relacionam. Observamos isso desde os trabalhos desenvolvidos por Robert Ezra Park e por Ernest Burgess na Escola de Chicago.

A maioria dos estudos sobre a divisão social nos espaços urbanos usa os dados estatísticos de residência. Esses estudos tentam estabelecer modelos (típicos) de configuração do espaço urbano, como por exemplo, o modelo concêntrico desenvolvido por Burgess (2004) para a cidade de Chicago no início do século XX; ou ainda o modelo por setores, desenvolvido pelo mesmo autor e aplicado também a cidade de Chicago. Esses modelos se sobrepõem e se completam, mas não são por si só explicativos.

Contemporaneamente, o antropólogo francês Michel Agier (2011) propôs novas portas de entrada para observação da “cidade em processo, viva e imprevisível”, e defendeu a ideia de se fazer uma antropologia “da” cidade e não uma antropologia “na” cidade. Para o autor, a etnografia urbana é a observação das práticas cotidianas, das relações, das redes de sociabilidade e das representações dos cidadãos. A observação deve ser feita em situação e em relação, para tanto, é imprescindível emancipar-se de qualquer noção normativa e *a priori* da cidade. A cidade não deve ser apreendida com uma totalidade e sim através de situações.

Em suma, para Agier, não devemos nos perguntar, “o que é a cidade?”, mas “o que faz a cidade?”. Com base nessa perspectiva podemos “entrar” na cidade observando três focos principais: os lugares, as situações e os movimentos (1999, p. 50-51). A busca do etnógrafo deve ser em compreender como as pessoas “fazem a cidade” e de que maneira os múltiplos percursos exercidos por seus habitantes redefinem constantemente o bairro como dispositivo cultural, ou seja, a “produção da localidade pelos usos urbanos” deste espaço.

No presente estudo, além de observar a cidade como um todo, considerando a sua configuração espacial, suas práticas, situações e movimentos, pretende-se focar a análise etnográfica na escala do bairro. O principal motivo dessa escolha reside na persuasão de que há uma crescente “territorialização” das práticas e das relações sociais. O “bairro” tem assim que ser compreendido além de sua definição genérica, como um “território povoado”, e devem ser consideradas as suas fronteiras, físicas, sociais e simbólicas. O bairro não deve ser entendido somente como um espaço geográfico, mas como um território com um forte papel socializador (RAMADIER, 2006). Nessa acepção devem ser analisadas as relações mantidas entre os indivíduos - no caso os jovens - e esse território, e, sobretudo, a dualidade existente entre a mobilidade e a ligação com o bairro.

Na primeira parte, com o intuito de demonstrar a pertinência de um estudo que tem como ponto de partida a unidade territorial do bairro, serão apresentados os estudos de Park e Mackenzie, teóricos da Tradição de Chicago, que podem ser considerados como os pioneiros da “sociologia do bairro”.

Em seguida, caberá a apresentação e análise da temática dos “efeitos de bairro”, com embasamento em trabalhos mais atuais, embora não necessariamente esta temática esteja sendo discutida no contexto acadêmico brasileiro.

Na terceira parte, serão apresentados os principais eixos da análise nacional a cerca do bairro, e suas principais “portas de entrada”.

A quarta e última parte deste capítulo teórico, se debruçará sobre a discussão que é feita em relação à temática da juventude, no contexto internacional, com foco, sobretudo, no contexto nacional.

1 – Estudos pioneiros: por uma sociologia na escala do bairro

Robert Ezra Park desenvolveu conceitos que podem ser aplicados na análise de bairros e Roderick Mackenzie foi responsável por um dos primeiros estudos de campo, que tinha como objetivo principal explicar as modificações nas relações de vizinhança na cidade industrial moderna.

Assim, com Park vemos que dentro de um território as populações se dividem resultando em uma configuração espacial das posições dos indivíduos com relação aos outros. Esse estudo resulta em uma “morfologia da cidade”, ideia já antes desenvolvida por Emile Durkheim. Por meio da ecologia humana procura-se analisar as relações humanas em termos de distância (PARK, 2004). Desse modo, as transformações são definidas por mobilidades e a estrutura social é definida pela posição social.

Segundo Park, o crescimento urbano se traduz por transformações e mobilizações inevitavelmente associadas aos esforços de cada indivíduo na procura de seu espaço na imensa complexidade da vida urbana. Portanto, o crescimento urbano não deve ser medido

somente pelo crescimento numérico de sua população. Surgem então os primeiros questionamentos sobre a dificuldade de assimilação dos imigrantes na comunidade já organizada coletivamente. O crescimento da comunidade tem por consequências a seleção e a segregação social, e então a criação de grupos e áreas sociais distintas.

Por fim, para entender as transformações de uma sociedade, Park analisa as transformações dos indivíduos, que compõe essa sociedade. O autor se interessa pelas interações entre os indivíduos que servem para manter a organização social. Nessa nova sociedade, a mobilidade permite o estabelecimento de novos contatos sociais, e a distância física tem sentido apenas nas relações sociais quando ela é interpretada como uma distância social.

Em 1921, Roderick Mackenzie (2004) realizou um dos primeiros estudos de caso, com o intuito de analisar a vida local de uma cidade americana. Foi escolhida a cidade de Columbus no Estado de Ohio, média em população numérica, com 210.000 habitantes. A estrutura da cidade de Columbus segue um formato de estrela grega, e ele procurou analisar como ocorreu a sua expansão no espaço.

Com o intuito de destacar os diferentes níveis de população de Columbus, Mackenzie optou por uma metodologia comparativa das condições econômicas dos habitantes. Observou-se, no entanto que o bairro não representava uma zona econômica homogênea. No mesmo bairro encontravam-se as casas mais luxuosas da cidade e setores precários, habitados por “pessoas de cor”. Porém, sendo uma observação geral o autor assume o risco. Além disso, é destacada a existência de várias colônias raciais e étnicas em Columbus, como em todas grandes cidades americanas. Essas populações situam-se principalmente ao redor do centro econômico da cidade.

O autor analisa a capacidade de mobilidade da população de Columbus. É empregada a definição de mobilidade dada por Park em seu artigo *The City* (PARK, 2004). Observa-se que a mobilidade de um indivíduo ou de uma população, não se mede somente pelos deslocamentos, mas também pelo número e diversidade de estímulos aos quais ele deve responder. A mobilidade não depende somente dos transportes, mas sim dos meios de comunicação, como por exemplo, o telefone.

Resumindo, a mobilidade pode ocorrer de três modos: pela mudança de residência de um bairro para outro dentro da mesma cidade; pela mudança de residência de uma cidade para outra cidade e; pode haver mobilidade sem mudança de residência. Esta última mobilidade representa a capacidade dos indivíduos de utilizar os diferentes meios de comunicação sem que ocorra mudança de residência, mas utilizando a cidade por inteiro e rompendo com os vínculos da vizinhança, provocando assim instabilidade na vida local do bairro.

Com base em dados estatísticos, Mackenzie mostra que a mobilidade era maior nos bairros mais pobres de Columbus e ela traduz a perda da relação de vizinhança. Existe então uma correlação entre a estabilidade e a condição econômica.

O autor define a existência de dois tipos de bairros: aqueles onde a instalação é resultado de uma escolha pessoal e aqueles onde nos instalamos por falta de condições econômicas. Os primeiros bairros oferecem condições para criação de um sentimento de pertencimento e uma organização do bairro. Nos segundos, falta estruturação para que se desenvolva um sentimento de pertence ao local. Observa-se nestes últimos, pouco interesse por parte da população nos assuntos locais. As instalações nestes bairros são vistas como temporárias e passageiras.

Questionou-se a possível correlação entre a mobilidade, a assistência e a delinquência juvenil. Com base em pesquisas notou-se que a assistência é bem maior nos bairros mais pobres da cidade, no entanto, a delinquência juvenil não está em nada correlacionada com a condição econômica da população e está repartida por todos os bairros, sendo mais concentrada em certas ruas e em certas famílias. Não há então correlação entre as variáveis: assistência e delinquência juvenil. Mas, em compensação, nota-se uma forte correlação entre a mobilidade e a assistência, que são as variáveis encontradas nos bairros mais precários da cidade.

Em conclusão, segundo Mackenzie, para que se tenha a produção de um sentimento de pertence ao bairro, é necessário que a população deste seja homogênea e estável. No entanto, esta população não pode ser muito densa, para não prejudicar o bom funcionamento do quadro de vida associativo.

2 – “Efeitos de bairro” e mobilidade urbana

A cidade moderna se reconfigura e as relações que os indivíduos entretêm com o espaço e com o mundo social se modificam. Surgem então na sociologia mais recente, novos questionamentos e estudos baseados em conceitos já utilizados pelos clássicos da disciplina. Por exemplo, a ideia de “indivíduo livre” desenvolvida por Georg Simmel (2004), que foi o primeiro a observar que, nas cidades modernas os indivíduos se desvinculam de seu território e são inseridos em novas redes sociais, que não são necessariamente territorialidades. E assim, os membros isolados criam sentimentos em comum, suficientes para se aglutinarem em grupos, que estes podem vir a afirmar agressivamente, por meio de símbolos o seu pertencimento, a sua identidade.

Frente à mobilidade crescente e já questionada pelos autores clássicos Park e Mackenzie, os sociólogos atuais questionam se as práticas locais desapareceram ou se tornaram mais fortes ainda. Procurando responder ainda, se assistimos ou não ao “fim dos bairros” (GRAFMEYER, 2006).

Esses questionamentos resultam em respostas divergentes no campo sociológico contemporâneo (AUTHIER, 2008). Assim, enquanto para alguns a relação com o bairro ocorre por meio de grupos marginais isolados, para outros, o bairro ainda é uma unidade territorial e social importante apesar da mobilidade da sociedade moderna.

2.1- Debates sobre os “efeitos do bairro”

As representações contemporâneas do bairro são divergentes para os cientistas sociais. Enquanto alguns mantêm uma visão dos bairros como local onde os vínculos sociais continuam estreitos e diretos, outros cientistas sociais analisam os bairros populares como locais de concentração da miséria urbana, geradores de efeitos identitários negativos por parte de suas populações, isso tanto em estudos norte-americanos, quanto em estudos europeus.

Recentes debates sobre o bairro como unidade territorial procuram saber, até que ponto o bairro influencia nas práticas e sociabilidades de seus moradores, ou em que contribui para estigmatizá-los. Seguindo assim, o debate atual nos EUA, Canadá e na França, em relação aos “*effets de quartiers*” ou “*neighborhood effects*” (BACQUÉ e FOL, 2006).

2.1.1 - Comunidade versus indivíduo

Wikström (1998) aborda diversos estudos sobre comunidades e indivíduos em relação à violência e ao crime. Procurando responder as questões: como interagem os indivíduos com o seu ambiente? Quais aspectos de uma comunidade são necessários para entender e explicar a violência e o crime?

O autor argumenta que, mecanismos sociais de comunidade influenciam o comportamento violento, explicando assim a correlação entre taxas de violência em comunidades específicas. Assim expõe o debate sobre duas teorias, o que provoca essas altas taxas de criminalidade e violência: efeitos da comunidade ou efeitos individuais?

A primeira abordagem, “Efeitos da comunidade”, explica que a vizinhança contribui na variação nas taxas de criminalidade, na capacidade de regulação e no controle dos comportamentos por parte dos residentes, interferindo e determinando a capacidade de organização social e de controle social informal dos residentes.

A segunda abordagem, “Efeitos individuais”, explica que, apesar da comunidade ter determinada influência nos indivíduos, a maioria das variações na criminalidade se explica por características pessoais, de família e até mesmo de experiências escolares.

Sobre esses estudos, Loic Wacquant (2005), critica a visão individualizadora dos problemas nas comunidades, a transformação de condições sociológicas em traços psicológicos e a criação no contexto sociológico americano do conceito de “*underclass*”. Para ele, adotarmos este conceito seria uma forma de “mascarar as raízes políticas da transformação institucional do *ghetto*”, além de contribuir para a acentuação da estigmatização e do isolamento político dessas populações. Desse modo, utilizar-se deste conceito seria “desconectar o *ghetto* das macroestruturas sociopolíticas da dominação de classe, onde este é o produto e o instrumento”.

Assim, uma visão alternativa seria a de não concentrar o debate em torno da questão: Efeitos individuais ou Efeitos de bairro? E sim, considerar que estas duas explicações não se excluem e se sobrepõem.

No entanto, este estudo pretende se concentrar mais em torno da questão “efeito de bairro”, e ver até que ponto a mobilidade urbana influencia na proporção de tal efeito.

2.1.2 - “Efeitos de bairro” e trajetórias de vida

Os “efeitos do bairro” podem ser observados por meio das representações, das práticas e das trajetórias dos indivíduos. Sob este ponto de vista, os bairros tem um papel socializador, por meio do qual os indivíduos adquirem maneiras de ver, de ser e de agir, que estruturam sua visão do mundo, suas práticas sociais e suas trajetórias.

Stéphane Beaud em *80% au bac... et après? Les enfants de la démocratisation scolaire* (2003) analisa durante dez anos a trajetória de quatro jovens filhos de imigrantes norte-africanos, que nasceram e cresceram em um bairro popular (*quartier d’habitat social*) da periferia de Montbéliard (França). A trajetória destes jovens é seguida por Beaud dos últimos anos do ensino médio até a entrada na vida ativa. O autor analisa os problemas de socialização ligados ao bairro onde eles vivem, assim como seus efeitos sobre as condutas e trajetórias desses jovens.

Filhos de operários eles se recusam a viver como seus pais e avôs, sendo então a primeira geração a chegar à universidade. Apesar de terem nascidos na França e ter a nacionalidade francesa sofrem com o preconceito racial/étnico. Segundo o autor, como consequência de um passado difícil, marcado pela discriminação, pelo ensino precário e pela falta de formação dos pais, estes jovens entram no competitivo mundo escolar e universitário e mais tarde no mercado de trabalho, com uma deficiência importante (handicap). Por essas razões, mas também porque dentro desses bairros eles constituíram suas bases de sociabilidade, a maioria dentre eles encontra dificuldades na escola e mais ainda no ensino superior, agravado pelo fato dessas instituições estarem localizadas longe de seus bairros de referência familiar e social.

Para Beaud (2003), esses jovens tendem a se refugiar em seu bairro, que tem o papel de “matriz protetora” e é onde eles encontram suas fontes simbólicas, afetivas e identitárias. Porém, se refugiando em seu bairro eles se afastam do mundo escolar e universitário e acabam seguindo o ritmo de vida local, que é totalmente oposto ao exigido para ter êxito nos estudos.

Neste caso, vemos que o bairro passa a ter um duplo papel, representando ao mesmo tempo, um obstáculo e uma proteção para a vida destes jovens, impedindo a maioria de escapar da condição social originária de seus pais.

Em uma sociedade de massa como a atual, avaliar a população de uma aglomeração pela média é correr o grande risco de negar todas as características das grandes metrópoles. Assim, para melhor analisar as metrópoles devemos estabelecer comparações entre os diferentes bairros da mesma cidade. No intuito de analisar sociologicamente as transformações sociais de uma cidade deve ser realizado um estudo morfológico, levando em conta como se deu a sua constituição, qual o tipo de imóveis que compõe esta aglomeração e qual a condição econômica de seus ocupantes.

De uma forma geral, as cidades modernas não constituem uma unidade homogênea, mesmo se, em cada bairro tende a aparecer um grupo social dominante. Para Chamboredon e Lemaire (1970), em um estudo feito na França nos anos 1970, observa-se que as transformações morfológicas dos grandes conjuntos habitacionais afetaram as interações e tendem a modificar as relações de classe, favorecendo a imagem meritocrática transmitida pela escola.

Mas existem ou não efeitos de bairro? Segundo a definição dada por Atkinson e Kintrea (2001), é considerado “efeito de bairro”, a “mudança nítida nas potencialidades da existência, devida ao fato de viver em um bairro ou uma zona determinada, e não em outro local”. Esses efeitos podem então ser negativos ou positivos. A dificuldade desse estudo concentra-se em dois aspectos: primeiro, no que diz respeito à distinção, do que de fato é condicionado pelo bairro e do que é resultado de características sociais dos indivíduos desse bairro; segundo, no que diz respeito à conceptualização e delimitação do bairro (ROSE e SÉGUIN, 2006).

Vários estudos empíricos foram realizados no intuito de responder a estes questionamentos. No estudo britânico (ELLEN e TURNER, 1997), observou que, mesmo se os efeitos de bairro tem um papel importante para explicar as situações e percursos de vida de populações pobres, esses efeitos não são tão significativos quanto às características sociais e familiares desses indivíduos. Divergindo, um estudo empírico canadense (HERTZMAN, 2002) constatou que, crianças com a mesma estrutura familiar (mono parental e onde o adulto tem um nível de escolaridade baixa), mas que vivem em bairros diferentes demonstra que os níveis de desenvolvimento são distintos em função do bairro onde estes vivem. Portanto, leva-se a concluir que efeito de bairro existiria.

2.2 – Mobilidade e efeito de bairro

Vemos aqui novamente a importância da mobilidade como uma forma de “driblar” as condições de vida por vezes desfavoráveis e seu papel central no que diz respeito à socialização, para além do mundo da família e da escola (instâncias primeiras da socialização). Essa mobilidade urbana torna-se então uma chave para pensar qual a proporção do “efeito de bairro” em determinada territorialidade.

Considera-se aqui tanto a mobilidade espacial e física, quanto à mobilidade social. A primeira diz respeito à capacidade de deslocamento dentro de um espaço físico, a segunda considera dentro de um espaço social, a possibilidade de mudança de status social ou profissional, por exemplo, em relação à geração anterior.

Torna-se então interessante analisar os estudos que abordam as noções de “rede social” e de “capital social” para medir a inserção social e econômica das populações pobres (ROSE e SÉGUIN, 2006).

2.2.1 - As redes e o “capital social coletivo”

O conceito de “rede social” representa o conjunto de vínculos que um indivíduo mantém com outras pessoas, grupos de pessoas ou instituições. Estes vínculos constituem várias formas de suporte, materiais ou imateriais.

Em um estudo realizado por Arias (2004) sobre três favelas cariocas, a questão da importância das redes sociais foi abordada. O autor argumenta sobre a importância das redes (*networks*) na promoção e no suporte de reformas e na estimulação da mobilização em longo prazo. O modelo das redes sugere uma alternativa em uma estrutura flexível para explicar a política organizacional a nível local.

As redes são horizontais, organizações informais baseadas em conexões entre atores com interesses similares. Os membros desses grupos usam suas conexões para ajudar a construir coalisões, explorando recursos de vários grupos para completar objetivos comuns. Por meio das redes, grupos com objetivos similares podem dividir o trabalho e os riscos entre eles. Esta estrutura pode fornecer canais de comunicação, de ação coletiva e de representação. Como resultado, as redes reestruturam os vínculos entre o Estado e a sociedade. Desse modo, nas favelas cariocas, os vínculos fracos, seriam a mais efetiva

forma para estender o governo democrático e proteger os direitos civis. Somente criando conexões entre os residentes e organizações externas (*weak ties*) as favelas, organizadas em grupos com recursos e poder reivindicatório poderão ajudar a reduzir a violência nos bairros dominados pelo crime organizado.

O estudo de caso realizado por Arias (2004) ilustra bem essa ideia. Mostrou-se que a falta de contato com o exterior reduziu a eficiência da comunicação com os grupos externos, as esperanças foram baseadas em um só grupo, o clube social (*social club*). Mas, há também estudos empíricos norte americanos que contradizem esse efeito de isolamento como sendo exclusivo dos bairros pobres.

Em outra pesquisa, foi dada ênfase nas relações de vizinhança nos bairros populares, questionando qual seria o potencial dos vínculos fracos, como por exemplo, pequenos gestos de reconhecimento, “um simples bom-dia”, para a criação de um sentimento de pertencimento, na escala da vizinhança (ROSE e SÉGUIN, 2006).

Para Kearns e Parkinson (2001), é a proximidade social criada pela formação de vínculos sociais - sejam eles fortes e fracos - em uma área geográfica dada, que faz com que ela se torne ou não um bairro no sentido sociológico, como um local de pertencimento. Dando assim espaço ao desenvolvimento do “capital social coletivo”, no sentido dado por Putnam (2001) ao conceito, ou seja, um recurso possuído coletivamente por uma comunidade e que é composto de redes, de normas de confiança e de ajuda mútua. Criam-se assim relações sociais locais e colaboração entre os diversos atores nesta escala geográfica.

2.2.2 - Sociedade de bairro

Um estudo realizado na cidade de Lisboa (CORDEIRO e COSTA, 1999), analisou dois bairros: o bairro de Alfama e o bairro da Bica, tendo como objetivo fazer uma reflexão sobre as unidades territoriais urbanas, escalas de organização local e processos culturais de organização social. Ao nível da cidade, esses bairros são representados pelas coletividades que desempenham um papel importante na criação de uma forma de bairrismo local, demonstrado pela população que tem um sentimento de pertencimento. O desfile (marchas em homenagem aos santos populares) é preparado pelos moradores do bairro, reforçados pelo sentimento de forte pertencimento. Pode-se afirmar então que este

bairro típico nasceu de um processo cultural partilhado em vários níveis, local e supralocal, e por meio de vários tipos de mediadores, sendo o mais importante à associação local.

Cada um dos bairros revelou-se na análise como construção social. Eles são caracterizados por um tipo de configuração social específica que os autores chamam de “sociedade de bairro”. Este estudo considera como incorretas as teses sobre o “fim dos bairros”.

Um estudo mais abrangente sobre a temática deve ser abordado, partindo das redes de sociabilidade. Assim, em certos países como os Estados Unidos, a concentração da pobreza em alguns bairros pode ser explicada pela falta de investimento e de qualidade dos serviços públicos, que teriam como objetivo, reduzir as desigualdades entre os bairros e também dentro dos bairros precários. Esses mesmos serviços públicos poderiam assim encorajar os habitantes dos bairros mais pobres a investir mais localmente e promover uma maior mobilidade social.

2.2.3 - Estigmatização territorial

Loic Wacquant, em *Parias Urbains. Ghetto, banlieues, État* (2005) propõe repensar a marginalidade urbana da virada do século 2000, por meio de uma análise dos “desqualificados urbanos” dos *ghettos* americanos, das *banlieues* francesas e das favelas latino-americanas, espaços, frequentemente taxados como locais de violência, vício e dissolução social. O autor recusa a ideia de assimilação da realidade entre as *banlieues* francesas e os *ghettos* americanos, pois as formas de marginalidade urbana se diferenciam muito em função do contexto observado.

Ao tratar da marginalidade urbana e social no “velho mundo”, Wacquant diz que esta é resultado de uma violência “que vem de cima” (*d'en haut*) e se mostra sob três formas principais: o desemprego massivo, crônico e persistente que resulta na construção de estratégias de sobrevivência; o “exílio” em bairros precários onde o acesso aos bens coletivos é escasso, e por último, a estigmatização crescente tanto no dia a dia quanto no discurso público. São estes dois últimos pontos que mais interessam a este estudo mesmo se o primeiro tem consequências evidentes na realidade que se pretende ser observada.

Nesses “*quartiers d’exil*”, Wacquant observa como ocorre a construção de novas formas de identidade entre os jovens, ligadas a fabricação da *banlieue* como problema social. O que na verdade, para muitos autores, se trata mais de uma construção do discurso político e mediático com o objetivo de criar uma “situação de pânico”.

Portanto, podemos concluir que os estudos sobre os efeitos de bairro são múltiplos e divergentes, ainda mais quando se trata de contextos sócio econômicos, culturais e políticos diferentes. A temática não será abordada da mesma maneira em uma cidade europeia e em uma cidade norte americana e esta depende da política urbana da cidade estudada. Onde existe pouca regulação do Estado observa-se uma maior concentração de pobreza.

Em síntese, podemos falar em “efeito de bairro” quando o fato de morar em tal ou tal bairro influi nas trajetórias de vida dos moradores dessa localidade. Os “efeitos de bairro” podem ser tanto negativos como positivos, e eles podem e devem ser explicados por múltiplos fatores. Citamos, por exemplo, como fator, a influência de grupos sociais ou étnicos, ao pensarmos nas comunidades identitárias em proliferação em países como os Estados- Unidos, a Inglaterra, o Canadá ou ainda a França. Outro fator, diz respeito às localidades onde a presença estatal e o acesso aos serviços públicos são deficientes ou inexistentes, casos presentes principalmente nos países da América Latina, e que fazem tais localidades aparecerem como “comunidades isoladas”. Um último fator determinante para explicar a proporção do “efeito de bairro” diz respeito à imagem e ao imaginário construído pelos moradores sobre o seu bairro e sobre a reprodução que é feita de tal imaginário. Esses fatores, no entanto, podem ser observados concomitantemente, em uma mesma realidade (BACQUÉ e FOL, 2006).

Destaca-se, que os “efeitos de bairro” podem ser entendidos de duas formas opostas. Como “diretos”, nos casos em que são as características do bairro que são geradoras de tais efeitos; e, “induzidos”, quando os moradores desses bairros são estigmatizados em função do seu local de residência (AUTHIER, 2008).

Os “efeitos de bairro” podem ser observados seguindo uma concepção positiva, mostrando em que a dinâmica desses bairros populares é inclusiva, rompendo com o “mito do *ghetto*” (GILBERT, 2011).

3 – Estudos de bairro no Brasil – violência urbana e manifestações culturais

Embora o debate específico sobre os “efeitos de bairro” é ainda pouco adotado e discutido entre os cientistas sociais brasileiros, existe uma pluralidade de estudos nacionais que analisaram os bairros e as comunidades, utilizando-se para isso de diversas “portas de entrada”. Com o objetivo de mostrar as bases teóricas nacionais da presente dissertação, alguns trabalhos serão aqui apresentados e analisados.

No contexto brasileiro, a análise dos bairros e das comunidades, foi por muitos anos, vista como uma porta de entrada para estudos sobre a violência urbana e a exclusão social. A temática começou a obter importância científica a partir dos anos 1970, por meio de pesquisas sobre as favelas cariocas. Este aumento de produção se deu em paralelo com o aumento da população vivendo em favelas.

Enquanto nos países europeus, nos anos 1970, os bairros periféricos eram observados como espaços de solidariedade e convivência, com uma imagem positiva ligada a identidade, ao território e a participação local, paradoxalmente, no Brasil, as favelas eram sinônimo de problema social, segregação e violência urbana, como analisou a socióloga brasileira Lícia Valadares (2006).

Diversas análises destacam a importância do espaço urbano no processo de produção e reprodução da violência. Por consequência, a crescente urbanização brasileira está diretamente relacionada ao aumento de índices de violência e de mortalidade por homicídios.

É fato que a questão da violência ganhou grande visibilidade nas últimas décadas, devido principalmente ao enorme crescimento da mortalidade violenta por homicídio nas grandes regiões metropolitanas do país. Assim, entre o início da década de 1980 e o final da década passada, as taxas de mortalidade por homicídio saltaram de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes em 1980, para 25,2 em 2007²⁰.

Os homicídios são a terceira principal causa de mortalidade da população brasileira nos tempos atuais. Isso, apesar do aumento nas últimas duas décadas das despesas em

²⁰ Dados do Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise da situação de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

segurança pública e da criação de diversas políticas públicas visando à diminuição das taxas de criminalidade violenta e a sensação de insegurança.

A violência se tornou parte do cotidiano do brasileiro, assim como se desenvolveram novas formas de criminalidade. Com a vida social cada vez mais individualista e impessoal, assistimos segundo alguns autores ao fim da vida associativa. Tomamos por exemplo, um estudo de caso sobre o fim das Associações de Moradores nas favelas cariocas devido à chegada dos traficantes de drogas nos anos 1980 (ARIAS, 2004). Apontou-se que sem um sistema de reciprocidade eficaz, a desigualdade se torna produtora de violência e de tensões sociais que fortalecem o mundo do crime agravado pela incapacidade crescente do poder público e ao desinteresse da elite dominante frente a estes problemas.

Em outro estudo de caso, Ferreira e Penna (2005) destacaram o que podemos chamar de “territorialização da violência”, ou seja, a existência de espaços desvalorizados, que concentram as populações pobres. Nos quais estas massas são mais vulneráveis e facilmente dominadas por organizações criminosas que concentram o poder, controlando suas populações. Adiciona-se nesses territórios a frequente baixa presença do estado como responsável do controle social. Tais fenômenos terminam por isolar mais ainda essas localidades e contribuem para aumentar ainda mais a pobreza, a exclusão social levando a um círculo vicioso que estimula o ingresso no mundo do crime.

A violência no Brasil foi abordada também por meio do estudo das manifestações da cultura popular, vista como uma linguagem que faz parte de um processo de construção de identidades coletivas e por ela que a sociedade fala de seu modo de vida, de sua organização e de seus valores fundamentais, princípios ordenadores da vida associada (MONTES, 1996). Assim, a autora analisa as galeras do rap e do funk carioca, que afirmam agressivamente por meio de símbolos o seu pertencimento e a sua identidade. Esse pertencimento é reconhecível por um jogo em um campo semântico comum, o do bairro, onde a violência é ritualizada.

Para Montes (1996), nas classes populares atuais devemos primeiro considerar a violência da exclusão social, a fim de melhor entender a violência na cultura popular, mas não como algo episódico. Observa-se que hoje, a violência do crime organizado tornou-se

um modo de vida, uma alternativa de sobrevivência econômica. Em conclusão deste estudo, existem duas imagens possíveis sobre a violência: em uma visão externa, a violência é destruidora da vida social; e, em uma imagem “de dentro”, existe uma lógica de reciprocidade e de solidariedade ordenadora dos limites da violência, em uma complexa negociação que permite a convivência com o crime organizado. Assim, os externos à comunidade são vistos como violentos (exemplo da polícia).

A partir dos anos 1990, desenvolveram-se diversos estudos urbanos e do bairro partindo da perspectiva dos movimentos sociais e das manifestações culturais, e não mais, somente, da exclusão social e violência urbana.

O trabalho realizado pelo antropólogo José C. Magnani, em *Festa no Pedaco* (2004), por exemplo, ao invés de dar ênfase à questão da violência crescente no meio urbano, interessa-se mais nas formas de lazer e de sociabilidade presentes nas grandes cidades brasileiras contemporâneas. Para tanto foi realizado um trabalho etnográfico aprofundado, caracterizado pela imersão total do autor no meio social observado, qual seja as “massas marginais” dos bairros periféricos. Surgiu então o conceito de “pedaco” que designaria um espaço de sociabilidade em que nasce uma interação entre pessoas que se encontram e criam novos laços.

Outro exemplo de estudo a ser destacado, e desta vez não somente por abordar o bairro como escala de análise, mas também por analisar a questão da juventude na periferia de Brasília, é a tese de doutorado do sociólogo Breitner Tavares (2009). Em um trabalho etnográfico que teve como campo de pesquisa a RA de Ceilândia, o autor retrata a diversidade encontrada dentro das culturas juvenis, analisando de forma mais detalhada as orientações coletivas dos jovens envolvidos com o hip-hop e o rap, e em que essas práticas culturais influenciam em suas trajetórias de vida, em suas percepções a cerca do mundo ao seu redor e resultam em estratégias de fuga frente à discriminação cotidiana.

Em síntese, embora como aponte a socióloga Lícia Valadares, por muitos anos as pesquisas dos bairros periféricos no Brasil focaram-se na questão da violência urbana, cada vez mais surgem estudos, de abordagem qualitativa, que evidenciam que tais localidades são também centros de criação cultural, até mesmo como forma de enfrentamento das discriminações sofridas. E como conclui o Tavares:

A pobreza e o racismo, materializados num espaço urbano desprovido de equipamentos públicos, criam um meio ambiente que leva os grupos de rap a assumirem a missão de uma entidade coletiva capaz de se organizar na ausência de um Estado e promover atividades sociais que os jovens julgam necessárias para cultivarem uma autoestima positiva na periferia onde vivem na busca por reconhecimento social que eventualmente se constitui de maneira insurgente. (TAVARES, 2009, p. 225)

4 – Juventude(s)

A juventude é uma temática amplamente observada na sociedade contemporânea, tanto em pesquisas acadêmicas, quanto na agenda das políticas públicas dos governos atuais. Existem, no entanto, diversas maneiras e entradas para pensar-se a categoria “juventude”.

Enquanto na esfera das políticas públicas é comum abordar essa “categoria” com base em dados estatísticos ou demográficos, amplos e por muitas vezes genéricos, no meio acadêmico, a partir do olhar sociológico, a abordagem da juventude tem se feito de forma cada vez mais qualitativa, buscando assim, mais do que descrever, compreender o que representa e quais os traços da “juventude” contemporânea.

4.1- Definição e delimitação da “juventude” na sociologia

Existem duas principais correntes sociológicas, antagônicas, de definição do que é “juventude”. Uma que se concentra nas características homogeneizadoras da juventude e outra, que observa as especificidades de cada jovem, principalmente em função de sua classe social, a exemplo do argumento de José Machado Pais (1990) para quem “as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produto de relações antagônicas de classe” (PAIS, p. 157).

No presente estudo, assim como em diversos outros já realizados, procura-se identificar a juventude como um conjunto, ao mesmo tempo homogêneo e heterogêneo.

Para Bourdieu (1978), a juventude é o período transitório entre a criança e o adulto, ou um “período de irresponsabilidade provisória”. A “juventude” não é um dado, mas uma construção social, segundo uma disposição de direitos e de deveres das posições conquistadas. O autor assinala que tal construção social foi iniciada com a modernidade, e vem aparecendo cada vez mais como a preocupação social. Assim como o diz o historiador francês Ph. Ariès (1975), para quem a infância e a juventude são categorias sociais

construídas e recentes, e que as variações quanto a essa construção existem em função das diferentes sociedades em que elas se constroem.

Para Galland (2004), a “juventude” é um momento de transição, um “tempo” no ciclo da vida, da passagem de uma idade para outra idade. A juventude, no entanto, não forma uma categoria homogênea e representa um período de ajuste e de construção da identidade social frente à sociedade em que se vive.

No contexto brasileiro, para muitos cientistas sociais, defende-se que não existe uma categoria homogênea “juventude”, *mas sim* “juventudes” (ABRAMOVAY e (ORG.), 2010); (MAGNANI, 2012). Usando este termo no plural, considera-se que tal categoria, não deve – pois correndo risco de ser demasiadamente determinista e genérica - ser tratada como uma categoria homogênea. Defende-se que existe uma multiplicidade de tipos de juventude, uma heterogeneidade de grupos juvenis - principalmente no meio urbano – além de diversos fatores que influenciam diferentemente tais jovens em função de suas oportunidades e dificuldades, em uma determinada sociedade.

Considera-se, portanto, a(s) juventude(s) como uma construção social, produção de uma sociedade determinada e formada por múltiplos fatores. Defende-se que o jovem seja reconhecido pela sociedade, como um todo, como sujeito de uma identidade própria situando-se em uma fase transitória, e ainda oscilando entre o mundo infantil e a realidade do mundo adulto, como diz Soares:

Esse sujeito (o jovem) não é uma coisa, um objeto pronto e acabado, fechado, nem uma máquina, mas uma fonte, uma fonte sempre pulsante e aberta, imprevisível, inconstante, surpreendente, problemática, indecifrável, de treva e luz, de vida e morte, amor e ódio, grandeza e perversão, civilização e barbárie. (SOARES, 2005, p. 117)

Sobre a noção de “sujeito”, Touraine (1997) define: o sujeito é uma reivindicação, ele se constrói em nível de uma ação coletiva e por meio de um conflito social e não simplesmente por auto reflexividade pessoal, pois o conflito é muito importante para a criação do sujeito. Partir do “sujeito” na análise sociológica seria uma forma de abrir novas perspectivas e abrir-se para novas soluções, uma vez que o “sujeito” tem que ser visto como motor da transformação social.

4.2 - Juventude e Violência(s)

Nos últimos 20 anos, no Brasil, a mortalidade violenta na juventude tornou-se um fenômeno grave e recorrente. Paradoxalmente, segundo especialistas (SOARES, 2005), (ZALUAR e LEAL, 2001) e (MINAYO, 2004) pouco é feito para remediar o assunto, tanto do ponto de vista das políticas públicas, quanto no que diz respeito à produção de estudos sobre a temática no universo acadêmico.

É principalmente em relação à proximidade com a violência (a exposição) que as juventudes brasileiras - a da periferia pobre e a da área nobre das cidades - se diferenciam mais. Embora em alguns pontos o “ser jovem” é semelhante, a desigualdade brasileira é tamanha que as oportunidades não são iguais entre os jovens no país.

Tem-se como pressuposto, como foi visto anteriormente, que a juventude é a fase da vida em que se “joga” na mesma frente, com as vontades de se diferenciar e de se assemelhar. Mas os acessos aos bens culturais, às roupas de marca e ao consumo de forma geral, não se oferecem da mesma forma em função da parcela de juventude observada. Surge então o conflito, uma vez que os jovens da periferia querem ser iguais aos que moram fora dela.

Minayo (2004) argumenta sobre a falta de perspectiva da juventude pobre moradora das periferias metropolitanas. A autora defende que esses jovens tendem a desenvolver uma sensação de desnecessidade para a sociedade, o que os precipita em uma visão fatalista de seus futuros, facilitando a sua entrada para a “opção perigosa” do tráfico de drogas, mesmo que cientes da possibilidade de morte precoce. A entrada no mundo do tráfico aparece como uma solução imediata para o acesso ao consumo e ao prestígio.

A antropóloga Alba Zaluar, de forma complementar, constata a crescente adesão dos jovens brasileiros aos “valores da violência” (2004a), mas alerta que essa tendência se explicaria por múltiplas causas e efeitos fugindo a interligação causal, frequentemente utilizada, que relaciona a pobreza e a criminalidade. A autora sublinha a falta de vínculo social desses jovens da periferia pobre, o que os motiva a se protegerem em bandos formados pelos seus pares de forma a demonstrar força bruta. O que justifica o termo de “guerra” frequentemente presente em suas realidades (ZALUAR, 2004b).

Percebem-se, quanto a essa “guerra”, uma crescente banalização das mortes violentas, que vitimam, sobretudo, jovens, homens e negros, moradores das periferias das grandes metrópoles brasileiras. Tal fenômeno passa quase despercebido e toda sua complexidade é silenciada. Como denuncia Soares, sobre o pensamento comum: “alguns traficantes a menos, vida que segue, eugenia avança” (SOARES, 2005, p. 93).

Ainda de forma paradoxal, cresce em diferentes esferas o debate em torno da necessidade de diminuição da maioridade penal, transformando erroneamente esses adolescentes em bodes expiatórios para a resolução da violência no Brasil. Soares (2005), ao falar dos jovens das comunidades, observa que eles são tratados de duas formas opostas. Primeiro, com “preconceito”, o que exacerba a imagem pré-concebida que se tem sobre eles. Segundo com “indiferença”, uma vez que sua individualidade é negada e passa despercebida, tornando-o invisível.

No presente estudo não se nega a preocupante violência que aflige a sociedade brasileira, da juventude e contra a juventude. Tampouco se menospreza a importância de que esses assuntos sejam mais estudados nas ciências sociais. No entanto, pretende-se sair dessa visão fatalista no que concerne o futuro dos jovens das periferias brasileiras.

4.3 - Consumo e Identidade juvenil

As culturas juvenis também podem ser abordadas por meio de uma análise de suas identidades e formas de consumo. Por “culturas juvenis” entende-se a referência a “modos de vida específicos e práticas cotidianas dos jovens, que expressam certos significados e valores não tanto no âmbito das instituições como no âmbito da própria vida cotidiana” (PAIS, 1993, p. 20). Mais uma vez, torna-se evidente a impossibilidade da juventude ser tratada como uma categoria homogênea.

Sobre a noção de identidades juvenis, podemos citar o estudo realizado por Michel Maffesoli (1987) sobre as “tribos urbanas”. Por “tribos urbanas” definem-se grupos urbanos – comunidades - unidos pela afinidade de interesses e gostos. Nessas tribos o que é mais importante é o “estar juntos”, ainda que se trate de um engajamento transitório. As tribos são então redes de amizades, que se reúnem para afirmar o sentimento que o grupo tem de si mesmo. Essas se distinguem, sobretudo em função de quesitos visuais e padrões de consumo, que se tornam elementos distintivos de cada identidade.

Nunes (2007), realizou um estudo sobre o consumo e a identidade juvenil em uma área popular na periferia do Distrito Federal. A proposta deste artigo foi de entender como se constrói a relação entre os jovens e a cidade, partindo da observação dos padrões de consumo destes, retraduzidos tanto em função das faixas etárias, quanto em função do local de moradia. Mostrou-se que os jovens aqui são “agentes de movimentos culturais espontâneos”.

Ao analisarmos a juventude sob a perspectiva de seu consumo e da sua construção identitária, nota-se, que essa categoria de análise tende a ser relativamente unificadora no universo juvenil, apesar da evidente heterogeneidade do “ser jovem”.

Capítulo III – Cidade do Entorno: um espaço estigmatizado

Terra sem lei cidade esquecida uma barragem
uma ponte pode crer uma divisa / terra sem lei
cidade esquecida a cidade Águas Lindas está
crescendo a cada dia.

Música *Terra sem lei* – Contra Ataque – grupo
de rap local

Ao focar a observação e o levantamento de dados no bairro Cidade do Entorno, sobressalta a imagem de uma localidade onde a existência de serviços públicos é quase nula. Por inexistência de infraestrutura básica, o comércio na “Cidade do Entorno” é pouco desenvolvido e não existem áreas de lazer ou espaços de encontro determinados e estruturados, o que termina por prejudicar diariamente, sobretudo, a sua população mais jovem, confinada no espaço e com relativa dificuldade de mobilidade física para as demais regiões do município.

Assim, se as características negativas relacionadas ao município Águas Lindas, já contribuíram para criação de um estigma sobre a região e sua população, a situação específica deste bairro só reforça tal construção simbólica negativa. Esta localidade aparece com frequência como um espaço estigmatizado, tanto no discurso do conjunto dos moradores do município de Águas Lindas, quanto nos discursos proferidos pelos moradores do próprio bairro.

Ao tratar da questão da estigmatização territorial, Loic Wacquant (2005) argumenta que esse sentimento tende a prejudicar as “estruturas sociais e as estratégias locais” e mostra que, em bairros onde se acumulam tantos males sociais, não devemos desconsiderar a força e o impacto do estigma que pesa sobre, o que ele denomina, os “novos condenados” da cidade.

Mostra-se que o principal efeito perverso da estigmatização territorial que, segundo o autor, é de exacerbar as diferenças e as distâncias sociais internas, contribuindo para prejudicar a confiança interpessoal e a sabotar a solidariedade local. Os vínculos fundados em torno da ideia de “comunidade territorial” se enfraquecem, fazendo com que os indivíduos tendem a se fechar em seu espaço privado. Dessa forma, esses bairros

“precarizados”, tornam-se “comunidades impossíveis”, divididas entre elas e que contribuem para a validação das percepções externas negativas.

A questão do estigma ligado ao local de residência impõe a estes indivíduos um status de “anomalia social” e implica que eles sejam simbolicamente “desprovidos do controle de sua própria representação e de sua identidade coletiva” e é esta “*desposseção simbólica*” que faz estes indivíduos tornarem-se “*párias urbanas*”, pois a estigmatização culmina em um sentimento de isolamento e de exclusão social, o que resulta em estratégias, de adaptação ou de fuga, como meio de evitar a “armadilha” em que se encontram e o sentimento de estar “exilado”.

Como resultado do estigma relacionado ao bairro em que vive o conjunto de moradores e, sobretudo, os jovens passam a ser “rotulados”. O sociólogo norte-americano Howard S. Becker desenvolveu a “teoria da rotulação” ou *labelling theory*. Para o autor, a “rotulação” dá mais importância à identidade do autor e então, não tem por foco o ato em si, mas a pessoa que supostamente o cometeu. O desvio é o produto da criação de normas. O desviante é aquele a quem o rótulo foi aplicado com sucesso (BECKER, 2010). Em uma dada sociedade, as regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” ou “erradas”. A partir desse pressuposto Becker define “outsider” como “aquele que infringe a regra de um grupo”, e também a maneira como “aquele que infringe a regra pode ver seus julgadores como outsiders”.

Dadas essas definições, Becker expõe seu ponto de vista central “o desvio é criado pela sociedade” (2010). As causas do desvio não se encontram na situação social do desviante e nem na origem de suas ações. São os grupos sociais que criam o desvio ao fazer regras cuja infração é desvio, e assim rotulam os infratores como outsiders. O desvio não é o próprio ato que a pessoa comete, mas a “consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um infrator”. Becker se interessa ao processo pelo qual os desviantes passam a serem considerados outsiders e suas reações a esse julgamento. O ato é determinado desviante ou não dependendo de como reagem a ele. Desse modo, “o desvio é o produto de um processo complexo que envolve reações de outras pessoas ao comportamento”.

Quanto ao conceito de estigma, adota-se aqui a forma como ele foi definido por Goffman (2010), o “estigma” sendo “um atributo que tem como característica básica, valores depreciativos” (p. 15). A estigmatização é uma construção moral, em torno da qual se erigem critérios de distinção social, aos quais cabem formas distintas de tratamento e reconhecimento social. O estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. As pessoas estigmatizadas possuem características que são indesejadas, o que implica em rejeição e isolamento. Assim como também em formas de se desvencilhar de tais imagens negativas “coladas”.

Cabe então neste capítulo compreender como ocorre a construção desse imaginário negativo, de que forma e por quem ele é reproduzido, e como os moradores locais, sobretudo os jovens do bairro, incorporam e gerenciam o estigma atrelado ao espaço em que habitam.

1 – A estigmatização territorial

Embora o bairro *Cidade do Entorno* não se diferencie muito dos bairros vizinhos criou-se e, é constantemente reproduzido, um imaginário coletivo negativo sobre a localidade.

Para o conjunto de moradores de Águas Lindas, o bairro tem má reputação e é visto como um “reduto de problemas sociais e particularmente afetado por todos os tipos de criminalidade”. Além do que, os próprios moradores do local, reforçam em seus discursos e falas, o olhar negativo sobre essa localidade.

1.1 – Entre becos, ruínas e depredações

A falta de uniformidade e de um traçado urbanístico mínimo é uma característica forte para quem adentra o bairro “Cidade do Entorno” pela primeira vez. Ao contrário dos bairros vizinhos - Jardim Brasília, Jardim Barragem e Jardim Pinheiros - os números de quadra não seguem uma lógica numérica de “par e ímpar”, algumas quadras se repetem e o desenho das ruas, não segue um padrão linear, o que dificulta a mobilidade dos que não conhecem o local. Não há também nenhuma área definidamente zoneada, e assim destinada ao comércio ou as residências. Constroem-se casas ou comércios em todos os cantos, sem em aparência nenhuma logística urbana.

No entanto, a área do setor que se encontra mais próxima ao vizinho Jardim Brasília, aparece de forma evidente, como a mais aparelhada de investimento que as terras situadas mais à dentro. Existe então, em um terço do território do bairro, uma concentração de comércios, equipamentos públicos e ruas transitáveis, deixando os outros dois terços isolados e dependentes. As ruas que neste estudo receberam o título de “ruas comerciais” são também as únicas que são instituídas como “avenidas” do setor, levando um nome e servindo de ponto de referência.

Cabe aqui também descrever o perfil físico das moradias do bairro. Constatase uma clara diferença quanto aos loteamentos encontrados nos bairros vizinhos. Embora o tamanho dos lotes residenciais seja de certo modo, padronizado, segundo relato dos moradores locais, existe uma variedade de uso e de arquitetura para a ocupação de tais lotes. Alguns exibem muros relativamente altos em concreto armado, outros se “protegem” com cercas de arames farpados, quando essas existem. Esta diferença denuncia, em parte, as divergências financeiras e de preocupação dos residentes na localidade. Casas com estruturas simples e humildes se encontram em frente a casas sofisticadas, “do outro lado da rua”.

Os espaços arborizados no setor são quase ausentes. Não existem praças definidas, ou espaços de encontro. No entanto, mostra-se frequente a formação de becos abandonados que passam a ser ocupados por diferentes turmas para diferentes usos.

A formação dos becos do bairro Cidade do Entorno verifica-se principalmente devido ao abandono dos lotes, alguns com vestígios de construções. Existem diversas razões que explicam a deserção de tais lotes: o falecimento do proprietário, a fuga repentina dos moradores do local por conflitos diversos, a falta de condições financeiras para findar uma construção iniciada ou o desinteresse dos proprietários pela ocupação da região.

Assim, por exemplo, era o caso de um lote abandonado na esquina da rua em que residi durante o trabalho de campo. Antes o local servia tanto de moradia quanto de bar. Em uma briga motivada por uma discussão acalorada, um frequentador esfaqueou o dono do bar. O filho deste, que morava no local, logo se mudou para outra região, abandonando o local. Após um tempo transcorrido, o lote passou a ser ocupado como “boca de fumo”

pelos moradores do bairro. A invasão foi progressiva, no início as vidraças foram danificadas e os muros foram pichados, com o passar das semanas, a ocupação se tornou frequente e numerosa, e após poucos meses, denotava-se que pessoas “viviam” no local, embora as vidraças e as pichações continuassem presentes.

Os becos têm usos diferentes. Uns servem de ponto de encontro e de socialização para as diversas “galeras” do bairro, outros se transformam em “campos de futebol”, bem como, outros servem de atalhos para transitar pelo bairro, cortando as quadras.

A dinâmica desses espaços também difere entre o dia e a noite, se de dia os becos entre quadras são bastante utilizados e transitados pelo conjunto de moradores do bairro, ao cair da noite, estes são tidos como “*trincheiras*”, locais onde “não se deve passar” por correr riscos de sofrer alguma forma de violência, assalto, estupro, agressão, como dizem ter testemunhado moradores da região.

A maneira como a limpeza urbana no bairro Cidade do Entorno é administrada também chama a atenção. Como já mencionado, a circulação de caminhões de coleta de lixo no setor não é cotidiana ou regular, uma vez que muitas ruas são intransitáveis. O aspecto físico geral do bairro é de um local poluído, com vários amontoados de entulho em diversos cantos, sobretudo escombros de construções, mas também amontoados de lixos domésticos, orgânicos e outros.

Criaram-se pelo setor, por iniciativa dos próprios moradores, locais para o despejo de tais resíduos, nesses foram instaladas “caçambas” improvisadas, que são estruturas elevadas e feitas em madeira e metal (*figura 4*). No entanto, o que ocorre, para a consternação de muitos moradores, é que esses espaços tendem a ser depredados e mal utilizados, uma vez que os resíduos não são depositados dentro, mas ao redor da estrutura, fazendo desses espaços locais totalmente insalubres e nocivos, principalmente para os que moram ou passam perto destes, como testemunham algumas falas ouvidas:

- “Aqueles depósitos, não adianta não, ninguém respeita nada, a ideia foi boa, mas os vizinhos jogam mais lixo ao redor que dentro da caçamba. E ninguém limpa aquilo, o caminhão de lixo quando passa diz que é entulho e que não recolhe. Ai vai juntando mais e mais coisas. Já vi de tudo lá, sofá, TV, restos de comida, até um cachorro morto já vi! Nossa... horrível, tava fedendo demais. Os cavalos vão lá e comem e rasgam tudo, os

cachorros de rua também. Fica cheio de ratos e de bichos por ali... eu passo longe... fede demais...” (João Pedro, morador do cidade do Entorno, 15 anos)

- “Foi meu pai que montou aquelas paradas lá, no início até que funcionou viu, porque assim... antes os lixos ficavam tudo espalhado... e quando chovia ia tudo descendo lá pra baixo e ficava tudo imundo. O negócio é que é para colocar coisas pequenas sabe, lixo do dia a dia, mas daí o povo foi jogando tudo que não presta... a prefeitura num queria mais recolher... tem dia que uns tacam fogo lá, tipo para diminuir o volume e matar os bichos... é até perigoso porque ninguém controla... vai que pega o fogo numa casa?!” (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

Figura 4 – Lixo a céu aberto



Formas diversas de depreciação do espaço físico encontram-se no conjunto do bairro, uma delas diz respeito à destruição dos meios-fios, atribuída, sobretudo, a “galera” do skate e duramente criticada pelos adultos do setor Cidade do Entorno:

- “Olha só! O povo vive reclamando que não tem asfalto, que não tem isso, que não tem aquilo, e que os políticos da cidade não fazem nada! Mas olha! Mal colocaram a primeira camada de asfalto e *os meio-fios* e os moleques aqui já tão estragando tudo! E olha aqui! O cara foi resolver instalar o encanamento de água pra casa dele só depois deles terem colocado a primeira cama de asfalto... depois fica tudo remendado e feio! O povo daqui não aprende mesmo, tudo um bando de burro” (Marina, moradora do Cidade do Entorno, 54 anos)

E quando estes eram questionados dos motivos de perpetrar tais atos, estes respondiam que eram “formas de protesto pela má qualidade do serviço prestado”, diziam:

- “Vai falar que isso é asfalto? Asfalto é o que fizeram lá na BR e no Jardim Brasília. Esse asfalto aqui... vem a primeira chuva e leva tudo para baixo. Isso é asfalto é *tipo sonrisal*²¹!”. (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Não, isso é frescura do povo daqui. Quem quebra mais esses meios fios é *os bichos* que passam de moto nas torras! Já viu skate quebrar meio-fio?! E também, vivem acusando a gente de ser um bando de vagabundo, de se meter com droga, mas skate é esporte, *eles deveria* ficar feliz que a gente tá fazendo isso e não usando droga ou assaltando... e o *skate-park* que prometeram aqui pro Jardim Brasília?! Cadê?!” (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

E, como sugere Bourdieu:

“[...] o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que nele moram, e que, em retorno, o degradam simbolicamente” (BOURDIEU, 2007).

1.2 – Cidade de dia VS cidade de noite

No bairro Cidade do Entorno, ao cair da noite, impacta a escuridão do local, impressão esta que se reforça noite adentro. A sensação sombria no local é exacerbada pela falta de postes de iluminação no conjunto do setor, ademais tais postes, quando existentes, são equipados com luzes amarelas, que pouco favorecem a visibilidade do espaço. Antes da pavimentação do setor, tal efeito era amplificado pela poeira levantada pelos veículos, pois abrumava mais ainda a paisagem noturna, fazendo o bairro Cidade do Entorno parecer um *no man's land*, deserto e taciturno.

Chama também a atenção a pouca e quase nula circulação de pessoas, após o pôr do sol, tanto em dias úteis, quanto aos finais de semana. Existe um aparente “toque de recolher natural” logo que a claridade se ausenta, movimento este que é legitimado pelos que moram no setor e aconselhado aos novatos no bairro. Após as 18horas (em média) os moradores apressam-se para chegar a suas casas, principalmente os que residem na parte interna (oeste) do bairro. Observa-se uma circulação importante, tanto de jovens, quanto de adultos em direção à parte mais adentro do bairro. Isso, porque os principais pontos de ônibus encontram-se do lado oposto, próximo ao bairro Jardim Brasília.

A partir das 20h, as ruas se desertificam até se tornarem espaços vazios, nos quais poucos moradores se “arriscam” a transitar. Os jovens entrevistados nesta pesquisa, poucos

²¹ Asfalto “sonrisal” faz referência a um medicamento efervescente que dissolve facilmente e rápido em contato com a água.

frequentam as ruas ao cair da noite, seja por proibição direta dos pais ou por receio do que possa acontecer, como testemunham essas falas.

- “Nunca ando pelas ruas de noite não... porque meus pais não gostam... e também porque é de noite que tudo de errado acontece. O povo sai e bebe, e se droga, e ai quase todo fim de semana um é baleado” (Alex, morador do bairro Cidade do Entorno, 18 anos)

- “De noite aqui não tem nada para fazer mesmo. E minha mãe não gosta quando eu saio não. Ela tem medo que eu mexa com coisa errada. Tem muito doido na rua à noite, fica perigoso demais.” (Kelly, moradora do bairro Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Eu saio às vezes de noite, mas só na minha rua. Minha mãe não gosta, mas às vezes é muito chato, tem nada para fazer em casa. Ai eu fico na minha rua, na frente de casa, conversando com os usuários sabe, todo mundo tem medo deles, mas eu acho que eles me protegem. Às vezes acho melhor conversar com eles do que com os outros, que se dizem seus amigos e na primeira oportunidade te sacaneiam.” (Jéssika, moradora do bairro Jardim Barragem IV, 16 anos)

- “É eu gosto de jogar bola até tarde com os meus vizinhos sim, mas minha mãe chega é e manda entrar em casa. Às vezes quando ela chega mais tarde, ela liga e manda entrar em casa, mas ai eu saio escondido (risos) depois é briga mas quando não tem meus irmãos em casa pra joga Xbox eu prefiro fica na rua. E também que tá calor demais [...] na real meu pai nem liga tanto, ele trabalha de noite né, ele é vigia, sai de casa às 3horas da tarde só volta no outro dia...” (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos)

A maioria dos comércios como farmácias e os mercados de médio porte fecham suas portas próximo às 18 horas. Como o setor não possui locais de cursos ou para práticas desportivas ou culturais, isso reforça a ausência de circulação dos adolescentes pela cidade, sobretudo no que diz respeito às meninas. O setor se torna mais “masculino” à noite.

À noite o bairro ganha um “segundo fôlego”. Alguns bares abrem suas portas. Alguns becos ganham mais vida e são mais frequentados. Observa-se em seu redor grupos de jovens ouvindo música e fumando. Pequenos grupos, sobretudo de jovens homens transitam pela cidade, a pé ou de bicicleta, normalmente em direção aos becos ou bares abertos. Vários centros de cultos religiosos também funcionam mais ativamente no período noturno e em dias fixos. Ao findar o culto, observam-se grupos de famílias voltando as suas residências em pequenos comboios.

No que diz respeito aos alunos do CEPF do turno noturno, estes testemunham certo receio em transitar nas ruas do bairro à noite. Os que não retornam às suas casas de carona ou de bicicleta, o fazem em grupos de 5 a 10 pessoas, sobretudo no que diz respeito às alunas.

- “Ah, é perigoso sim, à noite é o horário em que saem os bandidos e drogados né... Eu só venho pra aula nesse horário porque eu trabalho de dia né? Ai não tem como... mas eu não gosto não. Meu marido morre de preocupação e vem sempre me buscar. A gente dá um jeito né, porque assim, para ele sair à noite de carro também é perigoso, tipo se alguém chegar armado e render ele o que ele pode fazer? Mas é assim, sempre na hora que termina a aula eu logo saio e ele tá me esperando e vamos embora.” (Valeska, moradora do bairro Jardim Brasília, 23 anos)

No entanto, nas poucas conversas tidas com eles, observou-se um receio menos exacerbado em circular na cidade e no bairro à noite, pois sentem que o risco seria tão importante em qualquer localidade e que lá ao menos estão em um ambiente em que “todos se conhecem”.

- “Nada... aqui é tranquilo, o povo é que exagera cara. Aqui, todo mundo se conhece na rua tendeu. Só não pode ir pro Barragem IV assim, de noite, sem ninguém de lá o povo lá estranha né... mas assim, aqui se você é do Entorno ninguém mexe com ninguém. Se mexer com você é porque você fez coisa errada e tá procurando encrenca, daí você acha né!” (Manuel, morador do bairro Cidade do Entorno, 32 anos).

Assim, se a observação, do esvaziamento e da “reconfiguração” espacial, ocorre na maioria dos bairros de Águas Lindas, como se procurou observar, de forma comparativa, ela é ainda, mais evidente no bairro Cidade do Entorno.

1.3 – Desvalorização simbólica da cidade e do bairro

O bairro Cidade do Entorno aparece para muitos moradores do local como um espaço desvalorizado, em que se estabelece a residência transitoriamente, na falta de opção melhor de moradia.

Quando indagados a falar sobre o bairro ou a cidade de Águas Lindas, não são raros os discursos que acusam a sujeira da cidade e que acusam a própria população local como culpada. Falam por exemplo que a população é “mal educada”, que não joga lixo no lixo, e que o bairro parece “um grande lixo, sujo e mal cuidado”.

- “A cidade aqui é um lixo. Não gosto daqui não. Prefiro quando eu morava lá em Taguatinga, aí minha mãe quis e aí a gente se mudou para cá. Aqui é tudo sujo, tudo quebrado, você sabe né, todo mundo vê. O povo reclama, mas também não faz nada para mudar, só suja e estraga mais ainda. O povo aqui é mal educado. Por isso a cidade é feia e estragada assim.” (Daniela, moradora do Cidade do Entorno, 16 anos)

- “Os moradores aqui do entorno (o bairro) são diferentes... eles são assim, mais sujos, mais mal educados sabe... antes eu morava no Jardim Brasília, era melhor...a gente se mudou pra cá por causa que meu padrasto mora aqui, aí a gente teve que vir morar com ele... mas eu voltava pra lá” (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

Embora alguns jovens pronunciem discursos desvalorizantes relacionados ao bairro Cidade do Entorno, são principalmente os moradores mais velhos, os adultos, muitos que moram no local há mais de 10 anos, que relatam a “perda de valores”, o “caos na cidade” e a “bandagem crescente da juventude local”. Segundo o discurso de muitos, Águas Lindas e mais ainda o bairro Cidade do Entorno viraram uma “terra sem lei”, e os jovens aparecem como os principais bodes expiatórios desse conjunto de problemas.

[Domingo, 22 de setembro de 2013] Conversei com um senhor, amigo da Marina. Joaquim aparenta ter cerca de 50 anos. Originário da Bahia mora em Águas Lindas desde 1995, e no bairro Cidade do Entorno é dono de um lote, na parte mais interna do setor, desde 1997. Segundo seu relato ele foi “um dos primeiros a morar nesse bairro”. Ele, a sua esposa e as duas filhas de criação de 11 e 14 anos, querem retornar para Bahia, para Barreiras. O seu lote está à venda por 40mil reais. Conversei com o Joaquim o motivo de ele querer retornar para Bahia:

“- Porque o Senhor quer voltar para Bahia agora?

- Ah, meu filho, porque criar crianças aqui, principalmente meninas, tá muito difícil, muitas más influências. Já foi melhor, antes a gente conhecia todo mundo aqui, mas chegou muita gente de outros lugares, essas pessoas que vem para cá é porque fazem coisa errada, mata e rouba lá no DF tendeu, e depois vem se esconder aqui. Tem muitos que vem do interior do Goiás também, e lá do Nordeste também.

- Mas o que mudou? Não são as mesmas pessoas?

- São não. Antes, não sei se a Marina te contou, mas o pessoal vinha pra cá a procura de um sonho, um lugar seu pra morar, construir família e viver em paz. Agora tudo é motivo de guerra. Na minha juventude não era assim não, os meninos não usava droga como hoje não.

Fora as putarias que acontecem nessas domingueiras. Não dá pra criar meninas adolescentes aqui em Águas Lindas não...

- Mas e em outro bairro do município, o Senhor se mudaria?

- Eu até pensei, mas é a mesma coisa... Só o Jardim Brasília que parece melhorzinho, porque tem mais organização sabe, mas um lote lá tá valendo seis vezes o daqui hoje, e eu não tenho essas condição não..." (Joaquim, morador do Cidade do Entorno)

A desvalorização simbólica do bairro, adicionada a uma reprodução constante da imagem negativa do local, passa por uma intensificação dos fenômenos relativos à violência na cidade.

- "É muito difícil ser um jovem decente aqui em Águas Lindas. São muito poucos que *se salva* dessa juventude monstruosa. A maioria dos jovens de Águas Lindas cometem crimes, se drogam, *bebe bebidas* alcoólicas sem nenhuma moderação, essa é a visão dos jovens dessa cidade." (trecho de uma redação de uma aluna do 3º ano do CEPF).

2 - Narrativas violentas como pano de fundo

Além dos números levantados que atestam de fato altos índices de homicídios no bairro Cidade do Entorno e redondezas, procurou-se entender como o fenômeno "violência" é percebido e cultivado, através dos relatos dos jovens da localidade, com o objetivo de tentar diagnosticar, que violência é essa e como ela aparece e termina por estigmatizar este espaço.

A Figura 5 é de um *outdoor* que foi instalado na principal via de entrada do município de Águas Lindas de Goiás, a BR-070, sentido Corumbá de Goiás, em 2012. Este "aviso" foi colocado pelo Sindicato da Polícia Civil do Estado de Goiás – Sinpol/GO - como forma de protesto pela falta de efetivo policial e pela falta de equipamentos para a elucidação dos inquéritos criminais, em uma região que à época, ganhou destaque da mídia nacional como altamente violenta.

Figura 5 - Outdoor instalado na entrada de Águas Lindas por grevistas do Sinpol/GO, em 2012



Não questionando as causas de tal tipo de manifestação por parte dos Policiais Civis, vemos que o fenômeno violência, além de existir de fato, é instrumentalizado de forma exacerbada e constantemente reproduzido, internamente e externamente.

Os dois principais bodes expiatórios dos problemas do bairro Cidade do Entorno são: os jovens, frequentemente acusados, por seus pares e pelo conjunto dos moradores do setor; e os usuários de drogas, uma vez que sempre que algo acontece, um homicídio, ou uma tentativa de homicídio, logo denunciam “deve ser acerto de contas, disputa de território, dívida entre marginal...”.

2.1 – As fofocas e o sensacionalismo mediático

Somado aos problemas já enfrentados rotineiramente pela comunidade local, observa-se uma amplificação de tudo que lá acontece, sobretudo, quando a “fofoca” ou a notícia está relacionada com acontecimentos violentos.

A prática da fofoca envolve de forma recorrente atos “errados” semelhantes a “fulano bateu na esposa”, “ciclano saiu do presídio”, “beltrano levou pipoco e fugiu da região”. O campo semântico relacionado aos atos violentos aparece em todas as conversas, reforçando o temor e a sensação de insegurança já existente.

Um caso, porém, chamou a atenção e será analisado adiante.

A feira principal do setor, que funciona principalmente aos fins de semana, é palco de diversos atos transgressivos: tráfico e consumo de drogas a luz do dia durante a semana e aos finais de semana, venda de produtos sem nota fiscal e pirateados, homicídios ou tentativas de homicídio com certa periodicidade. Essa forma de violência faz parte do panorama local e é discutida pelo conjunto dos moradores do bairro cotidianamente.

[Domingo, 20 de outubro de 2013] Final de tarde em Águas Lindas, ouço uma conversa, na frente do portão da casa, entre a Marina e a sua vizinha:

Vizinha - Um rapaz levou umas facadas na feira (do Entorno) hoje, bem na entrada, não era nem meio-dia e a feira ainda tava lotada de gente. O homem levou umas dez facadas parece, aí o outro que esfaqueou fugiu

Marina - Vixe, tava até que demorando pra acontecer mais um desses né? O rapaz morreu?

Vizinha - Chamaram a ambulância, mas parece que demorou e quando chegaram lá já era tarde...

Marina - E que que será que aconteceu hein? Você sabe quem que conhecia o rapaz que morreu, ele era aqui do entorno?

Vizinha - Eu num conhecia não, mas parece que quem conhecia era o irmão do Marquinhos, disseram que ele é daqui mesmo... da quadra 12 eu acho...

Marina - Meu Deus, que horrível. Devia tá mexendo com coisa errada... um desses usuários doidos aí. Melhor assim. Filho meu não mexe com coisa errada...

[Segunda, 21 de outubro de 2013] Noutro dia de manhã, ao ir para o Colégio o “novo acontecimento” ainda estava “na boca do povo” e comentários eram feitos tanto entre os alunos, quanto entre os professores. Procurei então tentar obter mais informações. Fui informando por um professor que mora no bairro de outro possível motivo para o crime:

- “Me disseram que era por uma dívida por um botijão de gás cara... loucura né? O cara que deu as facadas cobrou e o outro não quis pagar, daí ele preparou a vingança. Tá rolando um boato que o que esfaqueou passou naquele bar do jogo do bicho, sabe, daí ele pediu um trago e falou: “hoje eu vou matar um safado...”, saiu do bar e foi rumando pra feira”. (Wilian, professor do CEPF, morador do Cidade do Entorno, 23 anos).

[Terça, 22 de outubro de 2013] Ao sair do CEPF, passei pela *Lan House* do bairro. Conversei por alguns minutos com a atendente e mais dois jovens, a quem eu conhecia de vista. O

acontecimento do domingo anterior voltou na pauta da conversa. Surgiu assim uma terceira versão para a mesma história, esta última sugeria que o crime foi provocado “por causa de um roubo de bicicleta”.

O que ocorre, no entanto na maioria das vezes, é que as reais motivações de tais atos, demoram ou nunca são elucidadas. Enquanto isso, os boatos correm pelo bairro e pela vizinhança, aumentando a sensação de insegurança, ou nas palavras de Marina: “a matança de fim de ano recomeçou... tava demorando pra recomeçar, eu até estranhei”.

Os jornais locais são outro grande vetor de reprodução da violência e de amplificação da já presente sensação de insegurança no setor. Repórteres da cidade destacam com frequência notícias policiais sobre o bairro Cidade do Entorno²², e assim contribuem para estigmatizar mais ainda a imagem do bairro.

Outro caso de violência durante a pesquisa de campo chamou a atenção, este por conta da ampla e rápida repercussão que foi dada ao caso pela mídia. Diz-se por ampla repercussão, que o caso extrapolou as fronteiras do bairro e do município, chegando a ser transmitido ao vivo em um programa da TV aberta.

[Meado de outubro de 2013] Um dia, por volta da última aula do turno intermediário, os alunos foram liberados pela direção do Colégio, porque desde o final da manhã o fornecimento de água no setor havia sido cortado e, por consequência, a refeição do dia não foi servida. O boato chegou aos moradores, professores do Colégio e a mim, por meio da reportagem sobre o caso no programa de TV *DF alerta*. Uma aluna de 14 anos do CEPF teria sido estuprada, após ter sido drogada, por quatro colegas de turma do Colégio.

Graças à ampla divulgação, no outro dia ao chegar ao Colégio de manhã, encontravam-se no local, jornalistas, duas viaturas da Polícia Militar do Goiás, um representante da Subsecretaria de Educação do Município, e um representante do Juizado de menores, procurando explicações do ocorrido junto à direção. Perguntou-se o porquê dos alunos terem sido liberados mais cedo, e a direção escolar foi então responsabilizada pela agressão sofrida pela aluna.

²² http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/27/interna_cidadesdf,373758

As aulas foram então suspensas por quatro dias, mas os desdobramentos foram múltiplos e se estenderam até o final do ano em questão. A história relatada pela vítima foi em grande parte desmentida por ela mesma. Logo que o ocorrido chegou “à tona”, vários pais e alunos retiraram seus filhos do CEPF. Os alunos acusados de agressão foram afastados do Colégio e transferidos para outra região, uma vez que eles também passaram a receber ameaças de morte por parte dos parentes e próximos da vítima, assim como por demais moradores do bairro. Um clima tenso instalou-se no Colégio por alguns dias, e a temática estava “na boca” de todos, dentro e fora da escola, pois afinal todos conheciam a “vítima” e os “agressores”.

O que procuramos assinalar com esse exemplo é que a mídia age como veículo de transmissão da violência ao instigar sensações que geram audiência à programação, mas, com efeito, mais estético que informativo. Nesse sentido, o sensacionalismo mediático contribui, e muito, para legitimar a estigmatização externa e o sentimento interno de insegurança na região.

Este caso é só mais um dos casos característicos divulgados pela mídia, local e regional. Maior é a lista de ocorrências, amplamente divulgadas, envolvendo as duas variáveis principais dessa pesquisa, qual seja, o bairro Cidade do Entorno e a juventude dessa região. Fenômeno que só reforça o efeito de bairro “induzido”, que estigmatiza os moradores do setor; que tem por efeito uma banalização da violência; que aumenta a sensação de impunidade e da ineficiência da justiça brasileira; e atua em direção a uma super-representação dos crimes hediondos, subestimando a frequência das formas de criminalidade de “menor gravidade”, como por exemplo, a violência doméstica.

2.2 - A superestimação da violência

Como pesquisador e residente *in loco*, tive por vezes a sensação de que o fenômeno “violência” passa por um processo de ritualização e de exacerbação nos relatos cotidianos dos moradores da localidade. Diz-se isso no sentido em que atos violentos estão sempre nas pautas das conversas do dia-a-dia, fala-se mais de “violências” do que se vê e, o campo semântico relacionado a formas de violência está no vocabulário de todos.

Em sala de aula, os alunos sempre citavam a violência como um dos principais problemas de Águas Lindas. No entanto, ao aprofundar mais a discussão, sobressaía paradoxalmente, que poucos eram os que tinham diretamente sido vitimados por qualquer tipo de violência, assim como poucos declaravam fazer parte ou conviver com “os que cometem a violência”. O que nos leva a pensar que a sensação de segurança ambiente é em grande parte fruto de uma supervalorização da violência.

[Outubro de 2013] Em uma das primeiras aulas ministradas perguntei aos alunos do 2º ano: “quem são e o que fazem os jovens daqui de Águas Lindas?”, logo a maioria respondeu: “tudo bandido”, “bando de vagabundo”, “aqui ou você assalta ou é assaltado”. Perguntei então aos mais exaltados, “e você assalta, ou é assaltado?”, e o silêncio se fez.

Uma vez, a temática da violência e, seus desdobramentos, sendo um assunto tão recorrente nas conversas mantidas no dia-a-dia, parece que tal fenômeno, ganha um “espaço” e se torna um reflexo de uma cultura local. Nesse sentido, os atos violentos costumam ser banalizados, vistos como corriqueiros, sendo um “pano de fundo” da realidade local. Assim, por exemplo, analiso dois acontecimentos característicos: primeiro, uma atitude da Marina e segundo o comportamento de um aluno em sala de aula.

[Quarta, 2 de outubro de 2013] Caminhávamos pelo bairro Cidade do Entorno, a Marina e eu, após termos ido a uma casa lotérica no Jardim Brasília. Passando ao lado da Feira do Entorno, fazemos um desvio de caminho, a pedido de Marina, ela me diz: “Peraí, vem cá, vou te mostrar uma coisa...”, nos aproximamos do alambrado que cerca a feira até o ponto em que vemos uma fita daquelas usadas para interditar a passagem em certos locais, Marina me fala para olhar para o chão:

“Tá vendo essa mancha aqui? Então, é sangue, foi do safado drogado que mataram aqui no domingo passado. Levou seis facadas e morreu a caminho do hospital. Um marginal a menos, pronto”.

[Segunda, 30 de setembro de 2013] No CEPF, em sala de aula com uma turma do 6º ano. Os alunos - cerca de 40 ao todo - estavam totalmente dispersos, pois se tratava da última aula do turno. Com dificuldade para mantê-los em sala e em silêncio, peço para todos se sentarem, porém alguns não reagem, o que me força a elevar o tom de voz pedindo

silêncio. Um dos alunos, Fernando, brincava com um gorro em sua cabeça, e em pé caminhava em minha direção, dirijo a palavra a ele:

- “Oh garotão, pare de brincar, já deu, e passa esse gorro pra mim, por favor!”

Ao que este abaixa o gorro, cobrindo seu rosto, se aproxima mais de mim, e em aparência simula uma arma com suas mãos e uma régua e diz:

- “Tá maluco professor, o gorro é meu, e eu preciso pra trabalhar, tá ligado!”

E logo após, foi se sentar, enquanto o conjunto da turma e o mesmo riam alto do ocorrido.

Durante as entrevistas com os jovens, voltei a fazer a pergunta sobre o que eles achavam da violência em Águas Lindas e no bairro em que eles moravam:

- Falam tanto da violência em Águas Lindas, o que você acha disso?

- “É assim mesmo, é violência demais aqui. Muito acerto de conta, tráfico de droga, violência contra as crianças, bebedeira, briga de bar...” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Pra mim é o maior problema daqui... tem muitas dessas domingueiras, e lá rola de tudo, muito assim, putaria sabe, e bebedeira, e depois briga e assassinato” (Ricardo, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

“- Tem muita guerra entre o Cidade do Entorno e o Barragem IV...

- Com assim guerra...

- Ah... disputa, briga, tiroteio...

- Mas por quê?

- Porque um que rouba o ponto de droga do outro sacou? Aí os caras de lá não deixa e dá merda. Eles querem poder e dinheiro. Pra fica tranquilo tem que deixa os caras de lá manter o negocio do crack e da merla e os daqui mexe só com a maconha... mas eles nunca fica quieto, quer sempre mais poder, daí rola a guerra” (João Pedro, morador do Cidade do Entorno, 15 anos)

- “Águas Lindas é violenta mais por causa do tráfico de drogas, pois aqui não tem ocorrências de roubo e essas coisas”. (Viviane, moradora do bairro Por do Sol, 14 anos)

- “Tem violência mesmo, muita gente perdida, muito jovem como a gente que se perde pras drogas e pras coisas erradas... mas olha que melhorou viu? Eu cheguei aqui, eu era

menininha, era tipo nos filmes, chegava os caras em cima da caminhonete, cheio de armas e na frente de todo mundo! Agora tem mais disso não, ainda tem violência mas não é tão ruim...” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

E quando perguntado:

- **Mas você já presenciou algum evento violento?**

- “Na verdade não... é... parando pra pensar faz oito anos que eu moro aqui e eu nunca passei por nada não, graças a Deus. Mas mesmo assim, é violento, eu é porque eu sou na minha, mas quem vacila leva chumbo aqui.” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Eu não porque eu não mexo com coisa errada. Quem se dá mal é quem anda com más influências, quem fica andando com os vagabundos.” (Ricardo, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

- “É meio que mentira tudo que dizem sobre essa rivalidade entre os bairros, professor. Na boa, tudo começou quando a gente brincava de queimada. Ai a gente falava assim, é o time do “entorno” contra o time do “barragem IV”. Depois é que foram falar que era disputa por outra coisa.” (trecho de uma conversa obtida em sala de aula, José, 17 anos)

- “Eu acho que exageram. Tem violência aqui sim, mas eu não acho que pior do que em outro lugar não, em Brasília é pior, porque aqui é uma cidade nova, é normal. (João Pedro, morador do Cidade do Entorno, 15 anos)

- “Ah, mas violência também existe em todo lugar né. Não precisa vir pra cá pra ver isso não. Acham que aqui é como nas favelas lá do Rio, mas não é não...” (Giselle, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

Enquanto em um primeiro momento é relatada a imagem que lhes é imposta – a que correlaciona à juventude local com os problemas relativos à violência -- no decorrer das conversas, sobretudo quando das entrevistas aprofundadas, percebeu-se que muitos se preocupavam em neutralizar ou até mesmo desconstruir esse estereótipo.

3 – Neutralizando o estigma

Mais nos interessa aqui a imagem do bairro Cidade do Entorno para os jovens que nele moram, objetivando saber, como por eles é gerenciado o peso simbólico da estigmatização territorial constatada acima.

Se o olhar do pesquisador virou-se aqui exclusivamente para os jovens do setor, é porque são eles que mais convivem com o espaço e por consequência sofrem mais, “na pele” essas discriminações.

Frente a essa realidade, criam-se diversos comportamentos distintos. Os que aqui serão analisados são os que testemunham uma vontade de “neutralizar” o estigma, de forma lúdica, irônica ou sarcástica (LEPOUTRE, 2001), embora não eliminando totalmente, a visão do bairro por meio da noção de estigma.

3.1 – Os “pés de toddy” e o “brejo”

O subtítulo acima faz referência a dois episódios testemunhados e que a seguir serão relatados.

[Terça, 5 de novembro de 2013] Em sala de aula, ao conversar com os alunos do 3ºano, estes começaram a relatar as diferenças entre “eles” e os “playboyzinhos de Brasília”. Perguntei se eles viam alguma diferença característica entre os jovens “daqui” e os “de lá” e várias respostas distintas surgiram, até que alguns evocaram a expressão “*pé de toddy*”. Intrigado, pois nunca tinha ouvido tal expressão, perguntei o que significava “*pé de toddy*” e a resposta foi dada pelo aluno Davidson:

“Professor o negócio é o seguinte, aqui em Águas Lindas não tem asfalto, principalmente aqui no “Entorno”, então imagina quando chove, vira uma lama sem fim. Todo dia depois da escola eu vou pro meu trabalho que fica lá em Águas Claras. Eu tenho que caminhar, no meio da lama até a parada de ônibus, pegar um baú e em uma hora de estrada eu chego lá. Mas assim, “*pé de toddy*” é porque sempre os tênis dos meninos de Brasília vão estar mais limpos que o meu entendeu? Por isso, *pé de toddy*! Pé sujo! (“*pé de merda*”, exclamavam os outros alunos em tom alto) Você pode ter um tênis novinho, limpinho, branquinho, chegando em Brasília ele tá todo sujo, e todo mundo sabe que a gente é de Águas Lindas! Olha só teu tênis professor! Ninguém aqui tem o tênis limpo!” (Davidson, 19 anos)

Sobre os indivíduos estigmatizados, Goffman já dizia que:

“para evitar esse isolamento [...] além de aceitar os estigmas impostos a ele, se vale de mecanismos para encobrir os “defeitos” de sua identidade social.” (GOFFMAN, 2010, p. 20)

[Segunda, 11 de novembro de 2013] Ao sair do colégio no final do período matutino de aulas, comecei a caminhar em direção a minha residência, que fica na parte “mais interna”, ao

oeste do bairro Cidade do Entorno. Trilhei uma parte do percurso ao lado de duas alunas do Colégio, as quais eu não tinha conversado muito e só nos conhecíamos de vista. Fizemos metade do caminho juntos e ao chegar ao final da “avenida comercial” as duas alunas dobraram na rua à esquerda. Despedi-me delas, assim demonstrando que eu continuaria meu caminho reto, ao que uma delas indagou, com certo espanto:

“- Professor, você mora lá pra baixo?

- Ué, sim, lá em baixo, alguns metros só né, na quadra 33... porque?

- Sério?! Mas lá é o brejo professor, só tem os da roça lá pra baixo! (risos)

- Como assim meninas... é a 300 metros daqui, qual a diferença?

- A diferença é que lá é o brejo professor! Se aqui é ruim, lá é pior, é a roça né! (risos)”

Curioso com esta situação voltei nesse assunto junto a Marina e a alguns entrevistados. Estes me confirmaram a demarcação abstrata de dois e às vezes três “Cidade do Entorno”.

- “É assim, tem gente que fala que aqui mais perto do Jardim Brasília é melhor né. As coisas são mais organizadas, tem mais comércio, tem o mercado, a farmácia, a sorveteria, a parada de ônibus... é mais aqui entendeu, e é mais perto da escola. Ai tem o meio, é onde mora o perigo, é onde tem os tiroteios, os tráficos direto, até porque faz fronteira com o Barragem IV... mas agora até que tá melhor. E tem lá pra baixo (risos) é o que chamam de “brejo”.

- Mas porque brejo?

- Porque lá é a roça *oxe*, quem mora lá são os caipiras! Tem até vaca, cavalo, galinhas e porcos andando na rua!”(Alex, morador do Cidade do entorno , 19 anos)

- “- O povo fala que tem dois “entornos” sim, tipo assim... mais pra baixo daqui né, a partir da quadra 30... mais lá pra baixo sabe... e até a chácara... é o que chamam de “Cidade do Entorno 1”... na verdade é errado né, deveria ser “Cidade do Entorno 2” lá pra baixo, porque daqui pra cima existe há mais tempo. Lá eles começaram a ocupar faz pouco tempo, assim, uns 5 anos. Aqui pra cima já tem mais tempo, quase 20 anos... não era assim né, antes era uma casa aqui... outra lá, do outro lado... ai foi juntando, crescendo e crescendo...

- Mas Marina, pelo que dizem os meninos do Colégio, aqui na sua casa já é o “Cidade do Entorno 1” ou o que alguns chama de “brejo”...

- Oxe, nada a ver, esses meninos não sabem o que falam não! Que brejo que nada!”

(trechos do diário de campo, conversa realizada com a Marina, moradora do Cidade do Entorno, 54 anos)

3.2 – A exacerbação das classificações

Outra forma de neutralizar o estigma, utilizada pelos jovens da região, é a exacerbação das classificações. O que Goffman, explica como, uma forma de procurar os atributos negativos no outro para se descarregar do que afeta a si mesmo (GOFFMAN, 2010). Estas classificações aparecem com o objetivo de designar o outro em oposição à representação que é feita deles mesmo, e por eles mesmos.

Surgem, de forma recorrente, três categorias de classificação relativas ao jovem: o “jovem da paz”, o “mala/peba”, e o “playboyzinho”. Quando perguntado a eles quais eram os traços característicos de cada uma dessas categorias, as definições em muito se assemelhavam.

Assim, o “playboyzinho” é em geral “o jovem que mora em Brasília”, “que vai pra escola particular” e “faz faculdade como a UnB”. O “mala/peba” é “o jovem de Águas Lindas”, “que faz coisa que não presta”, “o moleque que se droga” e “que queima o filme da cidade”; por último, o “jovem da paz”, é quase sempre representado por eles, ele é “o que estuda”, “que respeita os pais”, “que sabe ser humilde”, e “que não se deixa influenciar por pessoas erradas”.

- “Eu fui em julho (2013) pras manifestações lá de Brasília, eu tava lá. Cheio de playboyzinhos (risos). Tá lá pra manifestar e reclama não sei do que (risos)... eles tem mó vida boa, não precisa trabalhar, vai pra faculdade de rico... acho que foram pra matar aula (risos)...” (Walter, morador do Cidade do Entorno, 22 anos)

- “O maior problema daqui são os mala né, eles dá para ver de longe... *nós sabe* que eles tão mal intencionados, só de ver, eles que andam com aquelas calça rasgada, ou quase caindo...” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Ainda temos vários jovens bons na cidade, tipo aqueles que não curte muito ir para festa de funk, como as domingueiras, que são um tipo de festa que atrai muita coisa errada... esses vão para caçar briga, usar drogas, bebedeiras, pega mulher... eles é que sujam a imagem da cidade... e tem os jovens de boa, da paz...sou mais desses” (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

Uma vez que estas observações não eram, *a priori*, primordiais para esta pesquisa, não foi dada muita ênfase a essa análise, pois para que ela seja completa, teria sido interessante comparar as categorias de percepção e classificação feitas pela juventude do município de Águas Lindas, as que são empregadas pelos jovens de classe média do Plano Piloto de Brasília, por exemplo. A guisa de breve constatação procurei comparar o que eu ouvia em Águas Lindas com que costumavam dizer amigos e colegas, da mesma faixa etária, em Brasília, pois de fato, nesse quesito, a distância se faz grande.

Foi interessante reparar também as percepções dos jovens de Águas Lindas à cerca das demais cidades periféricas do Distrito Federal. Assim, por exemplo, existe um pré-conceito forte com a RA de Ceilândia:

- “Perigoso é lá em Ceilândia! Morro de medo quando tenho que ir pra lá. E as pessoas são estranhas, ficam te encarando na rua.” (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “A maioria dos traficantes que tem aqui vem lá de Ceilândia, Samambaia... Estrutural às vezes... eles vêm aqui fugidos da Polícia, já que aqui é Goiás né. Aí depois eles vem falar que é bandido daqui...” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

A violência em Águas Lindas teria certa explicação, para outros, por conta de ser uma “cidade nova” e que está melhorando:

- “Aqui pelo menos melhorou né, e é normal uma cidade nova ter mais violência, e aqui tem muita gente pobre e miserável, ai tem mais violência também. Mas eu não entendo é uma cidade rica como Brasília ter tanto assassinato e violência... isso sim é estranho, não é normal, as pessoas lá tem dinheiro, todo mundo... pra que roubar?!” (João Pedro, morador do Cidade do Entorno, 15 anos)

- “Eu tinha mais medo lá em Taguá, assim, de sair na rua sabe, até de dia, tinha assalto todo dia. Aqui tem violência, mas assim não tem roubo e essas coisas não, as pessoas se respeitam mais...” (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

Em suma, vemos que enquanto em um primeiro tempo as características negativas relativas ao local de moradia são colocadas à frente, em um segundo tempo, os jovens pesquisados, se desvencilham dessa construção negativa da imagem local. São assim formas de neutralizar o peso do estigma que lhes é imposto.

4 – Mobilidade e proporção do efeito de bairro

No capítulo 2, vimos que a mobilidade é uma chave importante para medir a “proporção do efeito de bairro”, pois esta questão tem um papel central no que diz respeito a socialização e a aprendizagem dos jovens e adolescentes.

Nas seções acima se evidenciou o peso negativo que se exerce sobre os jovens pelo fato de morar no bairro Cidade do Entorno e em Águas Lindas. Pois agora, procura-se entender de que maneira os jovens da localidade pesquisada tentam “driblar” esses “efeitos de bairro” negativos e estigmatizantes.

No que tange a mobilidade espacial e física, viu-se que de fato ela é relativamente limitada, sobretudo no que diz respeito à parcela mais nova dos residentes no bairro Cidade do Entorno (abaixo dos 15 anos). Estes últimos mostram-se mais confinados ao bairro Cidade do Entorno, e então menos “livres para ir e vir”, e se deslocaram para o Jardim Brasília, por exemplo, ou para demais locais afastados de entretenimento e encontro, como o shopping de Águas Lindas, as quadras poliesportivas no Jardim Pinheiros ou a pista de skate no final Setor 10.

Esse confinamento que termina por limitar a capacidade de mobilidade se explica por dois motivos principais: o primeiro diz respeito à falta de opção de deslocamento para o exterior do bairro, pois, como já mencionado, o Cidade do Entorno é desservido por opções de transporte público; o segundo motivo é a falta de condições financeiras da família, o que limita, não somente os deslocamentos em si, mas também o acesso a bens culturais não públicos (como por exemplo, ir ao cinema, a biblioteca, ao clube). Como testemunham as falas a seguir.

- “Cinema eu só fui uma vez, e não foi aqui não, foi lá em Taguá, mas faz mó tempão. Meus pais nunca *tem muito tempo pra levar nós pra lá*, eu até que eu queria ir sozinho, mas se eles me pegarem eles me mata (risos) mas de todo jeito é eu que prefiro é ficar em casa jogando X-Box ou jogar bola com os vizinhos”. (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos)

- “É difícil eu ir pro shopping viu... porque assim, primeiro que eu trabalho muito, aí não dá tempo, depois é que eu tenho que ir até o Jardim Brasília e pegar a lotação até lá no Shopping, nem é longe, mas nem é rápido, e eu pra voltar o melhor jeito é de moto-táxi, mas eu não gosto, que as vezes nem tem capacete e eles vêm feito louco [...] quando eu namorava

eu ia com meu namorado... o pai dele levava a gente e buscava a gente lá” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

Esta restrição da mobilidade incita os adolescentes a se “fecharem no bairro”, outros espaços parecendo-lhes cada vez mais inacessíveis. Isolamento que reforça a tendência desses adolescentes a aderirem a “galeras do bairro”, primeiras formas de gangues e por vezes primeiro contato com o mundo do crime, das drogas e da violência, assunto que será abordado com mais ênfase no capítulo seguinte.

Em síntese, calcule-se assim como “densa” a proporção do efeito de bairro que se exerce sobre os adolescentes do bairro Cidade do Entorno.

Em contrapartida, os mais velhos e principalmente os meninos, gozam de uma liberdade maior para se deslocar por Águas Lindas e entre os bairros.

- “Quando meu pai libera o carro, eu vou (para o Shopping) mais meus irmãos, senão eu já fui de a pé mais o Paulo e outros amigos do curso de informática... nós foi lá, beirando a marginal... de noite mesmo. E meu pai vem buscar depois ou voltamos de a pé mesmo” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

E outros ainda, aprendem a “se virar”:

- “Ah, eu quando eu saio é só final de semana, e ainda só de vez em quando né. Quando eu saio é com as meninas lá da escola, sempre que *dá nós sai, nós vai pro shopping, pra pizzaria, pro cinema...* mas ai tem que ser assim, eu vou a pé lá pra casa da Nanda, que fica lá perto da 97 (a quadra) sabe onde que é, né... daí a Kate encontra com nós lá, a Kate mora lá no Barragem II, e o pai da Nanda dá carona pra nós até a casa da Jade que fica lá no Jardim Brasília e depois nós sai [...] e pra voltar aqui só de moto táxi, mas as vezes eu durmo na casa da Jade e volto pra casa só no outro dia né” (Gladson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “A gente combina... quando a gente vai sair à gente combina antes... eu tenho um irmão mais velho, normalmente ele vem com a gente, aí a gente passa lá no Por do Sol buscar a Vivi, e o Jonatan e vamos pro shopping...” (Daniela, moradora do Cidade do Entorno, 16 anos)

Assim, de forma conclusiva, enquanto jovens mais velhos utilizam-se de uma relativa mobilidade para driblar as condições de vida desfavoráveis e a adesão ao mundo do crime, criando redes sociais e afinidades que não se restringem somente ao espaço

físico que habitam, os adolescentes ficam por muitas vezes confinados a realidade local, criando uma idolatria pelo bairro em que residem.

O efeito de bairro e seus desdobramentos atingem, sobretudo, os adolescentes do local. Não querendo dizer com isso que todos esses estão fadados a adentrar e prosseguir seu percurso no mundo do crime. Pois como veremos a seguir, da mesma forma que o efeito de bairro pode levar a comportamentos “negativos”, criam-se também, por esse mesmo efeito, vínculos fortes em relação à localidade, que podem ser positivamente avaliados.

Capítulo IV - Territorialização e defesa do espaço

Por “territorialização”, entende-se que o território tem de ser observado em função de suas especificidades. Para tanto, o território não é um dado fixo e imóvel, pois ele é o resultado de um processo de construção identitária, construída por diversos atores e em diversas escalas. O território é aqui um espaço vívido e simbólico.

Pierre Bourdieu (1989), defende que os fatos não são somente materiais, mas também simbólicos e estes estão ligados às práticas sociais. Para o autor, os símbolos são:

(...) instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social. (BOURDIEU, p. 10)

Para o geógrafo Milton Santos (2007), o “espaço” é o resultado do encontro e casamento entre a configuração territorial, a paisagem e a sociedade.

O espaço é a totalidade verdadeira, porque dinâmica, resultado da geografização da sociedade sobre a configuração territorial [...] podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas, como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial oferecem-nos, no transcurso histórico, espaços diferentes (SANTOS, 2007, p. 85).

Tal definição não se diferencia muito da que foi empregada por Simmel (2004), dessa vez na Sociologia, para quem o “espaço” é *locus* da mediação, entre as ações recíprocas dos indivíduos e as regras e normas preexistentes. O “espaço” é um sistema de posições e de relações de posições, tendo então uma relação direta com as interações dos indivíduos.

É partindo dos ensinamentos de Simmel que Goffman buscou, por meio de metáforas teatrais, observar como acontecem as ações individuais em um espaço dado. Para Goffman (2009), cada indivíduo é um comediante, atuando em um papel em função do espaço em que este se encontra.

A presente parte da pesquisa teve como inspiração metodológica os trabalhos etnográficos realizados e coordenados pelo antropólogo José G. C. Magnani (2012; 2004) e (MAGNANI e SOUZA, 2007 *apud* CASALECCHI, 2009). Assim, utilizando-se dos conceitos de “pedaço” e de “manchas”, o antropólogo tinha como objetivo final fazer uma

“etnografia dos espaços por onde circulam (os jovens), onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca” (MAGNANI, p. 164). Para tanto o autor busca entender os atores sociais em suas práticas com o espaço, onde este último não serve apenas de “cenário”, mas de “produto da prática social acumulada desses agentes”.

Assim, o conceito de “pedaço” faz referência ao “espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve a socialização básica mais ampla, densa, significativa e estável”; e, o conceito de “manchas” designa as “áreas contíguas do espaço urbano, permeadas por equipamentos e espaços que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante” (CASALECCHI, 2009).

Com base nesse mesmo autor, procurou-se observar o fenômeno das “galeras”, grupos que se assemelham com as “tribos urbanas” descritas por Maffesolli (1987), mas que se diferenciam no fato de que as “galeras” são grupos de jovens que, além de se reunirem em torno de interesses em comum, *a priori*, sem conotação violenta, mantêm rivalidades com demais grupos e expressam as suas diferenças marcando o seu “pedaço” (MAGNANI, 2004).

Diferentemente das “tribos urbanas” as “galeras” tendem a ser mais territorialistas, não expressando suas identidades somente por afinidades e formas de consumo, mas pela ocupação de espaços físicos.

Devemos, no entanto, diferenciar “galeras” e “ganguês” (ANDRADE, 2007), pois são duas formas de organização frequentemente assimiladas, porém entendidas, nesse trabalho, como diferentes. O sociólogo americano Sánchez-Jankowski, define as “ganguês” como organizações estruturadas, empreendimentos ilegais, que costumam se estabelecer nos *ghettos* americanos. O que difere totalmente do que são as “galeras” da sociedade brasileira.

Partindo desses autores, será feita uma análise de como o bairro Cidade do Entorno aparece como um local simbólico, com suas características e singularidades. Aqui o espaço não é mais estigmatizado, ou, do estigma territorial não se faz a definição principal. O bairro é vivido, ocupado, nele criam-se histórias de vida, relacionamentos interpessoais em

diferentes escalas, formam-se afinidades e também rivalidades. O bairro Cidade do Entorno ganha vida e os efeitos de bairro são vistos pelo seu ponto de vista positivo.

Objetiva-se aqui refutar alguns sentidos comuns frequentemente atribuídos ao município de Águas Lindas e ao bairro Cidade do Entorno. Veremos assim, o bairro Cidade do Entorno e a cidade de Águas Lindas, além da definição de “cidade dormitório”.

1 – Construção simbólica do espaço social

Mas o que representa então este bairro? Uma realidade funcional, puramente geográfica, ou um espaço vivido e simbólico? É ao focar na compreensão da percepção que os jovens do setor Cidade do Entorno tem sobre o seu bairro, sobre a cidade de Águas Lindas e, sobre o Distrito Federal que percebemos como ocorre a construção do bairro como espaço simbólico notório.

Em um primeiro tempo, procurou-se entender, de que forma o bairro Cidade do Entorno constrói-se como um espaço social simbólico em função das percepções que se constroem sobre este espaço e das relações sociais que nele se criam.

1.1 – Espaço de sonhos, espaço de lutas

Águas Lindas, mesmo tratando-se de um município relativamente novo, e aonde, ainda, o fluxo de idas e vindas de sua população é grande, constatou-se que, uma parcela importante dos jovens pesquisados vive na região desde o nascimento, ou pelo menos, desde a infância.

Assim, para a maioria de seus habitantes, o município é tido como um espaço de construção de sonhos, de possibilidades de melhoria de vida, e de maiores perspectivas para como muitos dizem “ser alguém na vida”.

Ademais, seja por vínculos sociais primários, de ordem familiar, ou por vínculos sociais secundários, como as amizades, a convivialidade, a prática da vizinhança e demais formas de criação de vínculo afetivo, os jovens - tanto mais crianças e adolescentes - mantêm fortes laços com o bairro e não querem se desvincular. Como testemunham diversas falas:

- “Gosto de Águas Lindas pelo fato de que eu tenha crescido aqui, e pelo fato dos meus amigos morarem aqui também, tem coisa que falta sim, como lazer e segurança, mas eu me

relaciono com todos aqui, conheço todo mundo da minha rua e isso é legal, até os que mexe com coisa errada eles me respeita, até porque eu sou jovem e eu sou mulher, aí eles me protegem mais.” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

- “Eu não pretendo voltar pra Goiânia não... logo que eu vim aqui, três anos atrás eu não gostava não. Achava a cidade feia, não tinha nada pra fazer... isso porque lá em Goiânia eu era de sair muito né... mas achei que eu também mudei, to mais velho (risos), to mais na minha... tenho minha família, meus amigos, minha Igreja... sinto falta da minha mãe que ficou em Goiânia só... mas eu não moro mais lá não” (Samuel, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Tem muita gente que fica aqui na cidade porque tem esperança que Águas Lindas vai crescer né... e tá crescendo né... até que já tem um shopping, as lojas tão crescendo, daqui a pouco aqui o Jardim Brasília vai ser um comércio grande da cidade.” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Mais tarde eu me vejo morando aqui sim, ter minha família, meu trabalho... eu gosto daqui, eu nasci aqui e todo mundo que conheço é daqui. Falam de Brasília sempre, mas aqui a cidade tá crescendo e ficando cada vez melhor de ano em ano, só tá precisando melhorar mesmo a segurança né, e também abrir mais empresas para jovem aprendiz que querem crescer na vida” (Karolina, moradora do Jardim Barragem II, 17 anos)

Nessa perspectiva a localidade é construída e vista por seus habitantes, sobretudo os que aí cresceram, como um local de enraizamento e um território a ser defendido e valorizado.

- “Quando eu crescer eu quero morar em outro lugar sim..., queria morar lá onde trabalha meu pai, é lá na W3 norte... nunca fui lá... mas eu ia sentir falta daqui. Tem 13 anos que eu moro aqui né, todos meus amigos, meus vizinho e parentes são daqui.” (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos)

- “Não gosto dessas pessoas que chega e só fala mal da cidade, critica sempre, mas também não faz nada para mudar. Eu vejo Águas Lindas como uma oportunidade, para muitos aqui é longe de tudo, mas eu não acho. Aqui eu tô perto da cidade grande, vou poder fazer um

curso, estudar, ter um trabalho legal, coisa que eu não tinha onde eu morava antes.” (Ricardo, morador do Bosque, 17 anos)

Há de se destacar que existe uma confluência de fluxos migratórios para região. Como vimos no capítulo 1, bem que exista um importante fluxo migratório, para Águas Lindas, de pessoas oriundas do DF, há também um não menos importante fluxo migratório resultante do êxodo rural, qual seja, populações oriundas de áreas rurais, sobretudo do Nordeste brasileiro, que vem para a região em busca de condições melhores de vida.

Assim, enquanto para os que vêm de áreas urbanas, mais desenvolvidas, como as que existem no DF, vir para Águas Lindas pode ser sentido como um “retrocesso”; para as populações migrantes oriundas de áreas rurais, mais isoladas e pobres, Águas Lindas e sua relativa proximidade do DF, significa uma oportunidade de melhores condições de vida e de crescimento em relação aos estudos, por exemplo, como testemunharam algumas falas:

- “Lá onde eu morava antes (Tocantins) não tinha como crescer, assim só se você quiser trabalhar na roça e eu e meus irmãos a gente não queria isso né, e assim não dá muito lucro pra viver hoje em dia. E eu sempre quis fazer um curso... eu quero entrar no exército... arranjar um bom emprego, e lá onde eu morava não tinha isso, era uma cidade pequena, pacata, não tinha oportunidades pra gente crescer, então minha mãe conversou com meu tio, meu tio morava aqui, aí minha mãe aceitou e viemos para cá.” (Ricardo, morador do Bosque, 17 anos)

- “Sim professor, eu adoro morar aqui (em Águas Lindas), faz só um ano e meio que eu tô aqui..., antes eu morava no interior de Minas, lá sim era longe de tudo. Aqui parece que é longe mas né não, primeiro porque a cidade tem quase tudo e segundo porque Brasília nem é tão longe... eu acho..” (trecho de uma conversa em sala de aula, aluna Ivonete, 18 anos)

1.2 – Espaço relacional: pertencimento e interconhecimento

O bairro Cidade do Entorno e seus bairros vizinhos são por muitos de seus jovens habitantes vistos como espaços de pertencimento e de interconhecimento. Por interconhecimento, considera-se que existem relações de solidariedade entre os vizinhos que fortalecem justamente a construção de um sentimento de pertencimento em relação ao

local em que se reside e as pessoas com quem se convive. Defende-se, por exemplo, por muitos jovens da localidade, o caráter positivo da população local:

-“O povo aqui é humilde, mesmo tendo dificuldades de emprego, poucas oportunidades de lazer, e uma educação de pouca qualidade... os jovens correm atrás das oportunidades, para não ficarem reféns dessa situação” (Gisele, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

- “Eu gosto daqui do jeito que é, apesar dos apesares. As pessoas são batalhadoras. Elas sabem dos problemas, mas mesmo assim tentam sempre melhorar a cidade, fazer ela crescer.” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

O bairro Cidade do Entorno pode ser visto como um espaço relacional de interconhecimento, pois os jovens sentem-se crescendo em um meio conhecido.

- “O bom no entorno (o bairro) é que eu conheço muita gente, aí eu me sinto protegida quando eu ando por aqui” (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Teve aquela vez que eu desci pra quadra de esportes que fica entre o Cidade do Entorno e o Pinheiro 1. Eu fui sozinho porque a Karolina me deu bolo, e era tipo assim essa hora (eram 17h40)... eu fui com minha bola de basquete né, aí eu jogando e vi que tinha um menino meio que me encarando feio... quando ele veio na minha direção eu já pensei: “pronto ele vai querer minha bola”, aí de longe eu vi aquele menino da minha turma, o L., acenei pra ele e ele pra mim e o outro moleque me deixou em paz (risos), até jogamos bola juntos.” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

Em suma, vimos que o bairro Cidade do Entorno constitui-se como espaço simbólico, carregado de significações, e onde se constroem sentimentos de pertencimento e de interconhecimento, que estes servem de proteção contra os estigmas atrelados ao local e impostos aos seus habitantes, sobretudo os jovens.

1.3 – O espaço investido

Tornou-se então necessária uma aproximação maior dessas “galeras” juvenis buscando entender como esses jovens circulam, apropriam-se e deixam suas “marcas” nesses “pedaços” (MAGNANI, 2004).

Saliento, de forma introdutória, que apesar dos problemas presentes no bairro Cidade do Entorno, a criançada ocupa as ruas. A falta de locais destinados para se jogar bola, queimada ou demais atividades lúdicas e esportivas, não impede que os becos, ruas, ou esquinas sejam investidos e transformados, pelo menos momentaneamente, para tanto.

Considerando a quase inexistência de áreas destinadas ao lazer e ao encontro no bairro Cidade do Entorno, vimos que tanto as ruas como os becos constituem-se como espaços de trocas intensas, nos quais os jovens e as crianças do setor reúnem-se para brincar, conversar, compartilhar afinidades, namorar ou “ficar de boa”.

Alguns espaços, no entanto, são mais territorializados, demarcados e reivindicados por certas galeras, passando a adquirir fronteiras invisíveis, circunscrições imaginárias e sendo disputados entre grupos rivais. Essas rivalidades serão mais explicitamente analisadas a seguir.

Os demais becos do bairro Cidade do Entorno, também aparecem como espaços para a socialização desses jovens e para inserção em uma cultura de rua. O território por consequente aparece como forte elemento de suas construções identitárias e sociabilidades diversas. Esse espaço, ora privado por ser um lote desocupado, ora por consequente público por esta mesma razão, acaba tornando mais uma vez privado, pois ocupado. Circunscrito em uma “região moral” no sentido dado por Park (2004), e com usos diferentes em função da hora do dia.

Um local específico aparece no setor Cidade do Entorno com uma aparente organização invisível e também como um espaço reinventado. Trata-se de um terreno desocupado a cerca de 200 metros do Colégio e que se situa por entre ruas residenciais (figura 6). Surgem nesse espaço ações territorializadas, em função de identidades distintas. Assim, diversas “galeras” disputam pelo uso desse espaço, como por exemplo, os rockeiros e os funkeiros.

Figura 6 - Espaço investido. Point das galeras



É nesses espaços que estes jovens passam a maioria de seu tempo fora da escola e por falta de lugares destinados a práticas culturais cotidianos terminam por reinventar os espaços. Fazendo de Águas Lindas tudo, menos uma “cidade-dormitório”, pelo menos na perspectiva de sua população jovem.

2- Cultura de rua e *ethos* adolescente

Cabe a esta parte analisar como se constrói esta cultura de rua adolescente, e quais são os seus principais pilares e características.

Vimos anteriormente que por conta de uma mobilidade física e espacial relativamente reduzida, os adolescentes tornam-se mais confinados ao bairro Cidade do Entorno, e em consequência, são eles que tendem a desenvolver uma ligação maior com os espaços físicos e a formar os espaços simbólicos da localidade.

3.1 - “Galeras” do Cidade do Entorno

Em meio a uma densa proporção do efeito de bairro aliada a uma forte cultura territorialista, certas galeras formam-se mais em função da localidade do que em função de afinidades, origem social ou religião.

Na localidade pesquisada, mostrou-se assim a existência da “gangue”²³ FGE - Facção Guerreiros do Entorno, formada por jovens moradores do bairro Cidade do

²³ Bem que diferenciando os termos “gangue” e “galera”, optou aqui por empregar o termo que eles mesmos usam ao falar dessa “galera”.

Entorno. A *FGE* tem como principal rival a gangue dos pichadores do bairro Jardim Brasília, que assina por *AS – Assinatura Fantasma*. Essas observações preliminares só vieram a ganhar sentido após uma entrevista que foi realizada, coincidentemente junto a um aluno do CEPF, que em um passado próximo foi integrante de uma dessas “galeras de pichadores”.

As pichações podem ser vistas em vários pontos de Águas Lindas e também em vários locais do bairro Cidade do Entorno. Inúmeras, aliás, encontram-se nos muros externos e paredes internas do CEPF.

Ao entrevistar o Wilson, ex-integrante da *FGE*, este me relatou como os adolescentes são atraídos para entrar nessas “gangues”.

Wilson - Eu só fui perceber isso já crescido, mais maduro, depois de ter saído dessa, porque quando eu era moleque eu nem sacava isso não. A lógica de aliciamento deles sabe. Assim, eu tinha uns 14 anos, tinha um cara que morava na minha rua, ele era pichador, conhecido na cidade [...] aí, um dia, depois da aula eu tava voltando pra casa, e tem um dos meninos da rua quem vem falar comigo e me diz que o Tubarão, que era o apelido do cara né, tava me procurando e queria falar comigo. Daí eu fui lá conversar com ele né, e ele veio com aquele papo de eu entrar pra gangue dele sabe, e disse que assim eu ia ficar conhecido na cidade e que as pessoas ia me respeitar. Na época, como eu nem tinha nada pra fazer mesmo eu me juntei com eles, só depois que eu fui parar pra pensar que na real eles fazem isso é pra que a gente compre os sprays para eles *mandaram* nossas *assinaturas*. Cada um tinha o seu nome, a sua assinatura né [...] eu fiquei até meio conhecido na cidade... [...] eu fiquei nessa gangue uns 2 anos, eu saí porque começou a dar problema... porque assim, eu fazia isso meio que escondido sabe, meus dois irmãos mais novos não sabiam... mas eles ficaram sabendo e se juntaram com a gente...

Yacine - E além de pichações, quais eram as atividades da gangue?

Wilson - A gente tinha umas reuniões assim, pra combinar as próximas pichações, onde seria, juntar dinheiro, essas coisas...

Yacine - E a questão das drogas...

Wilson - É tinha isso também, no início eu não queria né, quanto mais depois que meus irmãos entraram, porque assim, eu queria dar o exemplo pra eles, não fazer a coisa errada... mas aconteceu, eu usei, eles usaram... por um tempo só...

Yacine - Que drogas vocês usavam?

Wilson - Era mais maconha mesmo... tem uns que usava outras coisas, tipo cocaína... eu e meus irmãos, que eu saiba, não.

Yacine - E como vocês afirmavam a territorialidade, ou seja, como você afirmavam que era a gangue do entorno, contra a gangue do jardim Brasília?

Wilson - Não era bem assim... no início... não tinha briga saca... era mais por diversão mesmo... [...] ai eu acabei saindo porque com meus irmãos usando drogas, meus pais meio que perderam o controle, brigavam muito e iam se separar... ai eu pensei, só deixando a família em paz pra eles ficarem bem de novo... e funcionou...”

(Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

A falta de opção de lazer tende a aproximar esses adolescentes do mundo das drogas. Não sendo o principal fator responsável, mas reforçando o aliciamento praticado por demais habitantes da região, como ainda testemunha Wilson:

- “No começo foi assim, mais pra brincar né, mas ai eu acabei por me *desencaminhar*... ai fiquei uns que uns dois anos mexendo com pichação, mexendo um pouco com droga também...” (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

- “Eu andava com os meninos, a gente se chamava de *be-boys*, porque a gente curtia dançar break, street dance tendeu, ai tinha uns assim, mais da barra pesada, eu provei umas coisas tipo lança perfume, maconha... eu era menino, eu tinha assim, 14 pra 15 anos, queria chamar atenção dos amigos, ser legal... acho que você me entende... sempre sabia que isso era errado... eu errei... mas parei. Agora nunca mais. E sempre falo pra meu irmão mais novo nunca cair nessa que é perigoso demais... não era ruim” (Samuel, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Hoje eu vejo que os mesmos meninos que começaram na gangue comigo e continuam lá já fizeram muita coisa errada, pior que usar drogas... já roubaram, furtaram, mataram... mais assim no início, vamos assim dizer, eram pessoas de bem né... eram meninos... alguns saíram, outros ficaram e se deram mal, caíram pra bandidagem”. (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

3.2 – Características do *ethos* adolescente

Ao se falar de *ethos adolescente*, considera-se a maneira de “ser” e de “se comportar” característica dessa faixa etária.

Ao indagar os adolescentes sobre a imagem veiculada sobre a cidade, embora apareça ainda com frequência a ideia de cidade violenta, o setor é, sobretudo, um lugar de moradia e de criação de lembranças e de amizades. O bairro significa então a própria identidade deles.

- “Oxe, eu brinco com meus vizinhos sim. A gente brinca de queimada, joga bola na rua, anda pela vizinhança e fica olhando as novinhas (risos)” (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos)

- “Eu gosto de jogar bola, de soltar pipa, de brincar de pique-pegas... tudo isso na rua com os meus vizinhos” (João, morador do Cidade do Entorno, 14 anos)

Outra característica que sobressai é a presença importante de meninas, crianças, ocupando as ruas. Presença essa que contrasta com a presença menos marcante, quase nula de adolescentes meninas nas ruas. A “masculinização” na ocupação na rua ganha força a partir dos 13 ou 14 anos, as meninas, tornando-se adolescentes deixam de frequentar, não somente a rua, mas os meninos também.

Mostrou-se interessante também o processo de “ruptura”, por vezes forçado, que os jovens se impõem no período (impreciso) entre a adolescência, e a vida adulta. Como testemunham as falas a seguir:

- “Quando eu era mais criança eu aprontava muito! Tinha a minha amiga Bianca que morava também aqui no Cidade do Entorno né, depois ela voltou lá pro Maranhão. *Nós matava* aula o dia todo, eu ficava lá na casa dela brincando, ficava no Orkut na época ou jogando no computador.” (Gladson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Minha mãe diz que quando eu era criança eu era o capeta. Eu aprontava muito, vivia brincando na rua com os meninos da vizinhança. A gente jogava bola, soltava pipa, bola de gude, tocava na casa do vizinho e corria... ai eu aproveitava, já que eu era menina e eu era assim bem pequena, ninguém achava que era eu né, ai a vizinha abria a porta e perguntava quem foi, ai eu falava pra ela que o menino tinha corrido para aquele lado, e era o lado errado né, ai ela ia correndo atrás e eu ria demais, nossa, era muito bom [...] eu fazia isso até os 6, 7 anos, depois tive que crescer né, tinha meu irmão pequeno ai eu tinha que ajudar minha mãe a cuidar da casa” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

3 – Entre afinidades e rivalidades: música e religião

Além da “gangue do bairro” Cidade do Entorno, destacaram-se demais galeras na localidade. A seguir, duas delas serão apresentadas, assim como será explicado como estas se formam, sociabilizam, apropriam-se dos espaços disponíveis e rivalizam entre elas.

3.1 - Rockeiros x Funkeiros

As afinidades/rivalidades criam-se também em função dos diversos estilos musicais, dois estilos predominantes foram observados no bairro pesquisado: os “roqueiros” e os “funkeiros”.

Ambos relatam sofrer discriminações e críticas por parte dos demais habitantes de Águas Lindas. Assim, os “roqueiros” queixam-se de serem rotulados de “satanistas”, “sujos”, “fedidos” e “ateus”; os “funkeiros” reclamam por serem taxados de “piriguete”, “maloqueiro”, “vulgares” e “ignorantes”.

As críticas trocam-se também entre eles, assim, os “garotos do funk”, criticam, por exemplo, o fato das “garotas do rock” somente usarem calças e roupas pretas, pois: “parece que elas se vestem feito macho, eu gosto é de menina de shortinho, de mini saia... da mais tesão né! (risos)”. Para a galera do funk, os roqueiros e as roqueiras são sinônimo de “sujeira” e assimilados ao “capeta”. Já a “galera do rock” critica na “galera do funk” as músicas “sem conteúdo”, e de cunho “vulgar”, “a submissão da mulher” e a “apologia a bandidagem”.

Entre ataques e trocas de farpas, persiste a defesa de cada estilo musical. Os roqueiros defendem o rock como um estilo musical clássico, de origem estrangeira e “que conquistou o Brasil”, “auxiliando o país no desenvolvimento da democracia”. Para os funkeiros, o funk aparece como o “som da periferia”, a “voz dos excluídos”, um “rap para dançar e para paquerar”.

Quanto à ocupação do espaço físico do bairro Cidade do Entorno, ela é motivo de disputa entre essas duas galeras, no que diz respeito ao espaço descrito acima que se encontra próximo ao CEPF.

Apesar das diferenças, percebeu-se um forte ponto em comum, entre essas duas galeras, no que diz respeito a crescente adesão aos rocks e funks gospéis. O estilo gospel

aparecendo como uma forma de “sacralização” da caricatura feita em relação a cada estilo musical.

3.2 - Católicos X Evangélicos

Entre as afinidades e rivalidades formam-se também dois grandes grupos que ora se opõem, ora se apoiam: os católicos e os evangélicos.

Deve-se destacar que tal rivalidade ultrapassa o universo dos jovens. Os embates entre evangélicos e católicos ocorrem entre os adultos de Águas Lindas, chegando até mesmo a provocar debates fervorosos entre os representantes de cada uma dessas comunidades religiosas.

Assim ao longo do ano de 2013, ocorreu um longo debate sobre a presença da “santa” que se encontra em frente ao principal bairro do município, o Jardim Brasília. A legitimidade da santa, padroeira da cidade, provocou manifestações populares pedindo para que ela seja retirada, a pedido de pastores protestantes influentes na localidade.

Tal debate fervoroso opondo católicos e protestantes influencia também os jovens e os adolescentes do município. Criam-se no interior do colégio rivalidades, “galeras” distintas.

Durante o trabalho de campo, tentou-se uma aproximação entre um grupo de 6 meninas, declaradamente católicas e outro grupo de 4 amigas, essas fervorosas evangélicas. Propôs-se que elas se juntassem para apresentar as suas crenças, separadamente e após essa etapa juntas, mostrando as divergências de opiniões, mas também apontando os pontos comuns. Embora elas tenham aceitado a proposta em princípio, tal apresentação não aconteceu. Como desculpa foi utilizado “elas não entendem o que digo”, e “elas querem me convencer a acreditar no Deus dela, mas o meu é diferente”.

Percebe-se que, muitas vezes, ao incorporar o *ethos* religioso, certos jovens terminam por limitar suas interações somente junto aos seguidores da mesma Igreja.

- “Minha família toda vai muito a igreja né. Meu pai é pastor, minha mãe também. Eu sou quase que o porteiro da Igreja, todo dia quando dá um tempinho eu vou lá. Meu irmão

também, só o menor que não vai tanto mas meu pai briga com ele, daí ele vai mais. Eu vou porque eu gosto mesmo, eu me sinto bem lá na Igreja, desde pequeno é assim.” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Lá na Igreja eu tenho uma célula [...] é tipo um grupo de discussão semanal, a gente se reúne para conversar, são adolescentes assim... de 13 anos para cima, até uns 16 anos. Ai eu já falo para eles, que nós tem mais que influenciar as pessoas do que ser influenciados né. Senão os que tem más influências leva a gente pelo mau caminho.” (João Pedro, morador do Cidade do Entorno, 15 anos)

- “Na Igreja da gente tem tipo uma escola dominical né, mas mais com brincadeira, nós sai com as crianças, tira um pouco *as criança* da rua né, no sábado... é uma vez ao mês mais ou menos. Vai eu e meus amigos da Igreja, às vez a Karolina vem também. É lá na Igreja, é pequena mas entra todo mundo. A gente incentiva as crianças a vir mais para Igreja, ficar mais próximo sabe... eu gosto muito de fazer isso. E é aberto para qualquer criança, não só as da Igreja não.” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Namorar como muitos fazem eu acho errado, só se for para casar depois. A gente tem que encontrar uma pessoa para vida toda né, e fazer assim tudo com ela, mas tem que ir se conhecendo... sem fazer aquilo... mas se conhecendo assim, conversando sabe... mas eu já tive assim, uma *cortejante* né?”

- Cortejante? O que é isso Samuel?

- Ah é assim, é como uma namorada mas a gente não vai certas coisas... porque a gente sabe que é errado... tipo... a gente não beija, não se toca muito... porque senão dá vontade né... dá... você sabe... (risos) e isso é errado antes do casamento.” (Samuel, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

Capítulo V – Mundos e sociabilidades juvenis

Para Becker, os “mundos sociais” são compostos por pessoas que agindo juntas, em diferentes graus de comprometimento, produzem realidades que também as definem. Em cada “mundo” as pessoas presentes não agem de forma automática, dirigidas por forças externas, mas estão conscientes da existência de demais pessoas ao seu redor, e dessa forma ajustam os seus comportamentos de forma a que eles convenham aos outros em determinadas situações (BECKER, 1988).

1 – O mundo da escola

O ambiente escolar também pode ser observado como um meio social onde se desenvolvem diversas formas de sociabilidades juvenis. Neste mundo, os jovens evoluem e interagem com seus pares e com adultos. É também nesse meio social, o primeiro após o ambiente familiar, que os jovens, crianças e adolescentes, convivem em um espaço onde existem regras, responsabilidades, recompensas e preparação para planos futuros.

Assim, pareceu interessante entender em que a escola, no caso o CEPF, torna-se um fator socializante no cotidiano da juventude do bairro Cidade do Entorno. Inserido espacialmente no bairro observado, coube a pesquisa compreender até que ponto o mundo da escola insere-se também na dinâmica do bairro.

Breve descrição do espaço físico

O CEPF, o qual serviu de “quartel general” desta pesquisa, encontra-se no extremo norte do bairro Cidade do Entorno e na divisa com os bairros Jardim Barragem e Jardim Brasília. Este colégio público é de responsabilidade do Estado de Goiás e, ele existe neste local desde 1997.

Figura 7 - Fachada de entrada do CEPF



Quanto a sua estrutura física, são 14 salas de aulas, de diferentes dimensões. Há também espaço destinado à atividade física e uma pequena sala utilizada como biblioteca. Mais à frente, um pátio coberto e logo adiante a cozinha onde eram preparadas as refeições distribuídas ao conjunto dos alunos diariamente. Sob a cobertura do pátio e de frente para a cozinha, encontrava-se um banco utilizado pelos alunos entre uma aula e outra. Foi neste local que muitas conversas aconteceram e foram feitos contatos com os alunos.

Figura 8 - Vista interna do CEPF. Pichações nos muros



O muro que contorna o Colégio tem cerca de 3 metros e meio de altura, o que não impedia, no entanto, de ver com certa frequência, alunos que entravam ou saíam do Colégio fora do horário regulamentar. Ao redor do Colégio, na parte externa, uma construção de um lado, ruas residenciais de outro, e o começo de uma grande Avenida comercial do outro.

Quanto a sua frequência, a grande maioria dos alunos declarava residir no bairro Cidade do Entorno, e outra parcela, não menos importante, nos bairros limítrofes, sobretudo, o Jardim Brasília, o Jardim Barragem e o Jardim Pinheiros 1.

No que diz respeito ao funcionamento do Colégio, as aulas eram ministradas em quatro turnos diários, e sem aulas aos fins-de-semana. Quando dei entrada no Colégio, me foi informado o início da implantação do sistema de Colégio Integral, mas por conta da mudança de direção nesse meio tempo, a adequação ao sistema integral de aulas não foi realizada.

Por utilizar-se de quatro turnos diários, supõe-se que os turnos eram mais curtos do que em um sistema escolar padrão. Cada turno contava então com quatro aulas de 50 minutos cada, sem intervalo entre as aulas. Isto tanto para alunos do 6º ano do Ensino Médio quanto para os alunos do 3º ano do segundo grau. O primeiro turno, o “matutino”, iniciava-se às 7h30 e terminava às 10h50. Logo após começava o segundo turno, o “intermediário”, este reservado exclusivamente para alunos dos 6º, 7º, 8º anos. No início da tarde, próximo as 15h00 iniciavam-se as aulas do terceiro turno diário, o “vespertino”, neste não havia mais alunos do 6º ano, mas cerca de duas turmas para cada ano subsequente. O turno “vespertino” chegava ao fim perto das 19h, e então se iniciava o turno “noturno”, o mais curto dele, pois terminava às 22h00, até mesmo por medida de segurança.

No turno “noturno”, não existiam turmas do 6º ano, seu público era essencialmente formado por adultos ou jovens adultos, muitos que por vezes vinham às aulas em companhia de seus. Observa-se, claramente, que nas aulas do turno “noturno”, também muito menos abarrotadas de alunos (mas contraditoriamente com as listas de presença mais longas) o perfil tipo dos alunos era bem diferente do perfil dos alunos do “matutino” e do “vespertino”, isso se observamos as últimas turmas do ensino médio, principalmente.

1.1 Espaço de socialização

Refletiu-se, durante a pesquisa, sobre o papel que o mundo escolar exerce sobre as trajetórias de vida dos jovens do bairro Cidade do Entorno. Até que ponto, e, sob que forma, seria o CEPF um fator socializante no cotidiano da juventude local?

Embora fatos violentos ocorram dentro dos muros da escola e em seus arredores, predomina no Colégio a imagem de um espaço de socialização e no qual diferentes sociabilidades ocorrem.

A escola pode ser vista como portadora de socialização em três ordens. Primeiro em relação à rede de contatos e de amizades que os jovens constroem dentro do universo escolar; segundo no que diz respeito a relação de proximidade construída entre os alunos e os professores e demais funcionários do colégio; e em terceiro e por último observou-se que o CEPF está não somente espacial mas socialmente vinculado ao bairro Cidade do Entorno.

Ficou claro, durante as aulas ministradas, mas, sobretudo ao analisar as falas recolhidas no momento das entrevistas, que muitas das amizades dos jovens começam no mundo da escola. Nesse meio social, múltiplas afinidades e rivalidades se criam, e se mantêm para além dos muros da escola. Como testemunham as falas a seguir:

- “Eu e as meninas *nós se conheceu* quando eu *tava* no primeiro ano. Sempre é assim, eu e elas, sempre juntos, e assim, elas me ajudaram muito, principalmente a Nanda né, porque assim, antes eu era *muito jogado* né, assim eu era desleixado, não gostava de estudar, ai a Nanda me puxou pro grupo ai eu comecei a estudar mais né, elas sempre que era trabalho em grupo elas me chamava ai isso foi me incentivando sabe” (Gladson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “É, meus amigos é eu a Karolina e o Carlos... porque *nós estuda* juntos desde... deixa eu ver, desde a 8ª serie eu acho... a Karolina começou porque ela era vizinha da Igreja... ela não vinha muito pra Igreja não, mas nós se encontrava lá, jogava baralho, catava manga no pé de manga que tinha lá. Ai ficamos assim bem amigos, e quando ela reprovou a oitava serie é que ficamos na mesma turma. O Carlos tem o mesmo tempo né, ai é diferente, a gente joga basquete, anda de bicicleta, vai ao cinema... essas coisas” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Temos um grupo de dança, dançamos funk nas festas onde chama a gente e tudo [...] somos as *pituxinhas*, eu, a Dani, a Vanessa, a Erika e a Eliana. Todas lá da turma né. A ideia veio na escola mesmo, porque um dia teve uma apresentação, vai na semana cultural do ano passado, ai a gente se juntou e formou o grupinho...” (Viviane, moradora do Condomínio Por do Sol, 14 anos)

Percebeu-se também, com base em todo material recolhido em campo e nas falas reproduzidas pelos entrevistados, a relação de proximidade que se cria entre os alunos e os professores. Cabe destacar que para alguns alunos, o professor acaba sendo o primeiro e único adulto frente a quem os alunos devem “mostrar respeito”, além dos seus pais e familiares.

“Eu adoro quase todos professores daqui, uns mais claro, assim o Serginho, a Michelle, e o Felipe são os mais legais eu acho... são mais novos... gostam de se dedicar a dar aula... tem também a professora Bia, a de biologia... ela é um amor de pessoa... mas meu preferido é o Serginho mesmo... pena que ele não deu aula pra gente esse ano mais... ele é o que mais se preocupa com os alunos... foi ele que me deu vontade de fazer sociologia, ai depois veio você (risos)” (Giselle, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

“Eu sempre converso bem com os professores, tem uns chatos, mas outros legais assim, legal de conversar né. “(Gladson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

Outros professores, por serem “filhos do Entorno”, e por conseqüente terem tido condições semelhantes de vida em relação aos alunos surgem como “modelos a serem seguidos”. Representam aos olhos dos alunos o ideal a ser alcançável. Ideal que passa a ser possível de atingir uma vez que este professor conseguiu “chegar lá”.

“É legal assim, porque tem muitos professores que são aqui do Entorno né. Aí assim, a gente acabada que se espelha neles, tipo se ele pode fazer faculdade, e ser professor da gente então eu também posso. O bom também é que acaba que eles são mais humilde, olha o Serginho, por exemplo, ele tem dois trabalhos e continua dando aula pra gente lá, porque ele que sabe que é difícil, mais difícil pra gente chegar lá. Ele poderia ter virado as costas, fugir do bairro mas não... até assim com família e dois trabalhos ele é um super professor pragente... se ele sair todo mundo vai sentir muita falta” (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

Por último, percebeu-se que o Colégio aparece como parte integrante e primordial da dinâmica do bairro Cidade do Entorno. Existe um elo forte de integração entre o bairro e a escola, e entre o mundo da escola e a comunidade local.

Voltemos então ao caso apresentado no capítulo 3 desta dissertação, que diz respeito a aluna do CEPF que foi agredida sexualmente por colegas de turma. Independente do sensacionalismo promovido pela mídia a cerca do caso, evidenciou-se o forte elo existente entre a comunidade local e o mundo da escola.

Nos dias que seguiram a agressão sexual, e a intervenção estatal no Colégio com interdição das atividades escolares por 4 dias, a comunidade do bairro Cidade do Entorno, e territórios vizinhos, criticando e questionando veemente a pouca reação por parte da direção escolar frente ao caso polêmico, conseguiu por meio de abaixo assinado, a organização de uma reunião extraordinária entre pais de alunos e professores visando esclarecer o ocorrido, assim como demais problemas recorrentes. Evidenciando assim, o forte vínculo existente entre o colégio e a comunidade do bairro Cidade do Entorno.

Outro evento que mostrou o papel preponderante da escola para o bairro e seu entorno, ocorreu ao final do ano escolar, negando a falsa impressão que o senso comum tem sobre a “demissão parental” frente à escolarização dos filhos em espaços de desorganização social, fortemente atingidos por diversos estigmas negativos.

Em síntese, o CEPF, embora seja sujeito de inúmeras queixas, apresentadas pelos professores, para alunos e pais destes representa um espaço democrático, de encontro e de presença estatal na vida dessas famílias. O papel de professor é amplamente respeitado pelo conjunto da comunidade, tanto pelos pais de alunos como pelos próprios alunos, salvo algumas exceções pontuais.

O fato de muitos professores terem sido alunos do mesmo colégio, e hoje lecionarem, reforça mais ainda essa ideia. O colégio é visto como um local em que existe a oportunidade de se criar uma condição de melhor futuro. O clima interno é amistoso e convival, e apesar do grande número de alunos e de funcionários, além do forte *turn-over* de professores, existe certa coesão em se manter e valorizar aquele local.

1.2 – Violência(s) na escola

Outra observação importante pôde ser feita durante a pesquisa no que diz respeito à relação que se constrói entre os jovens do bairro Cidade do Entorno e o mundo da escola.

Além de um espaço de socialização, o CEPF aparece também como o *locus* de reprodução e legitimação de diversas violências simbólicas.

Em um primeiro ponto, cabe destacar que é elevado o número de alunos que estabelece uma “relação utilitária ou instrumental” (BEAUD, 2003, p. 26) de sua de sua escolaridade. Por utilitária e instrumental considera-se, partindo das observações feitas por Beaud, que a passagem pelo meio escolar é um “mal necessário” para conseguir um certificado de conclusão do ensino médio e assim poder esperar ter uma carreira pelo menos melhor do que a dos pais desses alunos.

O segundo ponto, vai à direção da análise feita por Bourdieu e Passeron (1970), na qual a escola aparece então como reprodutora e legitimadora da violência simbólica, a partir do momento em que, o conteúdo programático lhes é imposto de forma obrigatória e, frente a essa imposição forçada, os que se sentem mais distantes da cultura dominante tendem a rejeitar tais conhecimentos.

Tal relação evidencia-se ao analisarmos as falas proferidas no que diz respeito à vontade de seguir os estudos universitários e a baixa autoestima que os faz não se sentir “a altura” para chegar até lá, adicionando à necessidade que teriam em trabalhar para financiar uma faculdade particular.

“Claro que eu quero fazer faculdade... mas faculdade é coisa de rico né. Vai me dizer que você tem muitos colegas pobres lá na UnB?” (Richard, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

A Universidade de Brasília- UnB aparece por sinal em muitos discursos como um local ideal, mas um ideal quase impossível. Notou-se isso, tanto por partes dos alunos, quanto por parte de um número importante de professores. Muitos desses questionavam com certa rispidez o motivo de eu estar trabalhando lá.

“- Ah, você estuda na UnB? Nada rico você hein?! Aposto que você não mora em Águas Lindas... ou mora? Como você veio parar aqui?!”

- Sim, eu estou morando aqui.

- Mas você não é daqui. Dá pra ver. Quem é daqui pega ônibus todo dia, e quem é daqui não estuda na UnB não. UnB é faculdade pública, mas só para filhinho de papai.” (Janete, professora no CEPF e moradora do Setor 10, 21 anos)

Cria-se, no entanto outra forma de relação utilitária dos estudos, dessa vez no que diz respeito aos cursos profissionalizantes que se assemelham a cursos universitários, porém técnicos. O que não aparece de forma tão evidente é que tais cursos profissionalizantes terminam por limitar esses jovens a escolher somente áreas relacionadas aos serviços. É em sua maioria cursos de informática básica, manicure, pedicure, cabeleireira, massoterapeuta, panificação, mecânica básica, entre outros, ou seja, cursos que direcionam tais jovens ao exercício de profissões, embora melhores remuneradas do que exercidas por seus pais, mas aquém do desejo primeiro da maioria desses jovens.

- “Eu sempre quis trabalhar na área de saúde. Quando eu era menor eu queria ser médica. Depois mais adolescente eu queria ser perita criminal, acho muito legal isso, vejo muito na TV, sabe aquelas pessoas que analisam quem cometeu os assassinatos, que segue as provas, que faz os testes de ADN... mas eu não sei, é difícil fazer faculdade de medicina. Eu vou ter que começar a trabalhar para pagar o cursinho e quem sabe depois a faculdade... se eu não ficar velha demais para isso... por enquanto é assim, depois que terminar a escola eu quero fazer um curso profissionalizante em enfermagem... já fiz o de informática... ai vamos ver.”
(Jéssika, morador do Jardim Barragem IV, 16 anos)

2 - Valores do Trabalho

O *ethos* relacionado ao trabalho também foi interessante a ser analisado e apareceu com frequência nas falas dos jovens aqui observados.

O ato de trabalhar é valorizado pela maioria dos jovens com os quais se interagiu durante o trabalho de campo, e muitos deles, embora relativamente novos, já passaram por experiências diversas de trabalhos:

- “Eu gosto de trabalhar. É cansada, mas assim eu me sinto mais homem sabe? Eu fiquei muito mais responsável depois que eu comecei a trabalhar. Antes era muito... infantilidades. Hoje eu sou adulto não posso mais levar a vida na brincadeira.” (Alex, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

- “Nossa eu já trabalhei de tanta coisa... eu já fui babá, já vendi CD pirata na rua, já vendi biscoito lá na rodoviária de Brasília, mas isso era mais pra igreja né... já fiz faxina na casa dos outros também, assim, junto com minha mãe né, já que ela é diarista... já cuidei de

cachorro também... um monte de coisas... panfletei também... e já trabalhei em loja de roupa também, mas isso não faço nunca mais” (Jéssika, morador do Jardim Barragem IV, 16 anos)

- “A melhor coisa que me aconteceu foi ter entrado por exército... é uma oportunidade né... vou poder ver minha mãe e minha família orgulhosos de mim e um dia poder ajudar meus pais quando eles ficarem caducos... (risos)” (Leo, morador do Cidade do Entorno, 19 anos)

Em outro extremo temos os autodenominados “VASP” – Vagabundos Assumidos Sustentados pelos Pais, estes reconhecem de forma irônica que a falta de oportunidade os conduz a não preocupar-se com a questão:

- “Aqui não tem oportunidade de trabalho pra fazer... você quer que eu faça o que? Eu já até encontrei umas oportunidades, pelo meu tio que mora lá no P-Sul, eu ia trabalhar num mecânico lá. Mas assim, eu comecei, mas cheguei duas vezes atrasado de só 5 minutos, e o dono me despediu... (risos)” (Richard, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

A principal queixa dos jovens em relação ao mercado de trabalho é em relação às limitadas oportunidades que lhes são oferecidas, e pela por eles denunciada, falta de confiança da população do próprio município em contratá-los para trabalhar.

- “Logo que o shopping abriu eu fui lá, pensei, com tantas lojas tem grandes chances de eu conseguir algum trabalho né? Eu entreguei meu currículo, todo bonitinho, não tinha nenhuma experiência né... só trabalhei de babá umas vezes, e era cuidando do meu sobrinho (risos)... esperei e não me chamaram...” (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “É chato viu, incomoda muito essa falta de emprego pra nós jovens, e com isso uma grande parte busca vagas no DF, e acabam se deparando com um transporte público de péssima qualidade, onde os ônibus quebra, pega fogo... é tudo sujo.... isso porque muitos trabalham e ainda tem que estudar, ai não sobra tempo nenhum para nosso entretenimento” (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

Foi relatada também, a dificuldade de conseguir vagas de estágio, não somente na localidade, mas também em relação ao DF. No entanto, o problema no DF é outro, segundo eles, a dificuldade vem do fato que poucos querem empregar alguém que mora tão longe, visto que o custo do transporte sairia mais caro do que contratar alguém do DF.

- “Muitas vezes, não só os jovens como também os adultos tem que omitir onde mora ou correr o risco de falar onde mora e perder uma oportunidade de emprego, devido ao fato de

morar em Águas Lindas” (Diana, moradora do Cidade do Entorno, 16 anos trecho de conversa obtida em sala de aula)

- “Acho que a maior dificuldade do jovem aqui de Aguas Lindas é a oportunidade do primeiro emprego, a maioria de nós vem lutando para conseguir o seu primeiro emprego em empresas privadas, mas mesmo assim, é quase impossível conseguir um estágio. Aqui porque muitas vezes os donos de empresa não valoriza a gente, acha que somos um bando de vagabundos. Aí quando a gente procura lá em Brasília também é difícil porque quem vai querer pagar o vale transporte até aqui?” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

- “Eu fiz um estágio lá em Brasília, na Secretaria de Segurança Pública. Eu dei sorte, porque minha mãe trabalha lá como auxiliar de limpeza, aí arranjam esse trabalho pra mim. Foi durante um ano. Mas eu só fiz mais pela experiência mesmo e para me ocupar, porque não era fácil não, todo dia depois da escola, 1 hora e meia pra ir, 2 horas pra voltar de busu... fora o preço do transporte né? Mas valeu a pena...” (Giselle, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

[Segunda, 30 de setembro de 2013] Assisti pela primeira vez ao turno noturno de aulas no CEPF, perto do fim das aulas, vejo dois alunos sentados perto dos bebedouros e me aproximo deles para conversar. Uma menina de 16 anos e um menino de 19 anos. Eles me contam que estudam de noite, pois trabalham de dia. Os dois estão no 2º ano, e já estudaram no turno matutino. Ela trabalha como babá em Águas Lindas, “eu comecei a trabalhar esse ano, tô juntando um dinheiro para poder pagar minha faculdade quando eu terminar o ensino médio”. Ele aparenta ser mais reservado, acanhado, hesita em me responder quando eu lhe pergunto em que ele trabalha, mas enfim responde “tô trabalhando como auxiliar de limpeza em Águas Claras”. Pergunto a eles o que eles pretendem fazer depois de terminar o Colégio, ela responde “quero ser policial na área de policia científica”, e ele, responde, “não sei... seja o que Deus quiser”.

O relato acima é bem característico dos discursos pronunciados pelos jovens de Águas Lindas e do bairro Cidade do Entorno ao falar de seus sonhos e perspectivas profissionalizantes. Assim, enquanto alguns se sentem seguros e dispostos a “correr atrás” dos seus sonhos de carreira, outros se sentem diminuídos por antecipação, menos capazes, com uma baixa autoestima no que diz respeito a alcançar a profissão desejada.

Nas diversas entrevistas realizadas e outras conversas mantidas, sentiu-se a ambivalência entre o “sonho de carreira” e as “perspectivas frustradas”, como demonstram as falas a seguir:

- “Eu gosto de trabalhar em salão... mas o que quero mesmo é fazer direito, ir pra faculdade sabe... talvez ano que vem, to pensando em ir eu e as meninas morar lá em Brasília e fazer faculdade. Elas vão fazer outro curso. A Nanda quer fazer Educação Física, a Kate eu não sei, ela disse que não tem chances e que quer trabalhar mesmo.” (Gladson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Eu quero fazer um curso profissionalizante para ter logo um trabalho, quero ter experiência, sempre pedem experiência [...] na verdade eu sempre quis ser psicóloga ou professora, mas paga pouco e é difícil fazer faculdade.” (Jéssika, morador do Jardim Barragem IV, 16 anos)

A entrada no exército é vista pelos jovens meninos como uma excelente oportunidade. É recorrente o relato de jovens entre 17 e 19 anos que desejam se alistar. Observou-se este desejo tanto por parte daqueles que ainda estudavam, quanto por parte dos que tinham terminado os estudos, ou largado a escola, e trabalhavam ou procuravam emprego.

O exército é percebido como uma oportunidade de construir uma carreira e ter um salário digno, além de subir na escala social. Para muitas famílias, sonha-se com que seus filhos se alistem. No entanto, segundo a população local, existe uma clara discriminação quanto à aceitação pelo exército de jovens moradores de Águas Lindas. A solução encontra-se então em “mentir” sobre seu local de moradia:

- “Era meu sonho desde menino (entrar para o exército), e o da minha mãe também, porque na minha família tem dos dois lados né, tem uns que são militar, da policia né, como meu tio, e agora eu, e tem os outros... os que mexem com o tráfico essas coisas... e assim, eu tenho uns primos que já mexeram com coisa errada... eu quase fui nessa também, mas a educação da minha mãe sempre foi muito assim sabe, muito encima, aí ela sempre me incentivou a me comportar, a me alistar... ai eu consegui...” (Leo, morador do Cidade do Entorno, 19 anos)

- “Meu irmão tá doido para entrar por exército, ele e os amigos dele, desde que terminaram o Colégio eles tentaram entrar... mas parece que assim, rola um preconceito né, é mais difícil os

meninos de Águas Lindas, do entorno todo serem chamados... aí o que muitos fazem, é que quando eles tem familiares que moram no DF, eles se inscrevem com o endereço de lá sabe. Por exemplo, o A. e o G., da minha turma sabe, eles tem parentes lá na Samambaia, ai eles usam o endereço de lá pra se alistar.” (Gisele, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

3 - Percepções sobre a família

A família aparece como um pilar importante na vida dos jovens aqui estudados. Nas entrevistas e diversas conversas mantidas ao longo do trabalho de campo, apareceu de forma espontânea e recorrente à importância da instituição familiar.

- “Minha família é tudo! Simplesmente tudo! Nunca vou abandonar minha mãe, minha avó, meu irmão, até se ele é um capeta (risos)! Aliás, você sabia que de todos netos e netas dela, eu sou a única que cuida da minha avó...” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

Assim, ao fazer uma análise sociológica da família nos tempos atuais, Singly (2005) aponta e tenta entender as mudanças que ocorreram no núcleo familiar e que deram resultado a família dita “moderna”, o autor fala da crescente “autonomia individual em relação à família” (p. 21). Embora essa constatação possa ser aplicada em relação a uma parcela da sociedade brasileira atual, devido ao cada vez maior índice de divórcios, aumento das famílias ditas “recompostas”, ou ainda “mosaicas”, tal realidade não é em aparência tão difundido em localidades como Águas Lindas.

Mostram-se frequentes, os casos de jovens criados pelas famílias, mas não necessariamente pelos pais. Assim ouviu-se: “ele não é meu filho, é meu sobrinho, mas foi criado como filho” ou ainda o termo de “filho emprestado”. Esta atitude reforça a ideia de poder central da família nas classes sociais populares, em que “onde se alimenta um, se alimentam vários”.

Evidencia-se também a prevalência da “família extensa” (YOUNG e WILMOTT, 2010, p. 99-100) nos bairros populares, ou seja, famílias que criam “redes de sociabilidade”, que, segundo os autores, favorecem o sentimento de pertencimento com o bairro.

- “Ai em casa mora, eu, meu pai, minha mãe, meu tio que você conhece, a esposa dele, o filhinho deles e minha avô [...] é todo mundo no mesmo lote né, mas assim, tem duas casas lá dentro (risos)” (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

Refuta-se, em suma, a ideia segundo a qual na modernidade os vínculos familiares se enfraqueceram, e que, no sentido oposto o individualismo tem crescido. A família mudou sim, mas ela persiste sendo uma forma de socialização primordial. Não devemos então, necessariamente, opor em nossa análise da família contemporânea, “uma família tradicional e extensa” a “uma família moderna e nuclear”, e sim reconhecer que existem maiores variações de formas familiares.

Uma extensa literatura sociológica brasileira aborda as transformações sofridas pela instituição familiar na modernidade, assim como também a importância da instituição familiar para os jovens e suas trajetórias de vida (ABRAMOVAY e (ORG.), 2010).

Se a família é vista como um eixo central e norteador na vida desses jovens, a figura da “mãe” aparece mais ainda com este poder. Mostra-se expressivo o número de jovens que vivem somente com a mãe e irmãos, sem a presença paterna em casa, o que confirma a tendência nacional do crescimento de número de famílias sustentadas por mães solteiras.

A ausência do pai é vista por alguns de forma negativa, sente-se essa falta, mas para a maioria, quanto mais estes se aproximam da vida adulta, a ausência do pai passa a não ser tão questionada, quanto é valorizado o papel da mãe, como formadora de caráter e até mesmo como figura heroica.

- “Nunca conheci meu pai... nem tenho mais vontade pra falar a verdade... ele foi embora eu tinha... 4 anos eu acho... meu irmão tinha 6 anos... ele lembra mais... (Giselle, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

- “Meu pai é assim, ele nunca fala comigo né, nem quer saber de mim, ele mora lá na Cidade Ocidental e tem mais dois filhos com outra mulher lá. E assim, vai fazer dois anos que eu não vou lá, e ele nem liga pra isso. Eu morei dois anos (entre a 7ª e a 8ª série) com ele e a família dele lá na Cidade Ocidental, foi horrível, porque ele não deixava nós sair pra nada, nós ficava trancado o dia todo em casa, e se *nós saía* quando ele não tava lá quando ele voltava a esposa dele contava tudo pra ele e nós apanhava. Ele era chato. Foi péssimo morar lá, eu briguei com

a esposa dele um dia, ai os 4 ficaram contra mim né. Ai eu comecei a ficar péssimo sabe, bem triste, dai voltei pra cá.” (Gladson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Eu não conheci meu pai não, ele deixou a gente quando meu irmão menor tinha um ano e meio, eu tinha assim, 4 ou 5 anos. Ai ele nunca mais apareceu. Agora tem meu padrasto, eu não converso muito com ele não. Mas ele é legal, ele cuida muito bem da minha mãe, e também do meu irmão mais novo. Ele é mais próximo do meu irmão mais novo. O Junior (irmão mais novo) chama ele de pai, eu não, mas é como se fosse também.” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

- “Minha mãe é muito batalhadora sabe, foi ela que sempre cuidou de mim. Ela trabalha o dia todo, ela sai 6 horas da manhã e volta 7 horas da noite pra casa. Quando dá no fim de semana nós conversa bastante. Ela é faxineira lá em Águas Claras.” (Gladson, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Foi tudo graças a minha mãe, porque lá na roça era legal morar, era uma cidade tranquila, mas assim ela não queria pra gente o que ela teve pra ela, ela queria que a gente fizesse estudos, porque hoje pra tudo a gente precisa de estudo...” (Ricardo, 17 anos, morador do Bosque, 17 anos)

Nota-se aqui a semelhança com a figura da mãe nos estudos realizados nas *banlieues* francesas (BEAUD, 2003) e (LEPOUTRE, 2001) onde as mães também aparecem como aquelas que “se deve defender custe o que custar”.

Quanto ao imaginário desses jovens sobre suas futuras famílias, há uma idealização da família tradicional. Ao perguntar, por exemplo, a estes jovens entre 16 e 18 anos onde eles se viam dentro de 5 anos, poucos eram os que não se imaginavam casados e com filhos.

4 - *Ethos* religioso

Embora tenha se dado relativa pouca importância à questão religiosa no início desta pesquisa, esta temática tornou-se preponderante no seu decorrer, uma vez que, a presença religiosa, sob suas diversas formas, foi constante durante todo período em campo e mais ainda durante as entrevistas.

A moral religiosa, ou pelo menos, a reflexão em torno dela, é vista como um dos assuntos prediletos, tanto por parte dos jovens, quanto por parte dos demais moradores do bairro Cidade do Entorno e do município de Águas Lindas.

Cabe aqui destacar que, dados do IBGE, apontam profundas transformações nas práticas religiosas no Brasil, nas duas últimas décadas, período no qual a proporção de pentecostais na população total passou de 5,6%, em 1991, para 13,3%, em 2010. Mudança que, no entanto, não diminuiu a predominância do catolicismo no país, uma vez que o número absoluto de “declarados católico” só fez aumentar. Constata-se, porém, que a proporção de “católicos” no total da população teve uma queda de 18 pontos percentuais entre 1991 e 2010, passando de 83%, em 1991, para 65%, em 2010, de acordo com dados do Censo demográfico de 2010 (IBGE). Saliento também que neste mesmo período triplicou o número absoluto de pessoas que se declaram “sem religião”, representando 8% da população brasileira em 2010.

Totalmente leigo sobre essa temática, procurei empenhar-me mais a observação de tal realidade. Assim, em um primeiro momento, tentei compreender de onde partia a vontade de adesão a tal ou tal crença, e, a saber, se esta escolha era motivada pela família, pelos amigos e/ou companheiros, ou por livre e espontânea vontade.

Se, a priori, pensava-se que a escolha religiosa era influenciada essencialmente pelos familiares, esta hipótese revelou-se em parte falsa (considerando as respostas obtidas durante as entrevistas), e pelo contrário, descobriu-se que muitas vezes as escolhas se fazem em resistência a crença familiar. Como testemunham essas falas:

- “Eu nasci cristã... católica, por causa da minha mãe... aí eu fui batizada, catequisada, ia pra Igreja com meus pais todo domingo... essas coisas sabe, mas eu me considero hoje

evangélica... é a fé que eu escolhi pra mim, a que mais combina com que eu sou e que respeita o que sou...” (Daniela, moradora do Cidade do Entorno, 16 anos)

- “- Minha família é toda cristã, lá da Assembleia de Deus, quando eu era menor eu ia com eles pra lá... meu pai não é muito crente não (risos), mas minha mãe, demais. No início eu gostava, quando criança né, eu tinha muitas amizades na Igreja e eu acreditava muito na minha fé... mas ai eu fui virando adolescente né, e as coisas meio que mudaram, eles meio que não me aceitavam como eu queria ser...

- Como você queria ser Kelly?

- Assim, eu comecei a gostar mais de rock... e meio que eu me vestia mais com roupas pretas, gosto de usar calça jeans assim rasgada, maquiagem preta no olho, alargador... e eles começaram a me olhar estranho quando eu ia lá pra Igreja, meus amigos se afastaram de mim, me rejeitaram... eles não me aceitavam mais como eu era... ai eu me afastei de vez...” (Kelly, morador do Cidade do Entorno, 17 anos)

Constatou-se também, a adesão a “novas Igrejas” - em resistência, ou não, a crença familiar - por incitação de amigos e namorados/as.

- “Em casa meus pais são católicos né, mas não muito praticantes (risos), eles quase não vão para Igreja, não oram... foi o Jonathan, meu namorado que me aproximou da Igreja dele (Igreja Neopentecostal), e eu gosto de ir lá porque é um programa que a gente faz juntos...” (Viviane, moradora do Condomínio Pôr do Sol, 14 anos)

- “É, meus pais se dizem católicos, mas não muito na verdade... também eu sempre fui muito rebelde, principalmente quando eu era adolescente [...] hoje eu me aproximei mais da Igreja por causa da minha namorada, ele é bem evangélica” (Alex, morador do Cidade do Entorno, 19 anos)

- “Meus amigos são todos da Igreja, eu tenho amigos na escola... mas só encontro com eles mais na escola mesmo... tenho mais amigos lá na minha Igreja, na minha célula, estamos até formando uma banda.” (João Pedro, morador do Cidade do Entorno, 15 anos)

“É eu saio mais com o pessoal da Igreja, e algumas exceções assim da escola né, ali eu ando com a Carolina e o Lucio e só né. A Carolina por causa da Igreja né, ela é vizinha da Igreja (...) de vez em quando ela vai para Igreja também né.” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

A família continua, no entanto, em alguns casos a ser instigadora de adesão religiosa:

“Quando eu morava com minha mãe lá em Goiânia, eu não era um jovem de fé não, mas quando eu vim para Águas Lindas morar mais meu pai eu comecei a me aproximar da Igreja dele né” (Samuel, morador do Jardim Brasília, 18 anos, filho de pai pastor)

Mostraram-se também, em função dos relatos obtidos, outras motivações para a adesão e/ou para a reorientação da crença religiosa, na trajetória de vida da população jovem da localidade observada.

A motivação preponderante de adesão às Igrejas Neopentecostais, é o fato de relatarem com certa frequência que, “lá eles me aceitam como eu sou”:

- “Não sou dessas meninas que deixam o cabelo crescer até o chão não! Tô fora! E eu odeio usar vestido, odeio saia... porque eu sou baixinha e magrela, daí as pessoas zombam de mim, fico parecendo uma vareta... gosto de me vestir mais *street* entende... lá na Igreja que eu vou, às vezes, as pessoas me deixam ser assim... e me respeitam. (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos, frequenta a Igreja onde o pai de Samuel é pastor)

- “Lá eles me aceitam como eu sou, antes na igreja que eu ia com meus pais eles falavam que eu não podia usar bijuterias, saia curta, shortinho. Lá não, eles me deixam ser como eu quero.” (Viviane, moradora do Condomínio Pôr do Sol, 14 anos)

Há também casos, embora mais raros, do que podemos denominar de “demissão religiosa”, ou seja, jovens que já foram praticantes e que por diversos motivos afastaram-se da prática religiosa e defendem “com fervor”, o “lado perverso e contraditório das religiões”. Dois alunos assim chamaram-me a atenção nesse sentido:

- “Minha mãe é católica, aí eu fui criada como católica né... aí adolescente eu comecei a questionar muitas coisas erradas do catolicismo sabe... aí eu me aproximei do protestantismo... fui evangélica assim, por três meses... mas foi a mesma decepção... a religião esconde muitas coisas ruins sabe... não consigo não ver isso.” (Giselle, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

- “Você não acha um absurdo professor? Afinal o Brasil é um país laico né? Então porque os hospitais públicos como aqui, se chama “Bom Jesus”? E a Santa na entrada do Jardim Brasília? Deveria ser retirada sim, o Brasil é um país multireligioso, mas é laico, tá na constituição!” (Kevin, 17 anos)

Depois de finalizadas as entrevistas, percebi que desde o início deveria ter considerado mais a temática religiosa, tão impregnada e presente no cotidiano da população escolhida para estudo.

Em suma, a localidade aparece como um “laboratório” para a investigação das transformações religiosas ocorridas e que ainda ocorrerão no Brasil nos próximos anos, sobretudo no que concerne a adesão das populações jovens.

Considerações finais

O objetivo dessa dissertação foi de demonstrar, por meio de uma pesquisa etnográfica, a importância do bairro na construção e na reprodução de trajetórias de vida e de sociabilidades, assim como, o poder socializador do local e contexto residencial.

Múltiplos estudos apontam a desorganização social, a violência, a miséria urbana e exclusão social como a realidade das “periferias das periferias”. Postulou-se com esta pesquisa, ir além, visando compreender, não com o olhar enviesado da cultura hegemônica, mas inserindo-se no contexto local com um novo olhar considerando e valorizando as diferenças e a partir desta nova forma de ver, descobrir as ricas e heterogêneas sociabilidades que brotam nessas localidades.

Concluiu-se que as configurações espaciais influenciam sim nas trajetórias de vida e nas sociabilidades juvenis no bairro Cidade do Entorno.

Os “efeitos de bairro” não devem ser apreendidos tão somente do ponto de vista negativo, no qual as relações sociais do conjunto dos habitantes são organizadas e dominadas pela violência e pela insegurança.

O estudo não negligenciou a persistência do peso da estigmatização territorial nessas localidades, mas descobriu e percebeu a criação de diversas estratégias para desvencilhar-se de tais atributos estigmatizantes, que são impostos as populações locais e, principalmente aos jovens dos bairros periféricos como o *Cidade do Entorno* em Águas Lindas de Goiás.

Em suma, foram observadas, três formas distintas de gerenciamento do estigma por parte dos jovens do bairro Cidade do Entorno: enquanto uns, aceitam e reproduzem a imagem negativa associada ao bairro; outros procuram neutralizar de forma irônica, sarcástica e lúdica a imagem negativa vinculada ao setor e; outros, negam a imagem associada ao seu local de moradia e deslocam essa imagem negativa para “o outro”.

Em uma observação direta do cotidiano, o foco foi em, como os jovens se apropriam do espaço. Foram observados os agentes em suas práticas, mostrando que o destino social destes é mais amplo e heterogêneo do que é comumente veiculado pela

mídia e pela opinião hegemônica. Buscou-se entender as histórias de vidas no contexto do bairro por meio da perspectiva do outro.

Em suma, o objetivo foi de compreender este “mundo dos jovens” na intenção de dissipar o estigma que condena o destino social dessa juventude a violência.

Bibliografia

ABRAMOVAY, M. (org.). **Gangues, Gênero e Juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos - SDH, 2010.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (org.) Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa**, p. 143-176, 2002.

AGIER, M. **L'invention de la ville. Banlieues, townships, invasions et favelas**. Paris: Editions des archives contemporains, 1999.

AGIER, M. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ANDRADE, C. C. D. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. Brasília: Tese de Doutorado em Antropologia Social - Unb, 2007.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARIAS, E. D. Faith in our neighbors: networks and social order in three brazilian favelas. **Latin American Politics and Society**, v. 46, nº1, 2004.

ARIÈS, P. **L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime**. Paris: Seuil, 1975.

ATKINSON, R.; KINTREA, K. Disentangling area effects: evidence from deprived and non-deprived neighborhoods. **Urban Studies**, v. 38, p. 2277-2298, 2001.

AUTHIER, J.-Y. Les citadins et leur quartier. **L'Année Sociologique**, v. 58, n. Nº 1, p. 21-46, 2008.

BACQUÉ, M.-H.; FOL, S. Effets de quartier: enjeux scientifiques et politiques de l'importation d'une controverse. In: AUTHIER, J.-Y., et al. **Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales**. Paris: La découverte, 2006. p. 181-193.

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

- BEAUD, S. **80% au bac. et après? Les enfants de la démocratisation scolaire.** Paris : La découverte, 2003.
- BEAUD, S.; PIALOUX, M. **Violences urbaines, violence sociale. Genèse des nouvelles classes dangereuses.** Paris: Hachette Littératures, 2003.
- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guide de l'enquête de terrain. Produire et analyser des données ethnographiques.** Paris: La découverte, 2003.
- BECKER, H. S. **Les mondes de l'art.** Paris: Flammarion, 1988.
- BECKER, H. S. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BERTAUX, D. **Le récit de vie.** Paris: Armand Colin, 2010.
- BERTRAN, P. **História da terra e do homem no Planalto Central. Eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador.** Brasília: Solo Editores, 1994.
- BLUMER, H. **Symbolic Interactionism. Perspective and Method.** California University, 1986.
- BORGES, J. M. **Políticas habitacionais, condições de moradia, identidade e subjetividade no Programa Minha Casa, Minha Vida em Águas Lindas de Goiás.** Brasília: Dissertação de Mestrado em Geografia - Unb, 2013.
- BORGES, W. A.; ROCHA, M. M. A compreensão do processo de periferização urbana no Brasil por meio da mobilidade centrada no trabalho. **Geografia**, Rio Claro, Vol.29, nº3, p. 383-400, 2004.
- BOURDIEU, P. La jeunesse n'est qu'un mot. In: BOURDIEU, P. **Question de sociologie.** Paris: Editions de Minuit, 1978.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, P. Effets de lieux. In: BOURDIEU, P. (org.) **La misère du monde.** Paris: Points - Essais, 2007.
- BOURDIEU, P. (org.). **La misère du monde.** Paris: Points - Essais, 2007.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **La reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement.** Paris: Minit, 1970.

BRANDÃO, C. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

BURGESS, E. W. La croissance de la ville. Introduction à un projet de recherche. In: GRAFMEYER, Y.; JOSEPH, I. **L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine.** Paris: Champs - Flammarion, 2004. p. 131-148.

CASALECCHI, G. A. Resenha de Jovens na metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade, de MAGNANI e SOUZA, (org.), 2007. **Cadernos de campo,** São Paulo, n. 18, p. 319-322, 2009.

CHAMBOREDON, J.-C.; LEMAIRE, M. Proximité spatiale et distance sociale. **Revue Française de Sociologie,** 1970.

CODEPLAN. **A evolução da mortalidade no Distrito Federal na Área Metropolitana de Brasília (AMIB) entre 2000 e 2010.** Brasília. 2012.

CODEPLAN. **A Área de influência de Brasília e proposta de ampliação da RIDE do DF e Entorno.** Brasília. 2013.

CODEPLAN. **Evolução do IDH do Distrito Federal e dos municípios da Área Metropolitana de Brasília comparativamente às demais unidades da federação e municípios do Brasil.** Brasília. Agosto de 2013.

CODEPLAN. **Possíveis impactos do projeto de lei complementar nº416/2008 - Criação de novos municípios na Área Metropolitana de Brasília.** Brasília. Agosto de 2013.

CODEPLAN. **A dinâmica migratória na área metropolitana de Brasília - AMB entre 1991 e 2010.** Brasília. fevereiro de 2013.

CODEPLAN. **Distribuição da população das regiões administrativas do DF e de sua periferia metropolitana, segundo classes de renda e segmentos sociais.** Brasília. Janeiro de 2013.

CODEPLAN. **Perfil socioeconômico dos moradores dos municípios da Área Metropolitana de Brasília - PMAD/2013.** Brasília. Janeiro de 2013.

CODEPLAN. **Evolução dos movimentos migratórios para o Distrito Federal: 1959-2010**. Brasília. Maio de 2013.

CODEPLAN. **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio na Área Metropolitana de Brasília - ODM**. Brasília. Outubro de 2011.

CORDEIRO, G.; COSTA, A. F. D. Bairros, contexto e intersecção. In: VELHO, G. (org.) **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

COSTA, A. T. M.(org.). **Avaliação dos homicídios no Entorno do Distrito Federal**. UnB. Brasília. novembro de 2013.

COSTA, A. T. M.; SOUZA, D. B. D. A violência no eixo Brasília-Goiânia. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. vol. 6, p. 298-311, 2012. ISSN 2.

DIÓGENES, G. M. D. S. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1998.

DUBET, F. **La galère: jeunes en survie**. Paris: Fayard - Points, 2008.

DURKHEIM, É. **Les règles de la méthode sociologique**. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2009.

ELLEN, I.; TURNER, M. A. Does neighborhood matter? Assessing recent evidence. **Housing Policy Debate**, p. 833-866, 1997.

FERREIRA, I. B. Do rural ao urbano na periferia do DF. In: PAVIANI, A.(org.), **Urbanização e metropolização. A gestão dos conflitos em Brasília**. Brasília: Editora UnB, 1987. p. 146-162.

FERREIRA, I. C. B.; PENNA, N. A. Território da violência. In: PAVIANI, A.(org.). **Brasília: Dimensões da Violência Urbana**. Brasília: Unb, 2005. p. 57-86.

FOOTE WHYTE, W. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GALLAND, O. **Sociologie de la jeunesse**. Paris: Armand Colin, 2004.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. Basic books, 1973.

GILBERT, P. "Ghetto", "relégation", "effets de quartier". Critique d'une représentation des cités. **Métropolitiques**, Fevereiro 2011.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

GRAFMEYER, Y. Sociabilités urbaines. In: ASCHER, F. **Le logement en questions. L'habitat dans les années 1990: continuités et ruptures**. Éditions de l'Aube, 1995. p. 189-212.

GRAFMEYER, Y. Le quartier des sociologues. In: AUTHIER, J.-Y., et al. **Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales**. Paris: La découverte, 2006. p. 21-31.

HERTZMAN, C. **Leave no child behind! Social exclusion and child development**. Toronto: Laidlaw Foundation, 2002.

JOSEPH, I. **Le passant considérable. Essai sur la dispersion de l'espace public**. Paris: Librairie des méridiens, 1984.

JOSEPH, I. **La ville sans qualités**. Paris: Éditions de l'Aube, 1998.

JOSEPH, I.; GRAFMEYER, Y. **L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine**. Paris: Champs, Flammarion, 2004.

KEARNS, A.; PARKINSON, M. The significance of neighborhood. **Urban Studies**, 2001.

LAHIRE, B. **L'homme pluriel. Les ressorts de l'action**. Paris: Pluriel, 2011.

LEPOUTRE, D. **Coeur de banlieue. Codes, rites et langages**. Paris: Odile Jacob Poches, 2001.

MACKENZIE, R. D. L'approche écologique dans l'étude de la communauté humaine. In: GRAFMEYER, Y.; JOSEPH, I. **L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine**. Paris: Champs - Flammarion, 2004. p. 149-166.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, J. C. **Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Hucitec, 2004.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro. Trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana.** São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. D. (org.). **Jovens na Metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAUGER, G. Enquêter en milieu populaire. **Genèses, nº 6,** Paris, 1991.

MINAYO, M. C. D. S. Prefácio. In: CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M.(org.). **Nem soldados, nem inocentes.** Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 11-21.

MONTES, M. L. Cultura, Violência e Organizações Comunitárias. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (org.). **A violência urbana.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

NIZET, J.; RIGAUX, N. **La sociologie de Erving Goffman.** Paris: La découverte, 2005.

NÓBREGA, M. D. D. S. **Representações sociais da moradia e da natureza dos moradores de loteamentos de baixa renda em Águas Lindas de Goiás - GO.** Brasília: Dissertação de Mestrado em Geografia - UnB, 2009.

NUNES, B. F. **Brasília: a fantasia corporificada.** Brasília: Paralelo 15, 2004.

NUNES, B. F. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. **Sociedade e Estado,** p. 647-678, 2007.

NUNES, B. F. (org.). **Brasília: a construção do cotidiano.** Brasília: Coleção Biblioteca Brasiliense, 1997.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude. Alguns contributos. **Análise Social,** Lisboa, v. 25, p. 139-165, 1990.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PARK, R. E. La ville. Propositions de recherche sur le comportement humain en milieu urbain. In: GRAFMEYER, Y.; JOSEPH, I. **L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine**. Paris: Champs - Flammarion, 2004. p. 83-130.

PAVIANI, A. (org.). **Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília**. Brasília: Editora Unb, 1987.

PAVIANI, A. Periferização urbana. In: PAVIANI, A.(org.). **Urbanização e metropolização. A gestão dos conflitos em Brasília**. Brasília: Unb, 1987. p. 33-51.

PAVIANI, A. A violência do desemprego. In: PAVIANI, A.; FERREIRA, C. B.; BARRETO, F. F. P. (org.) **Brasília: dimensões da violência urbana**. Brasília: UNB, 2005. p. 193-218.

PAVIANI, A. Geografia urbana do Distrito Federal: Evolução e tendências. **Espaço & Geografia, Vol. 10, nº1**, p. p. 1-22, 2007.

PAVIANI, A. A metrópole terciária: evolução urbana socioespacial. In: PAVIANI, A.(org.) **Brasília 50 anos: da capital a metrópole**. Brasília: Unb, 2010. p. 227-252.

PAVIANI, A.(org.). **Brasília, ideologia ou realidade. Espaço urbano em questão**. Brasília: Projeto, 1985.

PAVIANI, A.; FERREIRA, I. C. B.; BARRETO, F. F. P. (org.). **Brasília: Dimensões da violência urbana**. Brasília: UNB, 2005.

PELUSO, M. L. Contradições e conflitos no espaço de classes: centro versus periferia. In: PAVIANI, A. (org.) **Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília**. Brasília: Editora Unb, 1987.

PELUSO, M. L. Contradições e conflitos no Espaço de Classes: centro versus periferia. In: PAVIANI, A. (org.). **Urbanização e metropolização. A gestão dos conflitos em Brasília**. Brasília: Unb, 1987.

PNUD; SENASP; UNB. **Avaliação dos homicídios no Entorno do Distrito Federal**. Brasília. 2013.

PUTNAM, R. Social capital: measurement and consequences. **Isima-Canadian Journal of Policy Research**, p. 41-52, 2001.

QUEIROZ, E. P. D. **A migração intrametropolitana no Distrito Federal e Entorno: o conseqüente fluxo pendular e o uso dos equipamentos urbanos de saúde e educação.** Setembro 2006.

QUEIROZ, E. P. D. **A formação histórica da região do Entorno do Distrito Federal: dos municípios-gênese à presente configuração territorial.** Brasília: Dissertação de Mestrado em Geografia - Unb, 2007.

RAMADIER, T. Mobilité quotidienne et attachement au quartier: une question de position? In: AUTHIER, J.-Y.; BACQUÉ, M.-H.; GUÉRIN-PACE, F. **Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales.** Paris: La découverte, 2006. Cap. 10, p. 127-138.

RIBEIRO, R. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2004.

ROMERO, M. A. B. A violência e as condições degradantes do meio urbano. In: PAVIANI, A.; FERREIRA, I. C. B.; BARRETO, F. F. P. **Brasília. Dimensões da violência urbana.** Brasília: Editora Unb, 2005. p. 133-161.

ROSE, D.; SÉGUIN, A.-M. Les débats sur les effets de quartier: que nous apprennent les approches centrées sur les réseaux sociaux et le capital social? In: AUTHIER, J.-Y.; BACQUÉ, M.-H.; GUÉRIN-PACE, F. **Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales.** Paris: La découverte, 2006. p. 217-228.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade.** Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia.** São Paulo: USP, 2007.

SENNI, A.; PITTE, J.-M. **L'ascenseur social est en panne. j'ai pris l'escalier.** Paris: Éditions de l'Archipel, 2005.

SILVA, A. M. D. A RIDE - reflexões sobre o Entorno do DF. In: MULHOLLAND, T.; FARIA, D. **DF em questão. A universidade e as eleições de 2006**. Brasília: Editora UnB, 2006. p. 53-64.

SIMMEL, G. **Sociologie et epistémologie**. Paris: PUF, 1991.

SIMMEL, G. **Sociologie. Études sur les formes de la socialisation**. Paris: PUF, 1999.

SIMMEL, G. Métropole et vie mentale. In: ISAAC, J.; YVES, G. **L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine**. Paris: Champs-Flammarion, 2004.

SINGLY, F. D. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Armand Colin - Collection 128, 2005.

SOARES, L. E. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUTRENON, E. Le "questionnaire ethnographique". Réflexions sur une pratique de terrain. **Genèses** 60, p. 121-137, 2005.

TAVARES, B. **Na quebrada, a parceria é mais forte - Juventude hiphop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal**. Brasília: Tese de Doutorado em Sociologia- UnB, 2009.

THÉRY, H. "Brasília" De la capitale à la métropole? **Vingtième siècle. Revue d'histoire** n° 81, v. 1, p. 93-105, 2004.

TOURAINÉ, A. **Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents**. Paris: Fayard, 1997.

UNODC. **Gestão e Governança da Segurança Pública no Distrito Federal e Entorno**. Brasília. 2011.

VALLADARES, L. Les trois dogmes de la pensée savante sur la favela. In: AUTHIER, J.-Y.; BACQUÉ, M.-H.; GUÉRIN-PACE, F. **Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales**. Paris: La découverte, 2006. p. 52-64.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. vol.22, 2007. ISSN n° 63.

- VANDENBERGHE, F. **La sociologie de Georg Simmel**. Paris: La découverte, 2009.
- VELHO, G.; ALVITO, M. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: 1996, UFRJ/FGV.
- WACQUANT, L. **Parias urbains. Ghetto, banlieues, État**. Paris: La découverte, 2005.
- WASELFISZ, J. J. **Homícidios e juventude no Brasil - Mapa da Violência 2013**. Brasília. 2013.
- WIKSTROM, P.-O. Communities and crime. In: TONRY, M. **The Handbook of crime and punishment**. Oxford University Press, 1998. p. 269-301.
- YOHANA, E. Relations d'enquête et positions sociales. Une enquête auprès de jeunes d'une cité de banlieue. **Genèses, n° 20**, p. 126-142, 1995.
- YOUNG, M.; WILMOTT, P. **Le village dans la ville. Famille et parenté dans l'Est londonien**. Paris: PUF, 2010.
- ZALUAR, A. Crime e castigo vistos por uma antropóloga. In: ZALUAR, A. (org.) **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV, 2004a.
- ZALUAR, A. (org.) **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV, 2004b.
- ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, p. 145-164, 2001.

Anexos

Lista de entrevistados

Nome fictício	Idade	Bairro em que reside
Tayson	13	Cidade do Entorno
Viviane	14	Condomínio Por do Sol
Fernando	14	Cidade do Entorno
João Pedro	15	Cidade do Entorno
Aline	16	Setor 9
Daniela	16	Cidade do Entorno
Jéssika	16	Jardim Barragem IV
Roberto	16	Cidade do Entorno
Gisele	17	Jardim Barragem IV
Kelly	17	Cidade do Entorno
Richard	17	Cidade do Entorno
Gladson	17	Cidade do Entorno
Ricardo	17	Bosque
Wilson	18	Cidade do Entorno
Bernardo	18	Jardim Brasília
Samuel	18	Jardim Brasília
Alex	19	Cidade do Entorno
Leo	19	Cidade do Entorno
Lúcio	19	Cidade do Entorno
Walter	22	Cidade do Entorno

Nota: Em realce, pessoas que não foram formalmente entrevistadas

Roteiro das entrevistas

Apresentação geral

1. Qual sua idade?
2. Em que bairro você mora? Há quanto tempo? Você sempre morou nesse bairro?
3. Você nasceu aqui? Desde quando você mora em Águas Lindas?
4. De onde são seus pais? Você sabe o motivo que os fez mudar para Águas Lindas? E quando foi? Com o que trabalham seus pais e onde?
5. Você tem mais família na cidade? E no Distrito Federal?
6. Conte-me um dia típico seu. E aos finais de semana, o que você faz? E de noite?
7. Como você costuma se locomover, que tipo de transporte você usa mais?

Família

1. Você mora com quem? Você tem irmãos/irmãs?
2. Você mora com seus avós/tios/primos?
3. Como você definiria sua relação com seus pais? E com os demais membros de sua família?
4. Você costuma visitar seus familiares que moram em outro município ou no DF?
5. Qual tipo de programa você costuma fazer em família?

Escola

1. Desde quando você estuda no CEPF?
2. Em que escola você cursou o ensino fundamental? Era particular ou pública?
3. Você gosta de ir ao Colégio? E do CEPF, você gosta?
4. Como é sua relação com os professores do Colégio? E com os demais alunos?
5. Que tipo de aluno você é? (cdf, bagunceiro, popular, preguiçoso, discreto...).
6. O que você gosta e o que você acha que poderia e deveria melhorar no CEPF?
7. Quem são seus amigos no Colégio? Você encontra com eles fora da escola?
8. Você já testemunhou formas de violência no Colégio? Como você reagiu?
9. O que representa a escola para você? Qual o papel da escola e da educação?

Amizades

1. Você tem amigos no Colégio? E fora do Colégio?
2. Você tem amigos na sua vizinhança?
3. Você tem um grupo de amigos com quem você sempre anda?
4. Se sim, o que vocês costumam fazer juntos? Onde vocês costumam se encontrar?
5. Se não, porque motivo? Você sempre foi mais caseiro, discreto, introvertido?

Lazer

1. Como você costuma se divertir? O que você gosta de fazer para se divertir no dia a dia? E aos finais de semana? E de noite? Como você se locomove para tais lugares?
2. Você se identifica com alguma tribo urbana? Qual? E qual o point de encontro de vocês?
3. Você gosta de praticar esportes? Qual?
4. Qual seu estilo musical?
5. Você tem namorado/namorada?
6. O que você acha que falta de lazer, para você jovem na cidade? E no seu bairro?
7. O que seus pais e sua família acham de suas escolhas de lazer e amizade?

Relação com o bairro e a vizinhança

1. Você mora no bairro ____ há tantos anos/meses, qual a relação que você tem com seus vizinhos?
2. Você tem amizades na vizinhança? Você conhece seus vizinhos?
3. Você conhece muita gente na sua vizinhança ou quase ninguém?
4. O que você acha do bairro em que você mora?
5. Você sente que existe rivalidade entre os bairros da cidade? Se sim, entre quais? E por quais motivos ocorre essa rivalidade?
6. E solidariedade entre vizinhos, existe no seu bairro?
7. Você considera seu bairro violento? Por que motivo? Você se mudaria para outro lugar?
8. Você já morou em outro bairro? Era melhor lá? Porque?

Trabalho

1. Você trabalha? Já trabalhou?
2. Onde você trabalha? Ou onde você já trabalhou? Conte-me suas experiências.
3. Por que você começou a trabalhar? Foi por incentivo dos seus pais ou por vontade própria? O que seus pais acham de você trabalhando?
4. Você ajuda em casa com o que você recebe? Como você gasta o que ganha?
5. Você já trabalhou com carteira assinada? Como você conseguiu esse trabalho?
6. Você achou difícil procurar um emprego? Você ainda está procurando?

Religião

1. Você se considera uma pessoa religiosa? Qual sua religião?
2. Sua família também é religiosa? Vocês frequentam a mesma Igreja?
3. Qual a importância da religião na sua vida? Você sempre pensou assim?
4. Você vai a Igreja? Com que frequência?
5. Como você aderiu a Igreja que você frequenta, por relações familiares? Por meio de amigos? Por ser na vizinhança? Ou sozinho?

Violência

1. Você acha Águas Lindas uma cidade violenta? Se sim, em que você se baseia para achar isso? Se não, e o que os outros falam o que você acha disso?
2. Você já foi vítima de algum tipo de violência?
3. Você acha que os jovens daqui são violentos? Se sim, você se considera violento?
4. Você já sofreu algum tipo de discriminação por ser de Águas Lindas, e de tal bairro? Como você se sentiu com isso?

Perspectivas Futuras

1. O que pretende fazer ao terminar o Colégio?
2. Você quer cursar faculdade? Que curso pretende fazer?
3. Como e onde você se vê dentro de 5 anos/ com uns 25 anos?

➔ O que é “ser jovem” para você?